

Altrack's



O Duque
e a Fugitiva

Madison Saunders

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O Duque e a Fugitiva - Almack's 14

Madison Saunders

Candice Press

Annette fugiu do colégio e foi ao duque de Mallory que coube a sorte – ou talvez o azar – de encontrá-la na estrada. Ousada, atrevida, malcriada, impertinente, desobediente... Mallory já tinha dificuldade em encontrar um novo adjetivo para a jovem quando descobriu-se apaixonado por ela. E agora? Teria coragem de abandonar suas amantes e dedicar-se a somente uma mulher? E Annette? Corresponderia a esse amor? Ou preferiria continuar sua vida de aventuras?

Copyright © 2014 by Madison Saunders

Todos os direitos reservados. Exceto para uso em qualquer análise, a reprodução ou utilização deste trabalho, no todo ou em parte, em qualquer forma ou por quaisquer meios eletrônicos, mecânicos ou outros, atualmente conhecido ou futuramente inventado, incluindo xerografia, fotocópia e gravação, ou qualquer armazenamento de informação ou sistema de recuperação, é proibido sem a permissão escrita do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Publisher: Candice Press
Capa: Sunshine Design

CAPÍTULO I

Um dos guias dos quatro cavalos da carruagem mancou. O duque de Mallory blasfemou baixinho. Depois, fez a carruagem parar. O laçao pulou do assento traseiro do faetonte.

– Deve ter sido uma pedra, milorde – disse, correndo para a frente.

– Estas estradas são péssimas.

– Sim. péssimas – concordou o duque, evitando um termo mais forte.

Prendeu a rédea na parte dianteira do faetonte e também desceu.

A estrada era de fato muito pedregosa, e ele não se admirou por ver que uma pedra tinha entrado no casco do cavalo.

Achou, que talvez estivesse dirigindo a uma velocidade excessiva, numa estrada tão ruim, mas tinha pressa de chegar a Londres e de se afastar da chateação que tinha suportado enquanto era hóspede de uma casa perto de St. Albans, aonde fora para assistir à luta entre dois conhecidos pugilistas.

Foi uma luta excelente. O duque apostou uma grande quantia no que acabou vencendo. Mas, tanto a companhia do anfitrião quanto a comida tinham sido medíocres, do princípio ao fim.

A verdade era que o duque não se divertia com facilidade, achando muitas coisas e muitas pessoas "mortalmente tediosas", conforme ele mesmo dizia.

Era uma agradável manhã de primavera. Viam-se muitas flores silvestres no meio do capim ao lado da estrada. Havia prímulas nas sebes, os jacintos formavam um tapete azul sob as árvores da mata.

O duque viu o laçao tirar a pedra do casco do cavalo, com todo o cuidado, para não soltar a ferradura.

Olhou com prazer para os animais, negros e combinando perfeitamente uns com os outros; eram os cavalos mais perfeitos que podiam ser vistos no Four-In-Hand Club. O duque sabia que nenhum outro sócio possuía animais tão bons.

Caminhou pela grama, para esticar as pernas, pouco lhe importando que o pólen manchasse suas botas, que tinham sido lustradas com champanhe, conforme recomendava o Belo Brummell.

A seu lado erguia-se um muro de tijolos, mais alto do que os que costumavam cercar os parques das residências de aristocratas.

Os tijolos, estreitos e antigamente vermelhos, tinham ficado escuros com o tempo, adquirindo um tom rosa sujo que fez com que o duque, um perito em antiguidades, soubesse que eram da época elisabetana.

A luz do sol, brilhando nos tijolos, tornava-os de fato muito bonitos, e

Mallory desejou que o muro que cercava sua mansão, em Oxfordshire, tivesse a mesma cor. De repente, um objeto pesado passou rente à sua cabeça, não a atingindo por uma questão de milímetros.

Caiu aos pés do duque com ruído. Ele viu, com espanto, que se tratava de uma valise, não pesada demais para se carregar, mas, sem dúvida, perigosa, se tivesse atingido sua cabeça. Olhou para o muro e percebeu, no alto um vulto feminino. Surgiu, escandalosamente, um par de pernas bem-feitas, antes que a dona caísse no chão com graciosa agilidade, firmando-se nos pés, em vez de se esparramar, como era de esperar. A moça se virou, e só então viu o duque, com a valise a seus pés.

– Você fez uma coisa muito perigosa – disse ele, friamente. – Se a valise me atingisse, poderia ter me matado.

– Como é que eu ia saber que havia uma pessoa justamente no único lugar por onde eu poderia descer?

Aproximou-se do duque, ao falar, e ele notou que ela segurava o chapéu na mão e que seus cabelos eram louros com reflexos avermelhados.

Examinou-o. Seus olhos eram grandes, um pouco puxados nos cantos, o que lhes dava uma expressão maliciosa. Nos lábios havia

um trejeito petulante.

Não era exatamente bonita, mas o duque achou que tinha um rosto fascinante, diferente do de qualquer jovem que conhecia.

– Suponho que esteja fugindo.

– Eu seria louca de pular o muro, se pudesse sair pelo portão respondeu a moça. Curvou-se para pegar a valise e nesse momento notou os cavalos do duque. – São seus? – perguntou, atônita

– São, mas uma pedra entrou no casco do guia, devido às suas estradas abomináveis, senhorita!

– Minhas, não! Mas eles são maravilhosos! São os cavalos mais magníficos que já vi!

– Sua opinião muito me honra – respondeu o duque, irônico

– Para onde você vai?

– Para Londres.

– Então, por favor, por favor, me leve também. É para lá que quero ir, e nada me daria maior prazer do que ser conduzida por animais tão perfeitos.

Ao dizer isso, aproximou-se dos cavalos, esquecendo a valise que ainda estava aos pés do duque.

– Creio que é meu dever perguntar de quem está fugindo e por quê disse ele.

A moça admirava os cavalos, com olhos brilhantes.

– São soberbos! – disse, ofegante. – Como conseguiu encontrar quatro animais que combinassem tanto?

– Eu lhe fiz uma pergunta – insistiu o duque.

– Sobre o quê? – perguntou, distraída. E depois: – Estou fugindo da escola. E, a não ser que o senhor queira que descubram minha ausência, é melhor irmos andando.

– Não quero me envolver em nada censurável.

– Que maneira pedante de falar! – zombou a moça. – Mas, se não me levar, então Ted, o açougueiro, me levará. Deve aparecer por aqui a qualquer momento.

– Tem encontro marcado com ele?

– Não, mas falei com Ted sobre os cavalos dele e sei que me fará esse favor. – Olhou para a estrada, ao dizer isso, e depois de novo para o duque. – Leve-me, por favor... Nada do que possa dizer ou fazer me fará voltar, de modo que tem que ser o senhor ou Ted.

Mas eu gostaria muito de ser conduzida por esses cavalos. Nesse momento, o criado do duque se aproximou.

– Agora, está tudo em ordem, milorde. A moça ainda fitava o duque.

– Por favor – pediu, baixinho.

– Eu a levo, com uma condição.

– Qual é?

– Que me conte por que está fugindo. Se eu não achar o motivo válido, devolvo-a à escola, menina.

– Não pode ser tão traiçoeiro! Mas, na realidade, meu motivo para fugir é muito bom.

– É melhor que seja.

Ajudou-a a subir na carruagem e pegou as rédeas.

O laçao apanhou a valise, colocou-a na parte de trás do faetonte, subiu para o assento de onde tinha descido e a carruagem partiu.

Seguiram durante algum tempo em silêncio. O duque compreendeu que a moça não estava pensando nele, e sim, nos cavalos.

– Estou esperando – avisou.

– Esperando o quê?

– Você sabe muito bem. E tenho a impressão de que está adiando as explicações para ser levada o mais longe possível da escola, antes de me contar o que houve.

Ela sorriu de um modo encantador.

– Isso é muito inteligente da sua parte.

– Não sou obtuso como parece pensar – respondeu ele, com ironia.

– com quem vai se encontrar, quando chegar a Londres?

A moça deu uma risada.

– Gostaria de poder dizer que é um namorado ardente e apaixonado, mas garanto-lhe que, se existisse um, eu teria feito com que ele viesse me buscar, em vez de ter que confiar em Ted, ou na sorte de encontrar um estranho como o senhor.

– Nenhum namorado? Então, por que essa pressa de chegar a Londres?

– Porque estou velha demais para continuar na escola e meu tutor horrível e malvado insiste em que eu passe todas as férias em Harrogate.

– Que há de errado em Harrogate?

Há tudo de errado em Harrogate! É maçante, está cheia de gente velha e doente. Quando estive lá, nas férias de Natal, não conheci nenhum homem, a não ser o vigário.

O tom da moça era tão zangado, que o duque não pôde deixar de rir.

Parece que você sofreu muito, nesse lugar. Mas não havia outro para onde pudesse ir?

Não. no que diz respeito a meu tutor. Aquele miserável nem mesmo responde às minhas cartas, e todas as sugestões que faço são repelidas por seu advogado.

– Ele parece uma criatura insensível. Quando chegar a Londres, pretende enfrentá-lo?

– Claro que não! Não tenho a mínima intenção de chegar perto dele. E acho que a razão de ele não querer me ver, nem se comunicar comigo, é porque está gastando minha fortuna.

O duque olhou-a intrigado. Quando percebeu que ele notava o chapéu simples, com fitas de tom azul-escuro, assim como o vestido sem graça, a moça explodiu:

– O senhor acha que não pareço uma herdeira rica. Mas por acaso isso é de admirar, quando minhas roupas são escolhidas pela prima Adelaide, que tem quase oitenta anos, e as contas, pagas pelo advogado de meu tutor?

Apertou os lábios, zangada, e continuou:

– Fiz dezoito anos na semana passada, e todas as minhas amigas, minhas verdadeiras amigas, debutaram no ano passado. Eu ainda estava de luto pela morte de papai, de modo que acho que havia uma desculpa para não ser apresentada à corte, mas pensei que, este ano, me deixariam ir para

Londres.

– Qual a razão de seu tutor não permitir isso?

– Já lhe disse que nunca tenho a menor notícia daquele bruto! Escrevi-lhe páginas e páginas, depois do Natal, e o advogado dele

respondeu, simplesmente, que eu devia ficar na escola até segunda ordem.

Respirou fundo e acrescentou:

– Esperei até agora. Três meses... Depois, tomei uma decisão importante: vou resolver por mim mesma!

– E, quando chegar a Londres, o que pretende fazer?

– Vou me tornar uma mundana.

– Uma... mundana?

– É assim que o irmão de Lisa, Richard, as chama, mas acho que há outras designações: "rabo-de-saia", ou "dama-da-noite".

O duque ficou tão atônito que, por um momento, afrouxou as rédeas, e os cavalos começaram a galopar. Ele os conteve e depois perguntou:

– Tem ideia do que está dizendo?

– Claro que tenho! Como não me deixam tomar meu lugar na sociedade, levarei a vida à minha moda.

– Não posso acreditar que saiba do que está falando.

– Lisa, minha melhor amiga, me explicou tudo, no ano passado, antes de sair da escola. Todos os rapazes elegantes têm amantes, e isso significa que a mulher que escolhem deve pertencer a eles e a mais ninguém. Uma mundana pode escolher à vontade. Quando um homem a aborrece, ela procura outro mais interessante.

– E acha realmente que esse tipo de vida lhe convém? – perguntou o duque, escolhendo as palavras com cuidado.

– Deve ser mais interessante do que ficar sentada naquela escola cacete, já tendo aprendido tudo o que podem me ensinar. Mas, naturalmente, vou ter muito cuidado na escolha do homem com quem pretendo passar meu tempo.

– Espero que sim!

– Imagine como vai ser divertido fazer o que eu bem entender, sem ter que ouvir as pessoas me dizerem que tudo o que faço é errado e pouco convencional!

– E o que pretende fazer?

– Em primeiro lugar, ir a Vauxhall para ver os fogos. Dirigir meu próprio faetonte, dançar todas as noites, ter minha própria casa e não me preocupar com casamento.

– Não quer casar? – perguntou o duque.

– Claro que não! Ficar amarrada a um homem para sempre seria pior do que ser amante de alguém! Além do mais, Lisa diz que a sociedade não passa de um mercado de casamentos.

– O que sua amiga Lisa quer dizer com isso?

– Diz que todas as debutantes competem para– casar com algum idiota, porque ele possui um título, ou com um velho gordo e de rosto vermelho, porque é rico. Pelo menos, essa é uma coisa com a qual não preciso me preocupar. Tenho uma grande fortuna. Se isso for mesmo verdade, seu tutor permitirá que gaste um pouco de seu dinheiro? já lhe disse: não responde a minhas cartas. O advogado dele diz para eu lhe mandar as contas, que serão pagas. Mas o que quero é dinheiro vivo na mão.

– Creio que há melhores meios de obtê-los. em vez de adotar a profissão de que falou. – Profissão? Ser mundana é uma profissão, como ser médico ou advogado? – Que interessante!

O duque pensou em várias respostas que poderia dar a uma mulher mais sofisticada, mas calou-se e, de rosto fechado, continuou dirigindo a carruagem.

Estava imaginando o que dizer a essa menina impulsiva, que certamente não tinha a mínima ideia das consequências do que pretendia fazer.

Pensou no que poderia ter acontecido, no perigo, caso ela tivesse encontrado um dos rapazes desordeiros, e até mesmo dissolutos, que andavam pelas estradas, indo de um hipódromo a outro, apenas para encontrar divertimento e excitação.

– Não me disse seu nome – comentou o duque, dali a um minuto.

– Annette... – começou ela, interrompendo-se logo.

– Deve ter um sobrenome.

– Como já lhe contei muita coisa sobre mim, acho melhor não dizer mais nada. Afinal, o senhor pode ter sido amigo de meu pai.

– Se assim fosse, eu tentaria certamente dissuadi-la de sua ideia vergonhosa.

– Nada me fará mudar de ideia. Estou decidida. Depois que estiver estabelecida, talvez procure entrar em contato com meu tutor.

– Creio que sim, se é que deseja que ele lhe dê dinheiro. Annette deu uma risadinha.

– Estava imaginando se o senhor iria dizer isso. Tive a mesma ideia e foi por isso que esperei tanto, antes de me decidir a ir para Londres.

– O que foi que você fez?

– Guardei uma grande quantia em dinheiro, agindo com inteligência.

– Como?

– Mandei para os advogados umas contas que inventei.

– Que tipo de contas?

– De livros, de uniformes escolares, de todo tipo de coisas. Pensei que desconfiassem, mas pagaram sem discutir.

Havia tanto triunfo na voz da jovem, que o duque sorriu.

– Estou vendo que você tem muitos recursos, Annette.

– Tem que ser assim. Papai e mamãe morreram e não me resta nenhum parente, a não ser a coitada da prima Adelaide, que está com um pé na cova.

O duque nada disse e ela continuou:

– Tenho certeza de que juntei bastante dinheiro para poder me estabelecer. Depois, quando eu for a moça mais falada da cidade, meu tutor não terá outro remédio, a não ser me entregar minha fortuna.

– Suponhamos que ele recuse. Annette deu um suspirosinho.

– Claro que ele pode fazer isso. Nesse caso, terei que esperar até fazer vinte e um anos, quando receberei a metade, ou vinte e cinco, quando terei o total.

– Creio que, como acontece com todos os testamentos, há uma cláusula, no caso de você casar.

– Claro. E é por isso que não tenho intenção de casar e de entregar todo o meu dinheiro para meu marido fazer com ele o que bem entender.

– Respirou fundo e acrescentou, em tom de desprezo: – Ele pode ser igual ao meu tutor, ficar com tudo e não me dar nada.

– Nem todos os homens são assim – comentou o duque, bem-humorado.

– Lisa diz que a sociedade está cheia de gananciosos, jovens aristocratas à procura de uma mulher rica para sustentá-los. Acho que estarei melhor como mundana. Sim, tenho certeza.

– Como você parece ter uma péssima opinião sobre os homens, não sei como é que vai considerar atraentes aqueles com quem se associar.

Annette refletiu por um momento e disse:

– Não preciso exigir muito deles, do ponto de vista financeiro. O irmão de Lisa disse a ela que sua amante lhe custa uma fortuna, todos os anos. Exige carruagens, cavalos, uma casa em Chelsea e montes de joias, muito mais do que ele pode aguentar.

– Não sei quem possa ser esse tal irmão de Lisa, mas acho que sua descrição do beau monde não é totalmente exata.

– É o visconde Coombe – respondeu Annette. – E Lisa diz que ele é o suprassumo do almofadinha.

Essa era uma das poucas coisas exatas que Annette havia dito até então, pensou o duque. Conhecia o ponde e achava-o um rapaz agradável, mas um tanto estúpido, que esbanjava a mesada que lhe dava o pai, o marquês de Morecombe, de um modo que não deixava de ser notado nos clubes de St. James.

Como se soubesse o que o duque pensava, Annette perguntou:

– Conhece Richard?

– Encontrei-o algumas vezes.

– Lisa acha que seria bom marido para mim, principalmente porque ele está sempre precisando de dinheiro. Mas respondi que não quero um marido, quero ser independente.

– Espero que compreenda que isso é totalmente impossível.

– Então, como as outras mulheres se tornam mundanas?

– Para começar, em geral não são herdeiras ricas.

– Não adianta ser rica, a gente não pode pôr a mão no próprio dinheiro!

– Se quer meu conselho acho que, antes de fazer qualquer coisa drástica, você deve ir procura seu tutor.

– O que posso ganhar com isso? Provavelmente, ficaria tão zangado por eu ter fugido da escola, me mandaria de volta, com uma escolta. Então, eu teria que fugir de novo.

– Creio que, se explicar que está velha demais para continuar na escola e que todas as suas amigas já debutaram na sociedade, ele vai compreender.

– Compreender! – zombou Annette. – Ele não teve a mínima compreensão, até agora. Por que, por que motivo, entre todos os homens do mundo, papai foi escolher justamente esse para meu tutor? Garanto que é velho, severo e certamente beato, de modo que deve desaprovar tudo o que é divertimento.

– Por que acha que ele é assim?

– Porque, tendo levado uma vida excitante e aventureira, papai iria querer me proteger. Estava sempre dizendo: "Quando você crescer, meu bem, jamais cometa os erros que cometi."

– E ele cometeu muitos?

– Não creio. Não no que me diz respeito. Mas participou de muitos duelos por causa de mulheres bonitas, e acho que se referia a elas, quando me dava conselhos. Seja como for, cá estou eu, com esse maldito tutor nas costas! Quando penso em todo o dinheiro fechado em seu cofre, ou escondido embaixo do colchão, tenho vontade de gritar!

Seguiram em silêncio durante algum tempo. Depois, o duque disse:

– Já lhe falei que não quero me envolver em sua fuga maluca, e não prometo nada, mas talvez, em vista das circunstâncias em que nos encontramos, eu possa falar com seu tutor.

Annette virou-se para ele, surpresa, de olhos arregalados.

– Faria isso? É muita bondade sua! Retiro todas as coisas más que pensava a seu respeito!

– Que coisas?

– Achei que era pedante, pretensioso, o grande homem idoso, cheio de sabedoria, mostrando-se condescendente com a pobre camponesa que não sabe o que faz.

O duque não pôde deixar de rir.

– Você é a garota mais incorrigível que já encontrei! Não posso acreditar que pretenda realmente fazer o que disse, mas, por outro lado é tão imprevisível, que é bem capaz de agir assim!

– Falo sério – declarou Annette. – E, se o senhor for conversar com meu tutor, pretendo me esconder para que, se ele disser "não",

eu possa fazer o que pretendo, sem que ele me encontre.

- Seus planos são não apenas impraticáveis, como totalmente censuráveis.

E não seriam cogitados por uma mulher que se considerasse uma dama.

Annette riu.

- Saiba que, cedo ou tarde, chegaríamos ao assunto de ser "uma dama".

"Uma dama não sai sem luvas." "Uma dama não sai sem ser acompanhada." "E não vai a bailes a não ser depois de adulta!" Estou farta de ouvir falar de "damas". Elas levam a vida mais monótona, mais restrita deste mundo, e quero ser livre.

- O tipo de liberdade que você pretende ter é totalmente impossível.

- Só porque você imagina que eu seja uma dama.

- Pois bem, você é, e nada pode fazer a respeito.

- A não ser agindo como uma dama-da-noite. - Annette ficou em silêncio durante alguns minutos e depois disse: - Não posso deixar de imaginar como é que elas se comportam, mas espero encontrar várias, em Londres. Lisa disse que poderei reconhecê-las, porque em geral são muito elegantes e bonitas, e passeiam pelo parque desacompanhadas. - Relanceou o olhar para o duque. - Excetuada a companhia de cavalheiros, é lógico.

- Mas as mulheres a quem se refere não são damas e certamente, não têm a fortuna que você tem, para lhes dar segurança.

- Imagine como os cavalheiros vão ficar contentes, se não precisarem me dar carruagem, nem joias! Quanto o senhor gasta por ano, com sua amante?

De novo o duque quase perdeu o controle dos cavalos. Respondeu, asperamente:

- Não faça tais perguntas! Não fale dessas mulheres! Está ouvindo?

- Ah, sim? E por quê? O senhor não tem autoridade sobre mim, como bem sabe!

- Posso me recusar a levá-la mais adiante - ameaçou o duque.

Annette olhou ao redor, sorrindo. Tinham chegado à estrada principal e agora havia muito trânsito, não apenas de carruagens particulares, como de diligências e de malas-postais.

– Se eu tivesse um pouco de juízo, faria você descer. E que fosse para o maldito lugar aonde quisesse ir!

Annette riu.

– Não vai conseguir me amedrontar, se é isso que pretende. Agora que estou tão perto de Londres, – posso tomar uma diligência ou alugar uma carruagem para o resto da viagem.

– E, quando chegar a Londres, onde pretende ficar?

– Num hotel.

– Nenhum hotel respeitável a receberia.

– Conheço o nome de um que me aceitaria. Richard disse que costumava ir para lá, às vezes, com uma mundana, de modo que acho que não me recusariam. O mal do visconde Coombe, pensou o duque, zangado, era falar com muita liberdade na frente da irmã.

– Já ouviu falar de The Griffin Hotel, em Jermyn Street? perguntou

Annette.

O duque tinha ouvido e sabia que não era um lugar próprio para uma moça ir sozinha, principalmente uma tão jovem e tão pouco sofisticada como Annette.

– Vou levá-la diretamente para seu tutor e explicar-lhe seu problema.

Annette. Garanto que ele me ouvirá e espero que aja de maneira razoável.

– Talvez o ouça, se o senhor for bastante importante. E acho que deve ser, com os cavalos que possui!

– Qual o nome de seu tutor?

Annette não respondeu logo, e o duque percebeu que ela estava considerando se podia confiar nele. Devido à relutância da moça, Mallory perdeu a paciência.

– com mil diabos! Estou fazendo o possível para ajudá-la. Qualquer outra pessoa ficaria agradecida.

– Estou agradecida por ter me trazido até aqui – respondeu Annette. lentamente.

– Então, por que hesita tanto em confiar em mim?

– Não é isso. A questão é que acho que o senhor é tão velho, que já esqueceu o que é ser jovem.

O queixo do duque enrijeceu.

Velho! Velho aos trinta e três anos? Mas, com certeza, era essa a ideia que uma jovem de dezoito fazia dele. Ao olhar para Annette, viu-lhe a expressão maliciosa.

– Está me provocando de propósito! – disse, em tom acusador.

– O senhor se mostrou muito convencido, o tempo todo, falando comigo como se eu não tivesse um pingo de miolo na cabeça! Pois digo-lhe que sou considerada extremamente inteligente.

– O que está pretendendo fazer nada tem de inteligente.

– Acho que consegui perturbá-lo, e isso me encanta – Annette observou.

– Por quê?

– Creio que é porque o senhor é tão onipotente. tão invulnerável aos problemas e às dificuldades dos seres humanos comuns como eu. O senhor me faz ter vontade de lhe atirar pedras.

– Então, foi uma pena não me acertar com sua valise. Eu poderia ter ficado inconsciente no chão e você seria presa por causar danos corporais. ;

Annette sorriu com ironia.

– Eu não ficaria esperando para ser presa. Teria fugido.

– Parece que tem um dom para isso!

Pois não me saí tão mal, para uma primeira tentativa, não acha?

Aqui estou eu, indo para Londres, conduzida pelos cavalos mais soberbos que já vi, ao lado de...

Interrompeu-se e olhou para ele.

Pela primeira vez, notou a gravata de um branco imaculado, o nó complicado, as pontas do colarinho engomado contra o queixo, a calça amarela, bem justa, a cartola colocada meio de lado nos cabelos escuros.

– Sei quem o senhor é! – exclamou Annette. – É um almofadinha! Sempre tive vontade de conhecer um.

– Em vez de falar de mim, estou esperando que me diga o nome de seu tutor. E, depois, o seu próprio sobrenome.

– Muito bem, vou me arriscar. E, se acontecer o pior, sempre poderei fugir, para que o senhor não me encontre.

– Isso vai ser difícil, se você ficar "falada em toda a cidade" como pretende.

Ela deu uma risadinha.

– O senhor é bom nas respostas! Gosto disso.

Sendo o duque conhecido como um homem espirituoso, cujos bons motes eram invariavelmente repetidos nos clubes, essa ingênua observação de Annette fez com que ele sorrisse, cinicamente.

– Muito bem – disse Annette. com um suspiro. O nome de meu tutor horrível, cruel, bestial é duque de Mallory!

– Eu devia ter previsto – comentou o duque. Lentamente, quase que se forçando a pronunciar as palavras, acrescentou: – Então, seu sobrenome é

Lyndon. E seu pai era Lyndon, "o Sortudo"!

– Como sabe disso? – perguntou Annette, de olhos arregalados.

– Porque sou eu que tenho a infelicidade de ser o seu tutor!

– Não acredito! Não é possível! Em primeiro lugar, não é bastante velho para isso.

– Há poucos minutos, você disse que eu era velho demais!

– Mas pensei que meu tutor fosse decrépito, tivesse cabelos brancos e andasse de bengala!

– Sinto decepcioná-la.

– Então, se é mesmo o meu tutor, o que fez com meu dinheiro?

– Asseguro-lhe que, pelo que sei, está intacto.

– Então... então... por que agiu de maneira tão horrível para comigo?

– Para dizer a verdade, tinha me esquecido de sua existência.

Percebeu que Annette se contraía com o insulto continuou: – Na realidade, quando seu pai morreu, eu estava no estrangeiro. Quando voltei, tinha muitos negócios a tratar, porque acabara de herdar o título e as propriedades. Receio que seus problemas, Annette, ficaram de lado, por causa dos meus.

– Mas deve ter dito a seu advogado que eu devia ir para Harrogate nas férias, ficar com a prima Adelaide.

– Eu lhe disse que cuidasse do assunto como achasse melhor.

– Mas o senhor conheceu papai?

– Seu pai e eu servimos no mesmo regimento. Antes da batalha de Waterloo, muitos de nós fizemos testamento. Os que eram casados deixaram os filhos e às vezes até as esposas aos cuidados de amigos que eles achavam capazes de tomar conta de suas famílias, caso morressem em combate.

– Papai era mais velho do que o senhor?

– Muito mais velho. Mas jogávamos cartas juntos e ambos gostávamos muito de cavalos.

– Então, só porque o senhor entendia de cavalos, papai achou que seria um tutor adequado para mim! – observou Annette, com amargura.

– Pois bem, espero apenas que no céu, ou seja lá onde estiver, ele compreenda que trapalhada fez!

– Estou surpreso por seu pai nunca ter mudado o testamento.

– Talvez tenha achado que não havia ninguém mais adequado do que o senhor. Em todo caso, não esperava morrer quando morreu.

– Não, claro que não. Foi um acidente?

– Esteve bebendo com uns amigos e, quando voltavam para casa a cavalo, alguém o desafiou a pular um muro alto. Papai nunca resistiu a uma aposta.

– Sinto muito.

– Eu o amava, embora ele às vezes fosse imprevisível – disse Annette.

– E sua mãe?

– Morreu durante a guerra, quando papai estava com o exército de Wellington.

– E só sobrou a prima Adelaide – disse o duque.

– Sim, a prima Adelaide... – respondeu Annette, em tom diferente. ninguém, a não ser o senhor, poderia achar que era uma companhia adequada para uma moça.

Creio que devo deixar que você mesma escolha sua dama de companhia.

– Não vou ter nenhuma!

Oh, sim, vai! Como seu tutor, vou arranjar uma, imediatamente. E, e você se mostrar agradável, permitirei que dê sua opinião.

Annette encarou-o, desconfiada.

Está pretendendo me apresentar à sociedade?

Creio que será necessário, mas garanto-lhe que não tenho o mínimo desejo de fazer isso. Não posso imaginar o que vou fazer com uma debutante pendurada no meu pescoço; ainda mais, uma como você.

– Não quero ser uma debutante, quero ser uma mundana.

– Se eu a ouvir falar nisso mais uma vez, dou-lhe uma boa surra. E acho que, se você nunca apanhou, isso foi uma falha em sua educação.

– Se pretende assumir essa atitude para comigo, vou fugir agora mesmo e o senhor nunca mais me encontrará.

– Então, ficarei com sua fortuna. Você já me acusou de gastar parte dela comigo mesmo.

– E fez isso?

– Não, claro que não! Acontece que sou muito rico.

– Então, gostaria que me entregasse imediatamente tudo o que possuo.

– Creio que vai receber a metade, quando fizer vinte e um anos; ou o total, quando casar.

Annette bateu o pé.

– Está apenas repetindo as minhas palavras. Gostaria de ter sabido quem o senhor era, quando eu estava esperando por Ted.

– Pense na sorte que teve – disse o duque, zombeteiro. – Por mera coincidência, aconteceu de eu ser o seu tutor, como num conto de fadas.

Sacudi minha varinha de condão, você vai para Londres, faz uma reverência para a rainha, no Palácio de Buckingham e, se quiser, também para o regente. Aí começará a fazer parte do beau monde.

– Quer dizer que todo mundo me dará atenção, por eu ser sua pupila?

– E, naturalmente, é também uma herdeira rica.

– Não vou casar com ninguém, mesmo que pretenda me arranjar um marido adequado.

– Se pensa que vou me preocupar com suas aventuras amorosas, está muito enganada. Vou arranjar-lhe uma dama de

companhia e, como minha casa é muito grande, acho que pode morar lá, por enquanto. Se me aborrecer ou se mostrar difícil, alugarei uma casa para você.

– E não vou vê-lo? – perguntou a moça, curiosa.

– Não muito. Tenho uma vida organizada, muita coisa para fazer e, francamente, acho que as moças são maçantes.

– Se são iguais às moças com quem convivi na escola, isso não é de admirar. Mas creio que elas se tornam mulheres da sociedade, espirituosas, sofisticadas, com as quais o senhor tem casos de amor tempestuosos.

– Quem lhe disse isso?

– Lisa disse que todos os cavalheiros elegantes têm amantes. Afinal, que me diz do regente? E a maioria das mulheres tem amantes.

– Se você deixar de citar sua amiga tola e mal-informada, acho que nos daremos muito melhor – disse o duque, irritado.

– Mas é verdade, não é?

– O que é verdade?

– Que o senhor teve casos amorosos com uma porção de mulheres. Isso era inegável, mas fez com que o duque ficasse profundamente irritado.

– Quer parar de falar de coisas que nenhuma moça bem-educada deve mencionar?! – esbravejou. – Quando eu a apresentar à sociedade. Annette, você será repudiada pelas anfitriãs mais importantes, se falar de amantes e de outras criaturas vulgares às quais se referiu desde que nos conhecemos.

– Acho que está sendo muito injusto. Afinal, o senhor me fez perguntas e respondi com sinceridade. Não adianta se queixar, só porque não menti. Como é que podia saber que era meu tutor?

O duque controlou-se com esforço.

– Não posso acreditar que uma moça com as suas oportunidades não queira ser um sucesso. E será impossível isso acontecer, a não ser que controle sua língua.

– Tive que fazer isso na escola, mas tinha esperança de poder ser eu mesma quando saísse. E não sei o que há de errado nisso.

– Toda a sua atitude está errada – respondeu o duque, severamente.

As moças bem-comportadas e bem-educadas fazem seu début e depois casam, e não sabem nada a respeito do lado feio da vida.

O senhor se refere às mundanas e às damas-da-noite?

Exatamente.

Pois bem, Lisa sabe tudo a respeito delas.

– Lisa tem um irmão que, obviamente, é um irresponsável em relação à irmã.

– Tenho a impressão de que Richard e eu teríamos muita coisa em comum.

– É possível – respondeu o duque. – Nesse caso, talvez ele queira casar com você. Como, um dia, vai ser o marquês de Morecombe. eu daria meu consentimento de bom grado.

– Lá vem o senhor! Falando como uma aristocrata velhota que está empurrando a filha para o altar! Richard quer meu dinheiro e o senhor acha que desejo o título dele. Pois bem, quero deixar bem claro, meu caro tutor, que não tenho intenção de casar com ninguém, a não ser que eu venha a pensar sobre os homens de maneira muito diferente de como penso agora.

– Os homens sobre os quais você nada sabe, a não ser por um vigário.

– Lá vem o senhor de novo, repetindo minhas palavras. Está certo, os homens sobre os quais nada sei. Mas, mesmo em Londres, eles devem ter ouvido falar de uma coisa chamada amor.

– Estou surpreso por você ter ouvido falar nisso. É a primeira vez em que menciona tal sentimento.

– Tenho pensado nisso – disse Annette, séria. – Tenho pensado muito.

– Fico satisfeito.

– Mas tenho a impressão de que é uma coisa que nunca virei a sentir.

– Por quê?

– Porque, quando as moças, na escola, falavam em amor, ficavam melosas. Falavam de um rapaz que conheceram nas férias como se ele fosse um Adônis. iam para a cama e colocavam embaixo do travesseiro um papel com o nome dele, com esperança de sonhar com o tal rapaz. Lisa chegou mesmo a ser beijada!

- Eu devia ter adivinhado – comentou o duque, com ironia.
- Ela disse que a primeira vez foi muito decepcionante. nada do que havia imaginado. A segunda foi melhor, mas nada houve de romântico.
- O que ela esperava?
- Mais ou menos o que Dante sentiu por Beatriz, ou Romeu Julieta, mas tenho a impressão de que os homens comuns não são assim.
- Houve silêncio. Depois, Annette disse: – Resolvi que nenhum homem me beijará, enquanto eu não desejar isso. Claro que gostaria que tentassem, para eu ter a satisfação de me esquivar.
- A verdade é que sua perspectiva da vida é de completa ignorância –
- respondeu o duque, zangado. – Você só sabe o que sua amiga Lisa lhe contou. E a maior parte das coisas ela aprendeu de segunda mão, por intermédio do irmão Richard. Meu conselho é que você comece tudo novo, sem uma porção de ideias tolas preconcebidas.
- Naturalmente, as coisas podem ser melhores do que penso.
- Sinceramente, espero que sim.
- Posso ter uma porção de vestidos?
- Quantos quiser, já que vai pagar por eles. Ela deu um suspiro de satisfação.
- Vou gostar de ver os homens me olharem com admiração o naturalmente, de vê-los rir do que eu disser, porque sou muito espirituosa.
- Não fiquei impressionado com o que você disse, até agora.
- Ainda não tive muita oportunidade. Mas, assim que eu estiver instalada tranquilamente em Londres, tudo virá naturalmente.
- Espero que não. As coisas que você diz com naturalidade me fazem estremecer.
- O senhor leva tudo muito a sério. Conforme já lhe disse, esqueceu de ser moço e despreocupado. Se realmente vou debutar, como sugeriu pretendo ser a mais saliente, a mais excitante e, certamente, a mais falada debutante que Londres jamais conheceu!
- É justamente disso que tenho medo – gemeu o duque.

- Agora, o senhor está sendo de novo teimoso e convencido
respondeu
Annette, com ironia.

CAPÍTULO II

Quando chegaram a Londres e passaram por Park Lane, Annette observou tudo com olhos brilhantes de excitação.

Tinha ido muitas vezes a Londres, mas a casa de seu pai era em Worcestershire e ela se esquecera de como as ruas estavam sempre cheias de gente e como tudo era colorido.

Quando viu Mallory House, ficou atônita

Nunca pensara que uma pessoa sua conhecida pudesse viver numa mansão tão magnífica.

A propriedade ficava na esquina de Upper Grosvenor Street com Park

Lane, e tinha três acres.

Na entrada havia um majestoso muro de pedra com oito colunas e postes de iluminação entre elas.

Havia também uma entrada para carruagens, protegida por um imponente portão de metal com um frontão onde se via o brasão da família.

– Mora aqui sozinho? – perguntou Annette, olhando para as alas dos dois lados da parte central da casa.

Havia em sua voz uma nota de espanto que fez com que o duque dissesse:

– Estou contente por ver que alguma coisa a meu respeito a impressiona.

Quando entrou no enorme hall de mármore e viu as portas de mogno sólido com aplicações de ouro, as lareiras de mármore de Garrara e as mesas de lápis-lazúli, Annette ficou ainda mais impressionada.

Mais tarde, saberia que a casa continha a mais bela coleção de quadros de

Rembrandt do país, além de obras de Velásquez e de Rubens.

No salão havia quadros italianos, franceses, holandeses e flamengos. Na saleta estavam penduradas duas obras-primas de Gainsborough e retrato da sra. Siddons, feito por sir Joshua Reynolds.

Mas, nesse momento, Annette não sabia disso, ficando apenas atônita e sentindo-se insignificante, o que fez com que erguesse o queixo de modo desafiador.

– Seja bem-vindo, milorde – disse o mordomo, que trajava uma magnífica libré preta e dourada, com galões dourados.

– Diga ao sr. Hendrick que quero falar com ele, imediatamente falou o duque, tirando o chapéu e as luvas.

– Devo informá-lo, senhor, de que Sua Graça, a duquesa de Kingston, chegou hoje à tarde – avisou o mordomo, em tom respeitoso.

– Nada podia ser mais oportuno. – O duque, virando-se para Annette. acrescentou: – Minha avó está aqui, o que considero uma coincidência extremamente feliz.

– Sua Graça está descansando – disse o mordomo.

– Diga à sra. Meadows que cuide da srta. Lyndon.

Mallory subiu a escada curva, passando por uma coleção de retratos que tinham sido encomendados por seu pai a artistas contemporâneos.

Ao chegar em cima, virou para a ala oeste, onde sempre eram acomodados seus hóspedes, para que ficassem o mais longe possível da parte da casa ocupada por ele.

Lá, dois quartos eram reservados exclusivamente para sua avó, sempre que ela vinha a Londres.

O duque encontrou-a sentada confortavelmente numa poltrona, na atraente saleta contígua ao quarto de dormir. A saleta estava perfumada, devido às flores que vinham das estufas da casa de campo do duque.

Como se esperasse pelo neto, a duquesa ergueu os olhos, quando ele entrou, tendo nos lábios um sorriso de boas-vindas.

A duquesa-mãe tinha sido muito bonita, em moça.

O duque de Kingston se apaixonou por ela à primeira vista. Casaram à meia-noite, na Capela Mayfair, para que não pudesse

haver oposição nem um protestos por parte da família do duque, que esperava que ele fizesse um casamento muito mais vantajoso.

Mas era uma união entre duas pessoas que se amavam realmente, e a duquesa tornou-se uma personalidade, por direito de conquista.

Havia poucas pessoas, desde a rainha até o menos importante empregado da propriedade do duque, que não a admirasse e não a reverenciasse.

Seus cabelos, agora, eram brancos como a neve, o rosto, cheio de rugas.

Mas ainda tinha uma beleza que os artistas desejavam reproduzir numa tela. Estendeu para o neto as mãos cheias de veias, num gesto afetuosos.

– Ouvi dizer que você não estava em Londres, Belfort.

– Acabo de chegar e estou muito satisfeito por encontrá-la aqui, vovó. –

Beijou-lhe as duas mãos e o rosto, e perguntou: – O que a traz a Londres?

Como se eu não soubesse!

– Precisava ir ao dentista – respondeu ela, com firmeza.

– Tolice, vovó. Sabe tão bem quanto eu que estamos no começo da estação e que você não quer perder o turbilhão social. Para dizer a verdade, há quinze dias que estou esperando sua chegada.

– Estou velha demais para a vida social – disse a duquesa. Mas seu sorriso desmentia essas palavras.

– Você não podia ter chegado num momento mais oportuno, no que me diz respeito – comentou o duque, sentando-se numa cadeira ao lado dela.

– Vai me contar que está noivo? Espero que não seja de uma dessas viúvas importunas que não o deixam em paz.

– Não, vovó. Não estou noivo e não pretendo ficar acorrentado a nenhuma viúva, ou, para dizer a verdade, a qualquer outra mulher.

– Pelo que ouvi dizer, você se diverte bastante com elas.

– Seria difícil evitar que você ouvisse falar de minhas aventuras, já que está sempre a par de todos os escândalos de Londres, tanto em Carlton

House quanto em outros lugares.

– Carlton House!

Sabendo que, se a avó começasse a falar do príncipe regente, não Pararia mais, o duque interrompeu-a, rapidamente:

– Há uma coisa que quero lhe contar.

– Que coisa?

– Descobri, por acaso, que fui omissos em relação a uma pupila que me foi confiada.

– Uma pupila? Não sabia que você jamais tivesse sido nomeado tutor de alguém. Lembro que meu pobre marido...

– Tenho certeza de que meu avô tinha plena consciência de suas responsabilidades – interrompeu o duque, outra vez. – Infelizmente, as minhas ficaram esquecidas até hoje.

– Que aconteceu hoje? – perguntou a duquesa, curiosa.

– Encontrei minha pupila por acaso e trouxe-a para Londres.

– Então, é uma moça! – exclamou a duquesa, com ar de quem acaba de fazer uma grande descoberta. – E suponho que, tendo imposto sua presença a você, ela vai querer levá-lo ao altar.

O duque riu.

– Pelo contrário, vovó. Ela está decidida a não casar com ninguém.

– Não casar? Será que existe no mundo uma moça que não queira pegar um marido e, principalmente, você?

– Precisa conhecer Annette, vovó. Por falar nisso, é uma herdeira rica. de modo que não há pressa em lhe arranjarmos um marido.

– Está dizendo que trouxe essa moça para cá?

– E você vai lhe servir de dama de companhia, vovó. Pelo menos, hoje à noite.

– Tenho a impressão de que você não ficou bom da cabeça, desde que saiu daqui. Uma moça, em Mallory House? Nunca vi semelhante coisa!

– Nem eu – observou o duque, contrariado. – Mas, como seus pais morreram e ela fugiu da escola, não há ninguém a quem possa recorrer.

– Que aparência tem ela? – perguntou a duquesa, com ar desconfiado. – Se pensa que vou acompanhar uma caipira sem traquejo social e sem educação, está muito enganado!

- E bonita. Seu pai era o major Maurice Lyndon, que serviu comigo no regimento.

- Lyndon, o Sortudo?

- Ouviu falar nele?

- Claro que ouvi falar nele! Você era muito jovem para se lembrar, ou não estava interessado, mas seu primo Gervaise Cunningham o desafiou para um duelo.

- Eles duelaram?

- Claro que sim! com sua sorte habitual, Lyndon feriu o pobre Gervaise. embora a culpa fosse de Lyndon, por ter sido apanhado em circunstâncias comprometedoras com Caroline, a mulher do outro.

- Confesso que, se eu soube disto, tinha esquecido completamente.

Caroline era apenas uma das mulheres que estavam interessadas por

Lyndon... e, naturalmente, por sua imensa fortuna.

- Como ele fez fortuna?

A duquesa abriu as mãos, num gesto expressivo.

- Jogando. Mas não com cartas. com ações, navios, propriedades em várias partes do mundo. Creio também que ganhou na loteria, na França, no valor de milhões de francos.

- Como sabe tanta coisa a respeito dele, certamente vai achar a filha interessante. Mas suplico-lhe, vovó, que não lhe fale muito sobre as aventuras do pai. Ela já está com vontade demais de ter as próprias aventuras.

- Mas deve ser moça demais para ter tido oportunidade de fazer alguma coisa censurável. Principalmente estando na escola.

- Você ficaria admirada! - observou o duque, em tom enigmático. Levantou-se e saiu para ir buscar Annette.

Enquanto o duque estava com a avó, Annette tirou o chapéu e o casaquinho que usava sobre o vestido simples de colegial.

Deveria ter uma aparência jovem e não sofisticada, mas, devido ao brilho dourado dos cabelos, à expressão maliciosa dos olhos amendoados e ao sorriso zombeteiro, o duque teve a impressão de que ali estava uma criatura que precisava ser vigiada, porque ninguém sabia o que ela poderia fazer em seguida.

– Minha avó concordou em lhe fazer companhia, por enquanto disse ele a Annette, em tom severo, quando subiam a escada lado a lado.

– E, se você se mostrar agradável com ela, não existe pessoa mais adequada para apresentá-la à sociedade.

– O que o senhor realmente quer dizer é que preciso ter cuidado com minhas palavras.

– E ver como se comporta! Ela o olhou, com olhos brilhantes.

– Tenho a impressão de que está nervoso e preocupado comigo.

– Não tenho o mínimo desejo de ver você se desacreditar, ou me desacreditar, pelo fato de eu ter a infelicidade de ser seu tutor.

– Pois creio que o senhor vai achar muito divertido, depois que se acostumar comigo. Além do mais, já percebi que vive aqui no meio de toda essa grandeza, sem ter no que pensar, a não ser na própria importância.

Já é tempo de alguém acordá-lo.

– Não tenho a mínima vontade de acordar, se com isso você que dizer que terei que passar o meu tempo salvando-a de algum aperto. Deixe-me dizer-lhe, Annette, que, se você se comportar mal, tenho o poder e autoridade para mandá-la para Harrogate, quer queira ou não.

Annette fez uma careta.

– O tutor com mão de ferro! – zombou. – Não se preocupe. Farei o possível para ficar longe de seu caminho.

– Gostaria de ter certeza disso – respondeu o duque. Quando abriu a porta do quarto da avó, ouviu a risadinha de Annette.

Levantando-se cedo porque achava difícil seguir os hábitos do pessoal elegante da cidade, Annette foi para a janela do quarto e viu o duque chegar a cavalo, vindo pela alameda do jardim.

Sabia que ele gostava de cavalgar pelo parque, bem cedo, antes que houvesse muita gente. Desejou, como muitas vezes tinha desejado, que a convidasse a acompanhá-lo.

Ficou imaginando se o duque encontraria alguma mulher bonita e atraente, ou se preferia ficar só, nessa hora matinal.

Desde que chegara a Londres, Annette tinha descoberto muita coisa a respeito do tutor.

Em primeiro lugar, Lisa, que Annette procurou no dia seguinte ao de sua chegada, ficou embasbacada quando soube onde a amiga estava hospedada e quem era seu tutor.

– Como é que você não me falou do duque? – perguntou Lisa.

– Eu sentia vergonha de ter um tutor que não ligava para mim. E o detestava porque acreditava que era velho, severo e desagradável.

– Agora sabe que não é nenhuma dessas coisas. Oh, Annette, como a invejo!

Sempre desejei conhecer o duque, mas é sabido que ele nunca fala com moças solteiras.

– Tem que falar comigo.

Annette não estava disposta a confessar à amiga que, desde sua chegada a

Mallory House, não tinha tido uma conversa particular com o duque, vendo-o apenas em jantares com convidados, do outro lado da mesa.

Quanto a seu próprio tempo, era ocupado com compras.

Descobriu que a duquesa não apenas gostava de visitar as lojas mais caras de Bond Street, como tinha ideias definidas sobre o modo de vestir de sua protegida, se é que esta pretendia chamar a atenção do beau monde.

A princípio, Annette ficou com receio de ser obrigada a vestir roupas de

"mocinha", que fariam com que parecesse insignificante ou igual às outras debutantes da estação.

Mas percebeu, encantada, que a duquesa, tendo obtido mais sucesso com sua aparência do que com seus antecedentes, sabia exatamente como uma pessoa pode chamar a atenção, sem ofender o bom gosto.

Foi graças à duquesa que a moça fez sucesso desde o momento em que entrou num salão de baile.

Não sabia que seus cabelos podiam parecer uma tocha ardente no alto da cabeça bem-feita, ou que, com um pouco de maquiagem, sua pele ficaria perfeita, e seus olhos, tão grandes que pareciam tomar todo o rosto.

Mais ainda: Annette nunca desconfiou, quando usava os vestidos feios e informes escolhidos pela Adelaide, que sob eles houvesse um corpo muito bem-feito.

Isso se tornou patente, depois que vestiu as criações de uma costureira francesa.

- Tive muito orgulho de você, hoje à noite, querida - disse a duquesa, depois de Annette ter feito um grande sucesso no baile dado pela duquesa de Bedford.

- Graças à senhora - respondeu a moça, com simplicidade.

- Você valoriza os vestidos e, pelo menos, sabe conversar! Nunca suportei o tipo de moça que só sabe dar um sorriso afetado ou é encabulada demais para levantar os olhos.

Annette riu.

- Na opinião de meu tutor, não sou encabulada demais, e sim, saliente demais. Sei que ele fica apavorado, pensando no que vou falar ou fazer.

Ao dizer isso, compreendeu que provavelmente ele não daria atenção ao que ela dissesse.

Embora as tivesse acompanhado a vários bailes, o duque não a tirara para dançar nem uma só vez. Annette tinha notado que os pares do duque eram exatamente as mulheres atraentes e sofisticadas que ela esperava que fossem.

Foi Lisa quem lhe deu informações.

- Há mais de um ano, o duque está interessado em lady Lucinda Ponds. Ela ficou viúva durante a guerra, quando era muito moça. e desde então tem feito grande sucesso.

- Acha que vai casar com ela? Lisa encolheu os ombros.

- Quem sabe? Todas as mulheres têm tentado pescá-lo, mas dizem que seus casos amorosos não duram muito. Ele acha as mulheres muito maçantes, depois que as conhece bem.

- Foi seu irmão Richard quem lhe disse isso?

- Oh, Richard teve muito que contar, depois que lhe perguntei sobre o duque. A amante dele é muito atraente. Creio que Richard a cobiçou, mas não podia se dar ao luxo de sustentá-la.

- Quem é ela?

- Chama-se Blanche de Moureau. É uma cantora de Vauxhall Gardens.

– Gostaria de ouvi-la cantar – disse Annette.

– Duvido que a avó do duque permita que você vá a Vauxhall. É, decididamente, considerado um lugar "impróprio" para debutantes. Mas talvez Richard e eu possamos levá-la às escondidas uma dessas noites, sem que seu tutor fique sabendo.

– Por favor, tente!

Estava muito curiosa para ver a amante do duque, mas, depois de ter visto lady Lucinda, desconfiou de que ela tivesse cabelos escuros.

A moda dos cabelos louros e dos olhos azuis, que tinha como exemplo a duquesa de Devonshire, já não era tão apreciada. Agora, as morenas faziam sucesso, principalmente quando eram bonitas como lady Lucinda.

Os cabelos cor de azeviche, as sobrancelhas em formato de asas. os olhos escuros, tudo isso era realçado pelas joias que ela usava (rubis magníficos, esmeraldas ou opalas), assim como pelos vestidos de todas as cores do arco-íris.

Na véspera, quando foi tomar chá com Annette, Lisa perguntou:

– Em que está pensando?

Estavam sozinhas, porque a duquesa tinha ido repousar, depois de ter passado várias horas nas lojas. As duas moças tomavam chá na saleta, e Annette achava um dos mais bonitos aposentos da casa.

Para dizer a verdade, estava pensando em lady Lucinda.

– Você a viu. ontem à noite, não é?

Como sabe?

Vi quando você chegou ao baile, e lady Lucinda estava em seu grupo.

Conversou com ela? – perguntou Lisa.

– Ela me estendeu dois dedos e me olhou de cima para baixo.

– Você conseguiu isso porque está hospedada em Mallory House. Já a encontrei uma dúzia de vezes e ela nunca me reconhece.

Annette riu.

– É pretensiosa, como meu tutor. Talvez seja por isso que o duque gosta dela.

Lisa olhou por sobre o ombro, como se tivesse receio de que alguém ouvisse, e disse, em voz baixa:

– Richard diz que, nos clubes, ela é conhecida como tigresa!

– Tigresa? Por quê?

– Porque é ardente e apaixonada.

– Não tenho essa impressão dela.

– Isso é que é esperteza. Parece fria e desdenhosa, até se ver a sós com um homem de quem gosta.

– E ela gosta... do duque – murmurou Annette.

– Richard diz que agora estão apostando que eles vão casar. Todo mundo fala da ligação dos dois e que, cedo ou tarde, ele será forçado a casar com ela.

– Parece um modo muito deprimente de conseguir marido observou Annette.

Lisa deu uma risada.

– Já lhe disse que, se você quiser pegar um homem, terá que lhe colocar algemas e arrastá-lo até o altar. Todos eles são contra o casamento.

Viu a expressão de Annette, riu novamente e continuou:

– Você é diferente; é uma herdeira rica. Richard disse que todos os beaux estão falando de seus atrativos. nos quais está incluída sua conta bancária.

– Desconfiei disso.

Annette entrou em Mallory House atrás da duquesa, que se movia lentamente, devido ao reumatismo em uma das pernas.

O mordomo inclinou-se com habitual obsequiosidade. Quando a duquesa começou a subir a escada, ele disse a Annette:

– O senhor duque gostaria de vê-la, na biblioteca, senhorita.

Annette sentiu uma súbita excitação. Era a primeira vez, em quine dias, desde que tinha chegado à mansão, que o tutor a chamava. Fez o possível para caminhar discretamente, embora desejasse correr. O mordomo abriu a porta de mogno e anunciou:

– A srta. Lyndon, milorde!

O duque estava sentado à escrivaninha no centro da sala.

Levantou-se quando Annette entrou, e ela achou que ninguém poderia impressionar mais nem aparecer mais bem trajado.

Os outros homens se mostravam preocupados com suas roupas, quando eram tão elegantes e tão bem-feitas quanto as do duque, mas as dele lhe assentavam com uma naturalidade tão óbvia como a habitual expressão de enfado do rosto.

Nesse momento, ele parecia aborrecido, e Annette teve a impressão de que a olhava com atenção, como para encontrar defeitos em sua aparência. A moça não se preocupou, pois sabia que o vestido azul-pálido realçava o brilho de seus cabelos. E o colar de topázios que usava, e que pertencia à coleção da família Mallory, era de muito bom gosto.

Fez uma reverência. O duque inclinou-se ligeiramente e disse:

– Sente-se, Annette. Quero falar com você.

– O que foi que eu fiz, agora?

– Tenho a impressão de que quer dizer o que foi que descobri que você fez.

– O senhor me faz sentir exatamente como se eu tivesse sido chamada à sala da diretora. Quero informá-lo, se é que ainda não sabe, de que tenho sido um modelo de discrição e de decoro. Sua avó está muito satisfeita comigo e o senhor também devia estar.

– Então, por que se põe na defensiva? – perguntou o duque, com um brilho divertido no olhar.

– O que faz todos os dias? – perguntou Annette, impulsivamente. Sei que anda a cavalo de manhã e às vezes vai a bailes, à noite, mas parece que tem muito que fazer.

– Como lhe disse, antes de você vir para cá, tenho uma vida muito bem organizada. E não pretendo mudar meus hábitos.

Eu estava apenas com curiosidade. Naturalmente, suas mundanas tomam muito seu tempo.

Já lhe disse para não falar nessas mulheres!

Eu não estava querendo dizer nada de impróprio – protestou

Annette, arregalando os olhos. – Para falar a verdade, referia-me a lady

Lucinda. Vai casar com ela?

O duque bateu com força o punho na mesa.

– Não a chamei aqui para discutir minha vida particular. Você precisa aprender, de uma vez por todas, que não é esse o jeito de

uma pupila falar com o tutor, nem o de uma debutante falar seja com quem for.

Annette deu um suspiro dramático.

– O senhor está se comportando exatamente como quando nos conhecemos. –

Esperiei que ficasse satisfeito com a maneira como obedeci às suas instruções, mas pensei que, pelo menos no que lhe dizia respeito, eu podia ser eu mesma. Vejo que me enganei.

Falou com um ar de dignidade ofendida. com um meio sorriso, o duque respondeu:

– Sim, gostaria que sempre fosse sincera e franca comigo, Annette, mas sabe muito bem que a curiosidade a respeito de um determinado assunto é tabu, mesmo quando está conversando comigo.

– Não sei por quê. Afinal, todo mundo está especulando se o senhor vai casar com lady Lucinda. E eu ficaria com cara de tola, se acordasse um dia, de manhã, e visse a notícia em The Gazette.

– Garanto-lhe que não precisa ter a mínima preocupação a esse respeito.

Não tenho intenção de casar com lady Lucinda ou seja lá com quem for. para dizer a verdade.

Notou um brilho de triunfo no olhar dela, e disse, um tanto contrariado:

– Suponho que agora você acha que conseguiu de mim uma informação valiosa.

– Deve saber que as pessoas têm curiosidade a seu respeito. E é muito mais interessante falar do senhor do que daquele regente gordo e repulsivo.

– Isso não é jeito de se referir a seu futuro monarca – disse o duque, em tom de censura.

Annette riu.

– Agora, está de novo bancando o diretor de uma escola. "Sim, senhor."

"Não, senhor." "Vou procurar me corrigir, senhor. "Mandou me chamar, senhor? "

O duque conteve a resposta que gostaria de dar a essa maneira frívola de falar.

– Quero que saiba que lorde Lims me procurou, para pedir sua mão em casamento. Respondi que não dava meu consentimento, como também que ele não devia procurar se comunicar com você, daqui por diante. Se, mesmo assim, ele a procurar, não deve falar com ele.

– Lorde Lims? Mas acho-o muito divertido!

– É um caça-dotes do pior tipo. Tentou casar com todas as moças que têm dinheiro. O fato de ter me procurado para isso indica que precisa fazer um exame de sanidade mental.

– Não tenho a mínima vontade de casar com ele, mas é mais divertido do que aqueles rapazes imberbes aos quais sou apresentada por todas as mães calculistas.

– Tem as minhas instruções, Annette. Se Lims vier falar com você, não lhe dê atenção. Se continuar a aborrecê-la, saberei lidar com ele.

– O que faria? – perguntou, interessada.

– Não há necessidade de entrarmos em detalhes – respondeu o duque, friamente. – Mas asseguro-lhe que, seja qual for o método que eu usar para lidar com Lims, será muito eficiente.

– O senhor o desafiaria para um duelo? Seria realmente excitante! Eu adoraria vê-lo duelar com alguém por minha causa.

– Os duelos são proibidos e estão fora de moda.

– Isso não é verdade! Dois amigos de Richard duelaram, ainda na semana passada, em Green Park. Ele foi um dos padrinhos.

– Não estou interessado nos amigos da idade de Richard, que não sabem o que fazem – disse o duque, em tom orgulhoso. – O que estou lhe dizendo,

Annette, é que não inclua mais lorde Lims entre seus conhecidos.

– Vou pensar nisso – respondeu ela, em tom provocante.

– Vai fazer o que ordeno, ou então mando-a para Harrogate.

– Se fizer isso, irei gritando de Londres até lá. E pagarei a um caricaturista para que faça seu retrato, mostrando como é cruel com sua pupila pobre e indefesa!

Você não é pobre. Nem indefesa. E, enquanto for uma hóspede em minha casa, fará o que eu mandar. Talvez seja melhor eu ter

minha própria casa – disse ela, em tom doce. O duque fitou-a. Fazendo um esforço para se controlar, disse:

Só está procurando me provocar. Céus, por que me impuseram uma garota tão abominável? Quer fazer o favor de se comportar? Se não o fizer, prometo que farei com que se arrependa de ter nascido. Annette riu.

– Agora, está se comportando como o lobo mau. Sua avó tem razão, quando diz que foi mimado desde criança. E creio que as suas "queridinhas" continuaram fazendo o que suas babás e suas governantas fizeram.

Annette levantou-se e dirigiu-se para a porta. O duque esbravejou:

– Você vai me obedecer, ou juro que as consequências serão muito desagradáveis.

– Lobo, lobo! – provocou Annette, de olhos brilhantes. – Adoro-o, quando se mostra tão feroz e autoritário! Não é de admirar que tenha partido tantos corações.

Saiu, fechando a porta, antes que o duque pudesse responder. Por um momento, ele apenas ficou olhando a porta. Depois, de repente, sem poder se conter, desatou a rir.

Sabia perfeitamente que Annette tinha feito sucesso da noite para o dia.

Embora, cinicamente, achasse que grande parte do sucesso se devia às histórias exageradas sobre a fortuna da moça, nem por isso ela deixava de ser original. E muito atraente, agora que se vestia de acordo com o gosto da duquesa.

Havia no rosto dela qualquer coisa de belo e de petulante, mas o duque a achava exasperante, principalmente quando o desafiava. Mas era bastante perspicaz para perceber que, em grande parte, era uma representação por parte dela, para aborrecê-lo.

Só Deus sabe como está precisando de um marido, pensou o duque, imaginando que tipo de homem poderia dar conta dela.

Por outro lado, tinha certeza de que sua avó estava encantada com

Annette.

A moça demonstrava não apenas respeito, consideração e muita gratidão pela duquesa, como era bastante inteligente para lhe contar

o que os rapazes lhe diziam nos bailes, mostrando-lhe as cartas de amor que recebia.

Nada poderia interessar mais a duquesa do que isso. Gostava de estar bem informada sobre tudo, e fazia muito tempo que não tinha conhecimento do que se passava com a nova geração. Quando o duque foi ver a avó, no fim da tarde, ela disse:

– Annette me contou que você não quer que ela tenha coisa alguma a ver com lorde Lims.

– Ele teve a audácia de me pedir licença para fazer a corte a Annette

– respondeu, zangado.

– Não passa de um caça-dotes. Por outro lado, acho que não foi sensato da sua parte proibir Annette de vê-lo. Você sabe perfeitamente que o fruto proibido é o mais tentador.

– Acha, então, que ela vai me desafiar?

– Isso não me surpreenderia. Afinal de contas, Belfort, você sabe que

Annette não é uma moça comum, tola. É inteligente e tem um espírito curioso que considero bastante atraente.

– É também muito teimosa.

– Apenas quando não se sabe lidar com ela. Você devia ter deixado que eu lhe dissesse para ter cuidado com lorde Lims.

– Não é apenas uma questão de ter cuidado – respondeu o duque, encolerizado. – Aquele maldito sujeito é uma ameaça! Se não conseguir pegar uma herdeira rica de um jeito, tentará pegá-la de outro. Tenho certeza de que acha que Annette é tão jovem e tão ingênua que não percebe o que ele é realmente, sob aquele verniz.

– É espirituoso e um belo rapaz. São qualidades que atraem os muitos jovens. Cuidado, Belfort para não atirá-la nos braços dele.

– Prefiro vê-lo morto a vê-lo casado com Annette!

Como estava muito aborrecido, saiu da sala sem dizer mais nada.

Por um momento, houve uma expressão de surpresa nos olhos da duquesa.

Depois, foi substituída por uma de especulação. Nos lábios da velha senhora havia agora um sorriso.

Na manhã seguinte, Annette foi visitar Lisa em sua casa, em Hanover Square.

O marquês de Morecombe não era rico, embora tivesse uma grande propriedade em Buckinghamshire.

Depois do esplendor da residência do duque, a mansão Morecombe parecia pobre. Mas Annette, preocupada com a amiga, apenas olhou, consternada, para o rosto de Lisa.

Evidentemente, a outra tinha estado chorando. Era bonita, de um modo insignificante, com cabelos muito louros e olhos de um azul pálido.

Quando se sentia feliz, demonstrava uma vivacidade que muitos rapazes achavam atraente, mas no momento, com olhos vermelhos e tristonhos, mais parecia uma flor molhada pela chuva. Pelo menos, foi o que Annette pensou.

– O que aconteceu, querida?

– Oh, Annette, estou tão contente por você ter vindo! Precisa me ajudar... Precisa! Não sei o que fazer.

– O que foi que aconteceu?

– Nem sei como lhe contar...

– Não seja tola. Sabe que a ajudarei. Lisa soluçou baixinho.

– Eu esperava poder lhe contar, hoje ou amanhã, que... estava noiva.

– De Charles Anderston?

– Como adivinhou?

– Você não fala em mais ninguém, desde que vim para Londres. Claro que adivinhei. E gosto muito dele! Tenho certeza de que você vai ser feliz.

– Seria imensamente feliz, mas não posso casar com ele. Oh, gostaria de estar morta!

Caiu no choro, de modo que as últimas palavras saíram abafadas, mas

Annette as ouviu. Ajoelhou-se ao lado da amiga e abraçou-a.

– Está tudo bem. Sei que vai dar certo. Conte-me o que aconteceu e por que motivo não pode casar com Charles. Ele me disse que está apaixonado por você.

– Foi o que também me disse, e falou ontem com papai, que deu seu consentimento.

Seria pouco provável que o marquês fizesse outra coisa, considerando-se que Charles Anderston era filho único de um dos homens mais ricos da Inglaterra.

Lorde Anderston não apenas era dono de várias propriedades em

Londres, como também tinha terrenos de grande valor em Birmingham e em

Manchester.

Era também de família nobre. A fortuna tinha sido feita por seu avô, que tivera a visão de comprar terras nos arredores de cidades em desenvolvimento.

Além de sua fortuna, Charles era o marido que convinha a Lisa, na opinião de Annette: bom, delicado e, ao mesmo tempo, inteligente e com ideias próprias.

Annette simpatizava com o rapaz, gostando de sua conversa, e tinha certeza de que ele amava realmente Lisa.

– O que foi que aconteceu? – perguntou. – Você brigou com Charles? Por quê?

– Claro que não briguei com Charles – respondeu Lisa, através das lágrimas. – Foi sir Guedston Sneldon que atrapalhou tudo. Oh, Annette, por que fui conhecê-lo? E por que agi tão tolamente?

– Sir Guedston Sneldon?

Procurou lembrar quem era ele. Depois se lembrou de que era um homem bonito e elegante que tinha visto em todos os bailes a que comparecera, não sendo, entretanto, apresentada a ele.

– Sim, Guedston Sneldon – disse Lisa. – Ele me pediu para ser apresentado a você, mas recusei. Tive medo de que a machucasse... como me machucou.

– O que foi que ele fez?

Lisa enxugou os olhos com um lençinho úmido.

– Ele está fazendo... chantagem comigo!

– Chantagem? Mas como isso é possível?

Só a palavra "chantagem" fez Lisa chorar de novo. Dali a minutos, um pouco mais controlada, disse:

– Quando vim para Londres pela primeira vez, ele me lisonjeou e, como era um homem mais velho e bonito, pensei que... o amava.

Annette arregalou os olhos.

– O que você fez? Como é que ele a está chantageando?

– Escrevi-lhe algumas cartas, umas cartas idiotas. Você não vai compreender, mas ele era tão fascinante. Agora acho que ele quer que eu escreva as cartas que... escrevi.

– O que disse nelas?

Disse o quanto o amava, que nunca poderia amar outro homem e como contava as horas até poder vê-lo novamente. – Lisa soluçou e continuou: – Ele dizia o quanto minhas cartas significavam para ele, mas que não me escreveria, porque tinha receio de que mamãe visse suas cartas.

– Quantas você escreveu?

– Não sei ao certo. Uma dúzia, talvez mais. Não me lembro.

– E quando foi que deixou de gostar dele?

– Foi ele que desistiu. Começou a namorar uma de minhas amigas. Fiquei infeliz durante algum tempo, mas depois compreendi que tinha tido sorte em me livrar dele.

– E teve, mesmo! Mas como é que ele pode fazer chantagem com você?

– Soube que Charles e eu nos amamos e exigiu que eu comprasse as cartas que lhe escrevi.

– E se você não fizer isso?

– Sneldon as levará para Charles. Sei que Charles as comprará, para não deixar que sejam mostradas nos clubes, como Sneldon ameaçou que faria. Mas sei também que deixará de me amar, quando ler o que escrevi.

Annette sentou-se, refletindo.

– Quanto ele está pedindo?

– Cinco mil libras!

– Cinco mil libras? Mas é uma quantia enorme!

– Sir Guedston Sneldon acha que poderei conseguir facilmente essa quantia, depois de casada, e está disposto a esperar até então. Mas exige que eu lhe dê uma carta prometendo que terá o dinheiro dentro de dois anos. Caso contrário, irá procurar Charles.

- É a coisa mais diabólica de que já ouvi falar! - exclamou Annette, encolerizada.

- Concordo. Mas a culpa é minha - disse Lisa, humildemente. Você é a única pessoa, Annette, que pode me ajudar. Por favor, pode me emprestar o dinheiro?

- Claro, querida. Mas, antes de ceder tão depressa, quero refletir sobre o caso. Não sei por que razão aquele homem abominável deve escapar assim facilmente!

- Não há nada que possamos fazer, nem ninguém a quem recorrer. Prometa.

Annette, que não dirá nada a ninguém!

Lisa estava desesperada.

- Prometo. E prometo também que tudo vai dar certo. Charles nunca saberá. E você nunca, nunca deve lhe contar coisa alguma.

Lisa suspirou de alívio.

- Annette, querida, não sei como lhe agradecer! Annette levantou-se e andou pela sala.

- Pode me agradecer esquecendo tudo. Preciso de um ou dois dias para arranjar o dinheiro. Você compreende?

- Não vai contar a seu... tutor?

- Não! Claro que não! Não direi nada a ninguém, mas quero refletir.

- Sobre o quê?

- Sobre sir Guedston Sneldon.

- Mas... porquê?

- Por que me repugna saber que os maus possam vencer.

Lisa não compreendeu, mas nada disse. Enxugou os olhos, aproximou-se da amiga e abraçou-a.

- Obrigada, muito obrigada! Você é a melhor pessoa do mundo e nunca poderei lhe agradecer o suficiente.

- E você vai ser a pessoa mais feliz do mundo.

- Pensei que tinha perdido Charles. Oh, Annette, não sabe como é maravilhoso amar! Um dia, vai sentir a mesma coisa.

- Duvido, mas estou muito, muito contente por você, Lisa.

Beijou a amiga. Mas, quando se dirigia para casa, na confortável carruagem do duque, pensava apenas em sir Guedston Sneldon.

CAPÍTULO III

O duque fez o nó da gravata com dedos experientes e com uma habilidade que enfurecia seus criados, que se consideravam indispensáveis.

Então, ouviu uma voz petulante perguntar:

– Por que vai embora? Ainda é cedo.

Não se virou para olhar para lady Lucinda, que estava na cama de onde ele tinha saído. Mas, dali a um momento, disse:

– Estou pensando em sua reputação.

Havia na voz dele uma nota divertida, mas lady Lucinda não achou graça e respondeu zangada:

– Se realmente se preocupasse com isso, casaria comigo.

Houve silêncio, enquanto o duque terminava o complicado nó da gravata, que era criação sua. – Estão falando de nós, Belfort – ela insistiu.

– Você tem sido falada, Lucinda, desde que surgiu na sociedade como um meteoro.

– Mas, quando você está envolvido, a coisa é diferente.

– Por quê?

– Por que não há motivo para você não casar comigo, e faríamos um Par muito bonito.

– Você me lisonjeia – respondeu o duque, zombeteiro.

Lucinda sentou-se na cama e colocou nas costas os travesseiros com fronhas de seda.

– Eu o amo, Belfort!

– Duvido. Para ser franco, Lucinda acho que você nunca amou ninguém, a não ser a si própria.

– Não é verdade. Não há ninguém, e é a pura verdade, ninguém que tenha me excitado como você.

– É uma coisa muito diferente, Lucinda, e nem sempre conduz a um casamento feliz.

– Não sei do que está falando – disse ela, zangada. – Só o que sei é que você está arruinando minha reputação. O mínimo que pode fazer é me pedir em casamento.

– O mínimo? – perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

Agora estava ao lado da cama. Lucinda ergueu os braços muito brancos e murmurou:

– Beije-me. Beije-me e deixe-me mostrar o quanto preciso de você e o quanto você precisa de mim.

O duque sacudiu a cabeça.

– Vou para casa, Lucinda, e você precisa dormir, para conservar a beleza.

– Quando vou vê-lo novamente?

– Provavelmente, em algum baile amanhã à noite. Onde vai ser? Em casa da família Richmond, da Beaufort ou da Malborough? Seja onde for, será exatamente igual aos outros a que comparecemos.

– Sabe que não estou falando de bailes. Quero ficar a sós com você,

Belfort. Quero que me beije, que me ame. Quero ficar bem pertinho de você.

Era difícil compreender por que o duque não ficou emocionado com a paixão que havia nessas palavras, no convite dos lábios, no fogo dos olhos semicerrados.

Ele se virou para pegar o paletó que estava numa cadeira e vestiu-o.

Apesar de ter recusado o convite de Lucinda e assim despertado sua cólera, ela não pôde deixar de pensar que – era o homem mais atraente e mais bonito que conhecia.

Era também o mais esquivo.

Desde que ficou conhecendo o duque intimamente, lady Lucinda usou de todos os artifícios, de todas as manhas de seu vasto repertório, para tentar prendê-lo.

Embora tivesse sido fácil torná-lo seu amante, nada do que fazia conseguia obrigá-lo a dizer as únicas palavras que ela desejava ouvir.

Quando o duque olhou à volta, para verificar se tinha esquecido alguma coisa (e a luz das velas tornava isso difícil), lady Lucinda teve a impressão de que ele lhe fugia, desaparecendo nas sombras, e que nunca mais o veria.

Saltou da cama, correu para ele e atirou-se em seus braços, sabendo que nenhum homem poderia resistir à maciez de seu corpo, ao perfume de seus cabelos e à apaixonada exigência de seus lábios.

– Quero você! Quero você, Belfort! Fique comigo, porque não suporto que me deixe.

Passou os braços em volta do pescoço dele, mas o duque os tirou, pegou

Lucinda nos braços e levou-a até a cama, atirando-a sobre os lençóis com certa rudeza.

– Comporte-se, Lucinda, até que eu a veja novamente. Se, como diz, estão falando de nós, a culpa é mais sua do que minha, e você será mais prejudicada do que eu.

Isso, sem dúvida, era verdade. Lucinda encarou-o e disse, zangada:

– Eu o odeio, Belfort, quando me trata como criança.

– Não há nada de infantil em você – respondeu o duque, sorrindo.

– Pelo contrário, é muito amadurecida.

Virou-se, ao dizer isso, dirigindo-se para a porta.

Depois que saiu, Lucinda deu um grito de fúria e depois bateu com os punhos nos travesseiros.

Era sempre a mesma coisa, com o duque! Belfort vinha quando lhe convinha, saía quando queria, e nada do que ela dissesse fazia a mínima diferença para ele.

Todos os outros homens eram seus escravos, mas o duque tinha sido seu senhor, desde o momento em que se conheceram.

– Hei de fazer com que case comigo – jurou, de dentes cerrados.

Era fácil dizer, mas conseguir isso era uma coisa muito diferente!

O duque saiu da casa de lady Lucinda, em Park Street, disposto a vencer a pé a pequena distância até Mallory House.

Era conveniente não precisar da carruagem, pensou ele, porque assim seus criados não ficavam a par de seus movimentos.

Park Street ficava atrás de Mallory House e ele tinha apenas que atravessar o terreno das estrebarias, sendo que grande parte lhe pertencia, e entrar no jardim de sua casa por um portão particular do qual só ele tinha a chave.

Era uma noite quente e agradável, com a meia-lua erguendo-se no céu, e o duque não tinha dificuldade em ver o caminho.

Gostava do conhecido cheiro de cavalos, couro e feno, e dos movimentos dos animais nas baias.

Um caminho que levava a Park Lane dividia o terreno; do outro lado ficava o muro do jardim da mansão Mallory.

Quase tinha chegado lá, quando, à sua frente, vindo da janela do segundo andar de uma casa na esquina, caiu um objeto, com um forte impacto.

O duque levou um susto, mas estava longe para ver que objeto era. Depois, com espanto, viu um homem sair pela janela do segundo andar e com grande destreza, começar a descer pelo cano de água.

Não era muito fácil, Belfort ficou olhando, interessado, a descida do ladrão, pois certamente se tratava de um assaltante. O homem se firmava no cano com os joelhos e descia devagar.

Caminhando lentamente em sua direção, o duque esperou até que ele chegasse ao chão, para depois agarrá-lo pelo pescoço e pelo pulso.

– Foi apanhado em flagrante meu rapaz, e garanto que vai pegar uns anos de cadeia, se não for enforcado por este crime.

Sua voz pareceu ecoar no silêncio da noite.

Percebeu que o ladrão não passava de um rapazinho. Este deu um grito e começou a lutar. Procurou desesperadamente se libertar das mãos do duque, dando-lhe pontapés nas pernas, mas seus esforços de nada valeram. Dali a um momento, Mallory disse:

– Fique quieto ou lhe dou a surra que merece.

Então, o boné do rapaz caiu e o duque viu uma massa de cabelos louros e um rosto que o deixou atônito

– Annette!

– Está certo. Tenho que reconhecer que é mais forte do que eu.

– Que diabo pensa que está fazendo? – perguntou ele, furioso. Estava tão atônito, que, por um momento, não pôde dizer mais

nada.

Soltou-a. Annette sacudiu-se como um cãozinho cujo pelo tivesse sido massado e pegou o boné que havia caído no chão.

Depois, dirigiu-se para o ponto onde caíra a caixa que o duque tinha visto voar pela janela.

Ainda bem que não bateu no senhor – disse a moça.

Exijo uma explicação, e tem que ser boa!

A moça suspirou.

Creio que serei obrigada a explicar, mas não aqui. Temos que ir embora.

Olhou para a janela, como se esperasse que alguém estivesse olhando para baixo. Mas a janela continuava escura, assim como todas as outras, naquele lado da casa.

– Onde você esteve? Quem mora aí? – perguntou o duque, furioso. Apesar disso, como Annette parecia preocupada, ele falou mais baixo do que antes.

Ela não respondeu, começando a andar, carregando a caixa.

Não podendo dominar a irritação, o duque tomou-a das mãos dela.

– Deixe que eu levo! – Então, soltou uma exclamação: – Sei de quem é essa casa! É de Guedston Sheldon!

Falou um pouco mais alto. Annette olhou por sobre o ombro e pediu:

– Silêncio! Não grite, porque pode chamar a atenção de alguém.

– Eu posso chamar a atenção! O que é que você pensa que está fazendo?

– Vamos logo embora.

Chegou ao portão no muro do jardim da casa do duque e ficou esperando na sombra, embora ele tivesse quase certeza de que também ela tinha uma chave.

O duque tirou a sua do bolso, abriu o portão e entrou.

Agora, estavam sob as árvores que ficavam junto ao muro alto que cercava o parque. Algumas das janelas lançavam uma luz dourada no terraço à frente deles.

– Não tenho a menor vontade de deixar que meus criados a vejam trajada desse modo indecente. Vamos conversar aqui.

- Ninguém me verá - respondeu Annette. - Escapuli de mansinho pela escada, depois que sua avó achou que eu já estava deitada, e saí pela

Porta- janela da biblioteca.

- Muito bem. Entraremos pelo mesmo lado.

Subiu a escada do terraço, na frente de Annette. Conforme esperava encontrou a porta- janela da biblioteca aberta.

Entrou e viu que as velas estavam acesas nos castiçais. Havia uma garrafa de champanhe aberta, um balde de gelo, e uma vasilha de prata, coberta, com sanduíches, à sua espera.

O duque colocou a caixa numa mesinha perto do sofá e foi servir-se de uma taça de champanhe.

Sentiu-se de repente exausto, e não apenas devido às cenas de amor ardente com lady Lucinda.

O fato de encontrar Annette vestida de homem e saindo pela janela da casa de Guedston fez com que compreendesse que enfrentava um problema terrível.

Segurando a taça de champanhe, virou-se para a moça que o observava parada no meio da sala.

Vestindo uma calça apertada e uma jaqueta curta que o duque reconheceu como suas, de seus tempos de Eton, ela em nada parecia um rapazinho.

Estava, isso sim, muito feminina. E muito atraente, como foi obrigado a reconhecer.

A moça tinha uma expressão apreensiva e estava muito pálida, mas isso o enfureceu ainda mais.

- Conte-me exatamente o que estava fazendo e por que foi à casa de

Sneldon vestida desse jeito.

- Sinto muito tê-lo enfurecido, mas deve reconhecer que foi muito azar meu o senhor passar por ali justamente naquele momento.

- E. se eu não passasse por ali, acha que ninguém ia ficar sabendo dessa sua incrível travessura? - perguntou o duque, erguendo a voz. Ou Sneldon tem alguma coisa a ver com isso?

Havia qualquer coisa de tão desagradável na pergunta, que Annette instintivamente ergueu o queixo, na defensiva.

– Sir Guedston Sneldon tem tudo a ver com isso, mas não de um modo que me atinja diretamente.

– O que há dentro desta caixa?

Ao dizer isso, o duque olhou para a caixa e notou que era uma espécie de cofre pesado, do tipo usado em escritórios.

– Preciso... dizer-lhe isso? – perguntou a moça, em voz baixa.

– Tem que contar tudo! Garanto-lhe, Annette, que considero seu comportamento uma afronta à minha hospitalidade.

– Sinto muito, se o fiz ficar zangado.

– O que quer dizer é que sente que eu a tenha apanhado. Suponho que haja uma boa explicação para ter-se tornado uma ladra, se bem que só Deus sabe qual que pode ser!

Ela não respondeu, e ele esbravejou:

Vamos, conte! Conte a história e deixe que eu saiba que diabrura anelou fazendo!

– Não é um segredo... meu – respondeu, hesitante. – E prometi que não contaria ao senhor.

– Vai me contar, nem que seja preciso eu lhe dar uma surra! Teve sorte de eu não ter sido mais bruto com você, porque pensei que tinha pegado apenas um menino.

– É falta de espírito esportivo dar numa menor do que a gente comentou

Annette, readquirindo um pouco da coragem.

– Os ladrões recebem o que merecem. Agora, vai explicar o que aconteceu, ou terei que arrancar isso de você à força?

Adiantou-se como se fosse cumprir a ameaça, e Annette disse, rapidamente:

– Vou contar, mas, por favor, não posso tomar alguma coisa antes? Estou com muita sede.

O duque colocou sua taça numa mesinha e, de cara fechada, foi até onde estava a garrafa de champanhe. Serviu meia taça e entregou-a a Annette, que continuava no mesmo lugar.

Ela tomou dois ou três goles, passou a língua nos lábios, como se estivessem secos, e disse:

– Vou lhe contar a verdade, porque não tenho outro remédio, mas o senhor promete não dizer nada a ninguém?

- Não prometo coisa alguma. Não estou disposto a negociar com você.

- Não diz respeito a mim. Mas, se alguma coisa do que vou dizer transpirar, a vida de duas pessoas poderia ficar arruinada irremediavelmente.

Havia uma nota de sinceridade na voz dela. O duque disse:

- Creio que nunca lhe dei motivo para pensar que não pode confiar em mim.

Os olhos de ambos se encontraram, e Annette respondeu:

- Não, claro que não.

De repente, pareceu ter consciência do jeito como estava vestida e corou.

Aproximou-se da mesinha e pôs a mão sobre a caixa.

- Creio que este cofre contém... cartas de amor - disse, em voz baixa.

- Suas?

Annette sacudiu a cabeça.

- Como lhe disse, nunca amei. Mas... uma amiga minha pensou que estava apaixonada por sir Guedston, durante algum tempo. Escreveu-lhe umas cartas tolas e agora ele... está fazendo chantagem.

- Fazendo chantagem com sua amiga?

- Disse-lhe que, se não lhe prometer que dentro de dois anos lhe dará cinco mil libras, ele entregará as cartas ao noivo dessa minha amiga, o que impedirá o casamento. Ou ao marido, se chegarem a casar.

- Sempre achei que Sneldon não prestava, mas nunca pensei que fosse um canalha tão grande.

Parecia estar falando consigo mesmo. Depois, em outro tom, perguntou:

- Mas o que você tem a ver com isso? Por que haveria de interferir?

- Porque, embora estivesse disposta a pagar as cinco mil libras para salvar minha amiga, não vi razão para sir Guedston se safar com essa facilidade. Por um momento, pareceu que o duque ia se zangar com ela.

Inesperadamente, como se não pudesse se dominar, ele sorriu. Colocou a mão na testa e sentou-se numa poltrona.

– Só mesmo você, Annette pensaria em semelhante solução para o problema.

– Ninguém jamais saberia que estive lá, se não acontecesse de o senhor passar sob a janela justamente naquele momento.

– Se fosse outra pessoa, você talvez se visse diante dos magistrados, amanhã cedo. Ou então numa situação pior, que não quero descrever a você.

Annette olhou-o com curiosidade e perguntou:

– Não podemos abrir a caixa e verificar se contém mesmo as cartas que procuro?

– Por que você achou que estariam aí?

Annette foi sentar-se no tapete ao lado da cadeira do duque.

– Fui, de fato, muito inteligente – disse, num tom que ele conhecia bem.

– Conte-me!

– Quando Lisa... minha amiga...

– Eu já tinha adivinhado que se tratava de Lisa Dircks. Acabo de saber que ficou noiva de Charles Anderston.

– Está certo, então. Quando Lisa me disse que sir Guedston a ameaçou, resolvi recuperar as cartas, sem ter que pagar por elas.

– Você teria dificuldade em sacar essa quantia sem que eu ficasse sabendo. Mas não importa. Continue sua história.

– Ontem à noite, num baile, pedi a alguém que me apresentasse a sir

Guedston – continuou Annette. – Ele me tirou para dançar e, enquanto dançávamos, fingi que estava distraída, a tal ponto que ele não pode deixar de perguntar em que pensava. Dei uma risadinha encabulada e respondi: "Vai me achar uma tola, mas eu estava pensando como seria divertido ter um diário e escrever nele tudo o que faço e falar das pessoas que encontro". sir Guedston imediatamente achou isso uma boa ideia. Garanti que seria muito indiscreto, mas nunca seria publicado, até eu ser velha demais para ligar para isso. Ele então me aconselhou a escrever tudo o que me viesse à cabeça, não esquecendo dos mexericos apimentados que certamente interessariam à posteridade, principalmente se fossem a

respeito de pessoas famosas. – Olhando para o duque, Annette observou: – Tive a impressão de que ele achou que eu poderia ouvir e descobrir coisas que talvez lhe viessem a ser úteis.

O duque nada disse, e ela continuou.

– Perguntei a sir Guedston se achava que eu poderia fazer isso. Falou que tinha certeza de que seria um documento fascinante e me pediu para mostrar a ele o que escrevesse. Protestei que não poderia mostrar a ninguém, porque talvez fosse algo difamatório. Como algumas coisas que os jornais publicam sobre o regente. "Eu nunca a prejudicaria, sita.

Lyndon", respondeu ele, num tom caricioso.

Annette fez uma pausa, esperando que talvez o duque elogiasse sua esperteza. Como ele continuou calado, ela continuou a história:

– Então, como quem não quer nada, comentei que não fazia ideia de onde poderia esconder meu diário, pois uma escrivaninha não era lugar seguro, por causa dos criados. Ele caiu na armadilha e me sugeriu um cofre. Até disse que eu podia comprar um na Smythsons, em Bond Street, com uma chave especial, que não tem duplicata. Agradei a boa ideia e garanti que ia seguir seu conselho.

– Annette olhou para o duque. – Fui muito inteligente, não acha?

– Mas como soube onde Guedston guardava seu cofre?

– Calculei que fosse no quarto de dormir. Se achava que as cartas de

Lisa valiam cinco mil libras, não ia correr o risco de deixar o cofre na saleta. Tive certeza de que o guardava no armário, ou em cima dele.

Sorriu e acrescentou: – Papai me disse, certa vez, que, quando os apostadores ganham muito dinheiro nas corridas, costumam guardá-lo em cima do guarda-roupa, onde os ladrões geralmente se esquecem de olhar.

– E era lá que estava o cofre?

– Foi onde procurei primeiro.

– Como foi que conseguiu entrar na casa?

– Fui inteligente nesse ponto também. Achei que sir Guedston não devia ter muitos criados, porque, se fosse rico, não tentaria chantagear

Lisa! Então, fui até a porta do porão e verifiquei se todas as janelas estavam fechadas. – Annette sorriu. – Era uma coisa da qual papai sempre falava: que os ladrões, na cidade, em geral entram pelas janelas do porão, porque os criados, sentindo calor e abafamento, muitas vezes as deixam abertas.

– Você poderia ter sido apanhada.

– Não havia grande perigo. Há lá duas janelas. Ouvei um homem roncando num quarto. No outro, que parecia ser uma saleta, a janela estava entreaberta. – Annette abaixou a voz, dramaticamente, e continuou: –

Entrei, caminhei por um corredor e cheguei à escada. É uma casa pequena.

– Cada palavra que você diz me faz estremecer. Suponhamos que a apanhassem...

– O senhor teria que me tirar da cadeia, sob fiança. E creio que poderia fazer chantagem com sir Guedston, para que ele não apresentasse queixa contra mim. – Achou que o duque estava zangado e continuou:

– Eu tinha certeza de que sir Guedston não estava em casa, porque nunca sai de um baile, a não ser bem no fim. Além do mais, eu me assegurei de que todos os quartos estavam às escuras, antes de entrar pela janela do porão. – Olhou para o cofre e continuou, triunfante: Encontrei o que fui procurar. Vamos abrir?

O duque não respondeu. Ela se levantou de um salto, pegou a caixa e colocou-a aos pés dele. Mas o cofre, como era de esperar, estava trancado.

Annette foi até a escrivaninha e pegou um cortador de papéis de ouro. – Achei que o senhor pode abrir com isto. Ou devo ir procurar uma coisa mais forte?

– Você não vai sair daqui vestida desse jeito.

– Muito bem – respondeu ela, obediente. – Se não conseguirmos com o cortador de papéis, podemos usar o atiçador da lareira.

Foi com dificuldade, e só depois de uns dedos machucados e algumas blasfêmias, que o duque conseguiu abrir a caixa.

Annette tirou o trinco e soltou uma exclamação.

A caixa estava cheia de cartas amarradas em pilhas. Havia também contas, promissórias, assim como muitas letras assinadas, ao que parecia, por pessoas embriagadas.

O duque reclinou-se na poltrona.

– Sem a menor dúvida, você fez uma boa colheita, Annette!

– Quantas cartas! Quais serão as de Lisa? – Tirou uma porção de pacotes, até encontrar o que procurava. – Estas são as de Lisa! exclamou, triunfante. – Conheço bem a letra dela.

Havia pelo menos uma dúzia, algumas de várias páginas. Annette pegou-as e disse:

– São só estas que me interessam. Que vamos fazer com as outras? O duque olhou para o cofre arrombado.

Acho melhor deixar o resto por minha conta, Annette.

– O que vai fazer?

Devolver tudo, anonimamente, aos respectivos donos, e eles ficarão livres das garras de Guedston. Ninguém saberá o papel que você teve e, sem dúvida, ficarão eternamente gratos ao benfeitor desconhecido.

Quer dizer que sir Guedston estava chantageando todas essas Pessoas?

Não quero especular sobre o abominável procedimento dele, mas vou providenciar para que, no futuro, muitas anfitriãs distintas não o incluam na lista de seus convidados.

– Pode fazer isso?

Posso, e é o que vou fazer.

– Então, fico muito contente. O procedimento dele foi desprezível, e

Lisa Lisa estava muito infeliz.

– Diga-lhe que ela pode mostrar sua gratidão não contando a ninguém e, principalmente, a Charles Anderston.

– Ela não seria tão idiota a ponto de fazer isso.

– As mulheres gostam de confessar seus pecados – disse o duque cinicamente.

– Lisa, não. Ela quer que Charles não apenas a ame, como admire.

Seja como for, vou fazer com que jure, por tudo o que lhe é sagrado, que guardará silêncio.

– Isso é que é sensato. – Depois, mudando de tom": – Mas não há nada de sensato na sua aparência, Annette. Vá para a cama, antes que fique zangado com você, como deveria ficar!

Annette olhou para ele, sorrindo.

– Não está zangado de verdade. E sabe tão bem quanto eu que é revoltante ter que pagar àquele chantagista.

– Revoltante ou não, quando você tiver um problema desse tipo no futuro, venha falar comigo. Promete?

– Não tenho... certeza. Prometer tão definitivamente seria... um pulo no escuro.

– Pare com isso! Só porque deixei que você se saísse bem desta, não pense que pretendo permitir que se meta em outras aventuras e que corra semelhantes riscos novamente.

Pensou que Annette fosse protestar, mas ela disse, inesperadamente:

– Foi muito bom e ajudou muito... e foi mais gentil do que esperava.

Então, se é o que deseja, prometo.

– Sem reservas? – perguntou, desconfiado.

– Sem reservas! – Mas havia em seus lábios um sorriso malicioso que o duque conhecia bem. – Afinal de contas, não deve haver muitos homens como sir

Guedston na alta sociedade.

– Você me contará todos os problemas que tiver, antes de tentar resolvê-los sozinha. E digo-lhe, Annette, que não permitirei que vista minhas roupas.

A moça olhou para sua calça, como se tivesse esquecido que a estava usando.

– O senhor as reconheceu?

– Não conheço nenhuma outra pessoa nesta casa que tenha jaqueta de Eton.

– É muito confortável – disse ela, com um sorriso. – Não imagina como uma saia pode ser incômoda

– isso não vai servir de desculpa para você andar por aí vestida como está agora. Só espero que minha avó não a veja assim.

– Gostaria de poder contar-lhe a história toda. Ela iria se divertir a valer!

O duque tinha que reconhecer que era verdade. Mas, para recuperar sua posição de autoridade, disse:

Vá dormir, menina impossível. E não se esqueça de sua promessa, ou irá para Harrogate, ou a outro lugar pior.

Annette levantou-se ainda segurando as cartas de Lisa.

– Boa noite, tutor. Foi realmente muito bom e civilizado. Estou muito agradecida, embora tenha machucado meu pescoço e eu saiba que amanhã meu pulso vai estar roxo.

– Machuquei-a mesmo?

– Muito, ao que parece. E acho que deve reparar o mal, levando-me para passear a cavalo amanhã.

– Agora, é você que está fazendo chantagem.

– Vai ou não me dar uma compensação?

– Está certo. Mas que isso não se torne um hábito. Detesto tagarelice feminina de manhã cedo.

– Vou ficar bem quietinha.

– É a última coisa que eu esperaria de você. Agora, vá para a cama e deixe que eu cuide dessa embrulhada.

Annette olhou para os maços de cartas dentro do cofre.

Pelo menos, o senhor vai poder saber se algum dia recebeu cartas mais amorosas e mais ardentes do que sir Guedston.

O duque fitou-a, encolerizado. Depois, percebeu que a moça o estava

Provocando.

Vá dormir! Ouviu-a dar uma risadinha ao dirigir-se para a porta.

No quarto, Annette guardou as cartas num lugar seguro e despiu-se.

escondeu as roupas do duque numa caixa em cima do armário e foi para a cama.

No escuro, refletiu sobre o acontecido e achou que tinha sido bom que a apanhasse com a boca na botija.

Agora poderia cuidar das outras cartas, ao passo que ela não teria sabido o que fazer com tudo aquilo.

Por outro lado, ficara apavorada, quando o duque a tinha agarrado pelo pescoço. Não só porque sabia que corria o risco de ser presa como ladra, mas porque havia outros perigos.

Havia uns libertinos que perseguiram as mulheres de um modo que poderia ser terrível.

Coisas que ouvira em conversas e outras que lera nos jornais lhe ensinaram muito a respeito do mundo.

Sabia também que havia muita inquietação no campo, devido às restrições impostas pelo governo, muita pobreza e, acima de tudo, injustiças praticadas em nome da lei.

Os jornais que o duque recebia falavam da situação política, que nunca havia sido discutida e nem mesmo mencionada na escola de Annette.

Agora sabia que o regente estava sendo bombardeado com petições para que fossem feitas reformas, mas que era tudo em vão.

Leu que, em Birmingham, um grupo de pelo menos vinte e cinco mil homens, que nunca tinham tido um representante no Parlamento e nunca teriam, se a linha do governo prevalecesse, havia eleito como seu representante um baronete radical.

A cólera de centenas e de milhares de pessoas, que sofriam devido à renovada recessão no comércio, resultara em clubes políticos muito bem organizados. Após quatro anos de discussões frustrantes, o Parlamento aprovara uma lei que limitava o trabalho das crianças, nas fábricas de algodão, a doze horas por dia!

Annette lia, também, nos jornais mais francos, notícias sobre as condições sociais em Londres e em outras grandes cidades.

Tinha a impressão de que, se o duque soubesse o quanto ela se interessava pelo que acontecia numa classe muito diferente da deles, tentaria impedi-la de ter acesso a essas informações.

Então, não pedia para ler os jornais e as revistas tipo pasquim, que o duque assinava, mas descobriu que podia lê-los no dia seguinte. Os jornais do dia, depois de lidos, eram tirados da biblioteca e colocados do lado de fora do escritório do secretário do duque, ficando ali durante uma semana, caso viessem a precisar deles. Era muito fácil para Annette arranjar uma desculpa para ir ver o secretário, o sr. Hendrick, que tinha no escritório um cofre com as joias da família e também era quem fornecia o dinheiro miúdo de que a duquesa e Annette precisavam.

Depois que saía do escritório, a moça surrupiava o jornal que queria ler, tirando-o da pilha no corredor.

The Political Register, editado por William Cobbett e que tinha uma tiragem de cinquenta mil exemplares por semana, acusava francamente o governo, assim como a falta de interesse pelos pobres e pelos sofredores demonstrada pelos aristocratas, encabeçados pelo regente.

Foi esse jornal que informou a Annette que a polícia era ineficiente e corrupta, e que nada se fazia a respeito das chamadas flash houses, casas onde meninos eram treinados para delinquentes e depois mandados para a rua para roubar e bater carteiras.

Soube que, quando um desses meninos era preso por um roubo pequeno, era mandado para a prisão, chicoteado e depois solto sem um níquel no bolso.

Isso significava que, a não ser que estivessem dispostos a viver em barracões e a comer o que encontravam no lixo, precisavam voltar para a flash house, onde encontravam calor e comida, se concordassem em voltar às atividades criminosas.

The Political Register também trazia notícias sobre o inferno aturado pelos limpadores de chaminés. A idade oficial era no mínimo de oito anos, mas crianças de quatro e de seis costumavam ser usadas nesse serviço. Eram mal alimentadas, tinham que dormir no chão e, às vezes, passavam meses cobertas de fuligem, sem tomar banho.

Não eram só os jornais que contavam a Annette o que acontecia do lado de fora de Mallory House.

Havia caricaturas que todo mundo comprava, discutindo-as com risadas. Uma delas, por exemplo, mostrava o príncipe regente, imensamente gordo, com lady Hertford, coberta de joias da Coroa, sentada no colo. Ou, então, uma essa senhora montada nele, como se o regente fosse uma bicicleta. Tudo isso provocava risos.

Annette achou que um pouco do brilho da sociedade estava ofuscado, não sendo tão atraente como lhe havia parecido a princípio.

Ficou imaginando por que o duque se mostrava tão severo em relação a ela, quando era evidente que todas as pessoas que conhecia, do príncipe regente para baixo, se comportavam de maneira censurável.

Ao mesmo tempo, a se acreditar no que dizia os jornais, a maioria da população estava sofrendo de pobreza e de condições intoleráveis em matéria de alimentação e de habitação.

Não compreendia isso e continuava lendo tudo o que podia. Muitas vezes se via tentada a perguntar ao duque sobre coisas que a deixavam perplexa.

Mas depois pensava que ele iria apenas achá-la maçante e curiosa.

No entanto isso devia interessar a todo mundo, pensou ela, certa tarde quando passeava de carruagem, com a duquesa, por Piccadilly.

Via a pobreza das crianças encolhidas nos vãos das portas, esperando oportunidade de roubar algum transeunte ou de receber uma esmola atirada por uma pessoa mais caridosa.

Tanta riqueza ao lado de tanta miséria, e ninguém ligava! Era muito estranho. Annette achou que precisava fazer alguma coisa para ajudar.

"Agora que prometi ao duque, não vou poder fazer nada, sem primeiro falar com ele. "

Nesse momento, o duque estava pondo ordem nas cartas que ela havia roubado de Guedston. Fazendo isso pelo menos tinha praticado um bem Por outro lado, existia tanta injustiça no mundo! E ficou consternada ao pensar nas dificuldades que teria, se quisesse ajudar.

Soltou um suspirosinho e compreendeu que precisava encontrar uma solução sozinha.

O duque não compreenderia. Ele a considerava uma garota maçante uma criança que brincava com fogo.

Por um momento, julgou-se muito infantil por desejar a ajuda dele.

O duque era tão forte, tão poderoso, que poderia realizar muito mais do que ela jamais sonharia poder fazer.

Depois achou que ele não estava interessado por ela, e sim por lady

Lucinda Ponds.

Lucinda era bonita, muito bonita; quanto a isso, não havia dúvida. com uma dorzinha no coração, que não soube explicar,

Annette compreendeu que, comparada com Lucinda, devia mesmo parecer uma criança insignificante.

"Se o duque casar com ela, como todo mundo espera, que será de mim? "

Isso fez com que, de repente, tivesse medo do futuro.

Annette tinha pensado que ia detestar viver em Mallory House, mas: agora adorava estar ali.

Não era apenas pela casa e pelos jardins, verdadeiramente lindos. Era também de certo modo, excitante, quando o duque se achava presente.

Não o via muito, mas, mesmo quando estava ausente, ela tinha consciência da presença dele.

Quando o duque entrava no salão, antes do jantar, ou nas raras ocasiões em que ia fazer companhia à avó e a Annette. o tempo parecia passar mais depressa e a moça sentia uma estranha excitação que jamais havia conhecido.

Apesar de tudo, queria desafiá-lo, zombar dele.

Era uma coisa que nunca tinha sentido por outro homem. Mas, com o duque, o sentimento existia, embora ela não soubesse explicá-lo.

"Por favor, meu Deus, não permita que ele case... logo. "

Era a oração mais tola que já tinha feito na vida.

CAPÍTULO IV

O duque ergueu os olhos do jornal que estava lendo e fitou o secretário que acabara de entrar na biblioteca.

– Que deseja, Hendrick?

– Posso falar-lhe por um momento, milorde?

– Claro – respondeu, largando o jornal. Percebeu que o secretário estava preocupado.

Hendrick era um homem de meia- idade, que trabalhara com o pai e duque e sabia mais sobre as propriedades Mallory do que qualquer um dos dois.

Demonstrava tato com os criados e com os outros empregados, mas, ao mesmo tempo, tinha mão firme e estava atento a todos os detalhes. O duque sabia que, ao contrário do que acontecia em muitas casas de aristocratas, a comida em nenhuma de suas casas era vendida pelos chefes, nem o vinho era roubado pelos mordomos.

– Por que está preocupado, Hendrick?

Houve uma pequena pausa, antes de o secretário responder.

– Achei que o senhor devia saber que a srta. Lyndon está sacando grandes quantias de sua conta particular.

– com certeza, é para pagar seus vestidos e outras coisas que são consideradas necessárias para uma debutante.

– Não, milorde. Sou eu que pago as contas das costureiras e das chapeleiras, e não são exageradas.

A expressão do duque mudou.

– Está dizendo que a srta. Lyndon tira essas quantias em dinheiro?

– Exatamente, milorde. Ela me diz de quanto necessita, assina os cheques e eu lhe entrego o dinheiro no dia seguinte.

Vendo que o duque o fitava, incrédulo, o secretário lhe entregou um pedaço de papel.

- Foi esta a quantia que a srta. Lyndon pediu na semana passada, milorde. O duque pegou o papel, olhou-o e perguntou, em tom ameaçador:

- A srta. Lyndon está em casa?

- Creio que acabou de voltar de um passeio a cavalo, milorde.

- Então, mande um criado dizer-lhe que quero falar com ela imediatamente.

- Está certo, milorde.

Houve uma nova pausa. Hendrick disse, então:

- Espero ter agido certo, contando ao senhor o que está acontecendo. Acho que, por mais rica que seja a senhorita, se isso continuar no mesmo ritmo, haverá um rombo em sua fortuna.

Obviamente, estava constrangido com o que dizia. O duque tranquilizou-o:

- Fez muito bem, Hendrick. Como sabe, sou o tutor da srta. Lyndon e eu é que terei que verificar as contas, quando o dinheiro lhe for entregue.

- Obrigado, milorde.

Hendrick inclinou-se e saiu da sala. O duque, de sobrolho carregado, levantou-se e foi para a janela.

- Que diabo estará Annette inventando, agora? - murmurou.

Olhou para o papel onde estavam anotadas as quantias que a moça havia retirado e apertou os lábios, contrariado.

Tinha ficado certo de que Annette se comportaria, depois da promessa que ela lhe fizera na noite que fora apanhada roubando a casa de sir

Guedston.

Pensou que tinha conseguido não apenas sua promessa, como também sua confiança.

Mas agora disse a si mesmo, zangado, que havia sido tolice pensar que uma mulher pudesse ser correta e sincera. Todas elas trapaceavam, quando tinham oportunidade.

Na escrivaninha atrás dele havia duas cartas de lady Lucinda, ainda(, fechadas.

Como o duque não a visitou durante vários dias, ela o bombardeou com recados e bilhetes. Ele sabia que, cedo ou tarde, teria que fazer com que

Lucinda compreendesse que sua ligação estava terminada.

Como era inevitável, no que lhe dizia respeito, era apenas uma questão de tempo para ele ficar entediado com qualquer mulher, por mais bonita mais atraente que fosse.

Achava a conversa de Lucinda banal e maçante. Suas queixas constante por ele não querer casar com ela, o deixavam francamente entediado.

Lucinda não era, em absoluto, o tipo de mulher com quem desejaria passar o resto da vida.

O duque não tinha certeza sobre o tipo de mulher que queria para usar seu nome e ser a mãe de seus filhos, mas sabia que esta não se pareceria com

Lucinda nem se comportaria como ela.

Tinha tido muitos casos amorosos, para não saber que, quando inevitavelmente se cansava primeiro, o resultado era sempre uma cena desagradável. E, no que dizia respeito a Lucinda, se ele não tivesse cuidado bem das coisas, o caso iria repercutir em toda a alta sociedade.

"Diabo! Por que fui ter um caso com essa mulher? "

Mas, no momento, não estava preocupado com ela, e sim com Annette.

Dali a momentos, a moça entrou na sala, com a habitual impetuosidade. O duque virou-se. e a expressão de seus olhos tornou-se ainda mais sombria.

- Peço desculpa pelo atraso, tutor, mas estava no banho, quando recebi seu recado, e achei que ia querer que eu usasse alguma coisa mas decente do que uma toalha, antes de obedecer às ordens de Vossa Majestade!

Adiantou-se, confiante. Estava muito atraente, com um vestido musselina azul- claro, enfeitado com fitas estreitas de veludo da mesma cor e com babados na barra da saia.

Como o duque se encontrava de costas para a luz da janela, Annette notou sua expressão ao se aproximar.

Por um momento, a moça ficou imóvel.

- O que aconteceu?

- Pensei que pudesse confiar em sua palavra - respondeu ele, num tom que pareceu uma chicotada - , mas vejo que me enganei.

– Minha palavra? Se quer dizer minha promessa, eu a cumpro, garanto-lhe que não fiz nada de censurável.

– Está mentindo. E deixe que lhe diga, Annette: se há uma coisa que detesto e abomino é que mintam para mim.

– Mas... não estou mentindo.

– Está!

– O que foi que fiz? Juro que não tenho a mínima ideia de ter agido mal. O duque viu os olhos dela se arregalarem de surpresa.

– Juro por tudo o que me é sagrado que não estou sendo chantageada. Além do mais, não há o menor motivo para eu ser vítima de chantagem.

Então, como explica isto aqui?

Annette olhou para a folha de papel que ele lhe mostrava. Viu as quantias e ficou vermelha.

O duque soltou uma exclamação de cólera e foi até a lareira, ficando de costas para ela.

– Agora, talvez eu ouça a verdade. Annette suspirou.

– Pensei em contar ao senhor, mas achei que... não ia compreender.

– Quem é o homem e qual o poder que ele tem sobre você?

– Não existe homem nenhum.

– Espera que eu acredite nisso?

– É verdade.

– Então, para quem tem dado essas enormes somas de dinheiro? Houve uma pausa.

– O dinheiro é meu.

– Dinheiro pelo qual sou responsável, até você completar vinte e um anos.

– Talvez eu devesse ter pedido ao senhor, mas fiquei com receio de e me impedisse de fazer o que queria.

– Pode estar certa de que sim.

– Agora vê por que eu não podia lhe contar.

– Vai me contar já!

Annette hesitou de novo e depois disse, em voz baixa:

– Eu ia lhe perguntar de que modo poderia ajudar aquelas moças infelizes... mas julguei que não concordaria. Então, achei que poderia dar-lhes o dinheiro sem que o senhor ficasse sabendo.

– Que moças?

– As mulheres... nas ruas.

Ele a olhou, atônito, mas disse, em tom mais suave:

– Será melhor que você comece do princípio. Acho difícil compreender o que está dizendo.

Sentou-se numa das poltronas perto da lareira e fez um gesto com mão, indicando a outra a Annette.

Ela sentou-se na beirada e encarou-o apreensiva.

– Tudo começou numa manhã, quando sua avó estava indisposta e fui fazer compras com Hannah, minha criada particular. Quando saímos de uma loja vimos uma moça com uma criancinha no colo. O bebê era muito pequeno e parecia doente. A moça me pediu um auxílio. Dei-lhe algum dinheiro e, como ela era muito jovem, perguntei se o bebê era dela. Annette relanceou o olhar para o duque, como se estivesse constrangida desviando-o depois.

Em voz baixa, continuou: – Ela me contou que tinha apenas catorze anos, quando veio para Londres, à procura de emprego. Não sei como, mas foi abordada na estação da diligência por um homem que lhe disse... que a ajudaria. – Annette continuou, em tom ainda mais baixo: – Ele fez com que a moça bebesse bastante gim. Ela não tinha certeza do que aconteceu depois, mas nunca mais o viu.

– Essas coisas acontecem, quando as moças vêm sozinhas para Londres disse o duque, secamente.

– Ethel, era este o nome dela, conseguiu arranjar um emprego, mas quando perceberam que estava esperando um bebê, foi despedida. Annette estava quase soluçando. – Ela disse que a única coisa que podia fazer era tornar-se... prostituta.

Houve um silêncio constrangido. O duque nada disse e Annette continuou:

– Depois, quando o bebê nasceu, ela teve que pedir esmola para os dois poderem viver.

– Ela lhe contou essa história enquanto vocês conversavam na rua?

– Não estávamos em Bond Street, e sim, em Maddox Street, onde não há tanta gente. Fiquei com tanta pena, que lhe dei todo o

dinheiro que tinha comigo no momento. Voltei lá, no dia seguinte, para lhe dar mais mas não a encontrei.

O duque soltou uma exclamação de impaciência. Annette continuou rapidamente:

– Não consegui dormir, naquela noite, pensando como a moça parecia doente e como o bebê era raquítico e doentio.

– Isso explica por parte do dinheiro que você gastou – disse o duque.

Mas, e o resto?

– Quando eu passeava por Londres, de carruagem, com sua avó, via crianças esfarrapadas e moças de rosto pintado e vestidos coloridos, esperando para... falar com os cavalheiros que passavam.

Você não devia reparar nessas coisas.

– Como poderia, se não sou cega? – Em sua voz havia agora uma nota da antiga energia. Depois, como se tivesse medo da cólera do duque, continuou mais calma: – Eu já tinha lido a respeito das condições das mulheres e das moças, em Londres, sobre a prostituição nas ruas e o modo como elas são exploradas por pessoas que as mantêm num estado de escravidão.

– Esse tipo de leitura não é para você. Onde conseguiu ler tais coisas?

Annette não respondeu, e ele insistiu:

– Eu lhe fiz uma pergunta. Onde leu essas coisas?

– Nos jornais e nas revistas que o senhor recebe aqui.

– Não é uma leitura apropriada para você.

– Acho justo que eu conheça as condições de Londres, no momento atual. E não é apenas The Political Register que escreve sobre essas coisas. Houve também discursos na Câmara dos Comuns, a respeito.

O duque sabia disso, assim como tinha havido vários debates sobre as descobertas de uma comissão de inquérito nomeada no ano anterior para investigar as condições atuais.

Alguns membros da polícia, que não eram corruptos, tinham prestado depoimento e o Parlamento ficara escandalizado e atônito.

Embora o duque e muitos outros homens tivessem discutido o assunto, nenhuma mulher de suas relações havia demonstrado o menor interesse.

Estava perplexo com o que Annette lhe contava, mas disse, apenas:

– Quero saber a quem mais você deu dinheiro.

– Tenho medo de que fique zangado comigo. Mas, uma noite, depois que conheci Ethel, quis ver por mim mesma o que estava acontecendo e... andei por Piccadilly.

– Você andou por Piccadilly? Sozinha?

– Não. Sozinha não. Não sou assim tão tola! Deixei a carruagem na extremidade de Bond Street e fiz com que Jim, um dos lacaios me acompanhasse.

– Jim não tinha o direito de fazer isso!

– Não fique zangado com ele. Forcei-o a fazer isso, dizendo que, se não me acompanhasse, eu iria só.

O duque ia esbravejar, mas conteve-se e perguntou:

– O que foi que aconteceu?

– Falei com várias daquelas mulheres. Algumas foram rudes comigo, mas as outras, quando perceberam que eu queria apenas ajudar, responderam às minhas perguntas e contaram como é que começaram a vida que agora levam.

– E você lhes deu dinheiro?

– Naturalmente! Quase todas ficaram muito agradecidas. Disseram que assim poderiam ter uma noite de folga e ir cedo para a cama.

O duque duvidou de que fizessem isso. Tinha certeza de que o dinheiro havia sido tirado delas pelos cáftens, que invariavelmente as observavam.

Nada disse, e Annette continuou:

– Uma das moças me contou, o que eu não sabia, que não tinha licença de ficar com o dinheiro, de modo que combinei encontrá-la no parque, na manhã seguinte. Depois, fiz isso com muitas delas.

O duque pôs a mão na testa. Tinha certeza de que Annette não conseguira ajudar aquelas pobres prostitutas, como acreditava estar ajudando.

Os cáftens, tanto quanto as caftinas, estavam sempre de olho nas mulheres que lhes traziam dinheiro suficiente para que tivessem carruagens e casas próprias em subúrbios respeitáveis. Lembrou-se de ter ouvido alguém dizer, na Câmara dos Comuns, que não havia

notícia de nem mesmo um desses exploradores ter ido parar na cadeia.

Eram donos de bordéis e também das infelizes criaturas que andavam pelas ruas, geralmente em estado de embriaguez. Elas entregavam seus parcos ganhos em troca de um teto, até se tornarem pouco atraentes o doentes, não podendo mais então continuar seu comércio.

– Ajudei as mulheres de Piccadilly – continuou Annette. – Mas e que eu mais desejava era ajudar as que tinham filhos. Agora, elas reconhecem a carruagem, quando apareço em Bond Street, e sempre há duas ou três à minha espera. – Olhou nervosamente para o duque e explicou: – Quando sua avó está comigo, aproveito o momento em que ela entra na carruagem para colocar pacotinhos de dinheiro nas mãos das pedintes. – Fitou o duque com ar súplice e continuou: – Receio ter gastado muito, mas sempre que ponho um vestido bonito, ou uma joia maravilhosa da coleção de sua família, não posso deixar de pensar no modo como aquelas pobres mulheres têm que ganhar a vida e nas crianças que têm fome. De repente, os olhos de Annette se encheram de lágrimas.

Levantou-se depressa da poltrona e foi para a janela, para que o duque não a visse chorando. Ele olhou para a silhueta contra o sol, que fazia com que os cabelos dela parecessem dourados.

– Venha sentar-se, Annette. Quero falar sobre isso com você.

A moça enxugou os olhos disfarçadamente e voltou para a poltrona.

– Compreendo seus sentimentos, mas gostaria que você tivesse confiado em mim e me contasse como se sente a respeito dessas mulheres

– disse o duque, serenamente.

– Achei que me impediria. Papai sempre dizia que dar dinheiro a mendigos era jogá-lo fora. Mas eu tinha que ajudar.

– Compreendo isso, mas no futuro precisa agir de maneira mais prática.

Annette fitou-o.

– Estive pensando que, quando eu fizer vinte e um anos e for dona do meu dinheiro, poderia construir um lar, ou um hotel, onde

essas mulheres pudessem deixar seus filhos, que ali seriam alimentados e protegidos.

– É muito boa ideia.

Não queria desiludi-la, explicando que muitas daquelas crianças que queria ajudar eram alugadas por dia, passando de uma mulher para outra e

Servindo apenas para despertar os bons sentimentos das pessoas de coração mole.

Quer dizer que me ajudará? – perguntou Annette. Certamente, vou aconselhá-la a como deve dar seu dinheiro para caridade de um modo mais razoável e mais sensato.

Quero ajudar moças como Ethel, que tiveram um filho... por engano... e que não são casadas.

– Não vai ser difícil. Creio mesmo que há associações que dão assistência às mães solteiras.

– Há, mesmo? Não parecem muito eficientes.

– É verdade.

Sabia que Annette não compreendia a magnitude do problema do qual tomara conhecimento por acaso, ou talvez por ser mais sensível do que a maioria das mulheres da alta sociedade.

– Creio que poderá verificar que algumas igrejas, como St. James; em

Piccadilly, conhecem o problema dessas mulheres, principalmente as que têm filhos. Acho que a melhor coisa a fazer no momento, Annette, é você ir conversar com o vigário. – Vendo que ela não estava muito entusiasmada com a ideia, continuou: – Tenho certeza de que vai ver que a razão de o trabalho do vigário não ser mais produtivo é a falta de fundos.

– Então, poderei dar-lhe parte do meu dinheiro – disse ela emocionada.

– Sem dúvida. Contanto que antes discuta o caso comigo e que ambos fiquemos convencidos de que o dinheiro será bem empregado.

– Oh, obrigada! Obrigada!

– É o seu dinheiro, não o meu.

– Quero ajudar! Quero realmente fazer alguma coisa boa com a minha fortuna. Mas o que não compreendo...

Interrompeu-se, como se o que fosse dizer a embaraçasse.

– O que você não compreende?

– Por que há tantas mulheres andando pelas ruas e tantos homens interessados por elas?

Estava pensando como muitas das mulheres eram vulgares principalmente as que tinham sido rudes com ela.

Embora Annette tivesse andado por Piccadilly bem no início da noite tinha visto que um surpreendente número de moças estavam tão bêbadas que mal se aguentavam de pé.

Isso lhe abriu os olhos. Ao mesmo tempo, foi um choque, e compreendeu que nunca mais esqueceria o que havia visto, nem as histórias tristes que as mulheres lhe contaram.

Como se soubesse o que ela estava pensando, o duque disse observando-a:

– É preciso tempo para se reformar o mundo, Annette, e uma pessoa não pode fazer isso sozinha.

– Compreendo, mas o senhor tem tanta força e autoridade! Pode fazer na

Câmara dos Lordes, pode influenciar o regente...

O duque sorriu.

Está me atribuindo poderes que não possuo. Acontece que já falei sobre isso na Câmara e estou pronto a fazê-lo outra vez.

– Está? Está, mesmo? O que essas mulheres precisam é de ajuda, não de leis que farão com que elas vão para a cadeia.

– Você tocou numa das maiores dificuldades que tivemos até agora. Ao mesmo tempo, Annette, quero dizer-lhe que seu interesse por essas mulheres não é compatível com a sua situação de debutante.

Annette de novo se levantou e foi para a janela. Ficou olhando para o jardim.

– O senhor deve ter rido de mim, quando lhe contei o que pretendia ser, ao vir para Londres.

O duque riu. Ainda podia ouvi-la dizendo, com ar desafiador, que pretendia ser uma dama-da-noite.

– Eu lhe disse que você não sabia o que estava falando.

– Estou com vergonha. com vergonha não apenas do que disse, mas por ter achado que era um jeito divertido de viver, e não esse

horror... e essa degradação.

Por seu modo de falar, o duque soube que Annette tinha ficado muito chocada e disse a si mesmo, encolerizado, que era uma coisa que nunca devia ter acontecido.

– Venha cá, Annette.

Ela não obedeceu, e ele se levantou, atravessando a sala e se aproximando dela.

– Vou lhe dar um conselho. Duvido que você o siga, mas é uma coisa que todo reformador tem que aprender, cedo ou tarde.

– O que é?

– Não pode se envolver pessoalmente e emocionalmente com as Pessoas que você está tentando ajudar.

Viu o protesto dos olhos dela, mas continuou:

– Se permitir que seu coração se parta, acabará ficando fanática. Perderá a perspectiva sensata e equilibrada que é necessária e essencial Para qualquer trabalho que queira fazer, seja em que campo for.

Annette refletiu por um momento.

– Compreendo isso, e tem razão. Mas, oh, meu tutor, não posso Aportar a ideia daquelas moças e... Por que é que os homens por quem elas esperam... não têm pena delas?

– Se você quer mesmo que eu a ajude nesse projeto, acho que temos que abordá-lo de um outro ângulo. Se isso lhe agrada, Annette, iremos amanhã procurar o vigário de St. James, em Piccadilly. Você pode verificar o que ele está fazendo para ajudar essas infelizes. E tenho certeza de que o vigário vai ficar muito satisfeito com qualquer ajuda financeira que lhe der.

– O senhor irá mesmo comigo?

– com uma condição. Ela o encarou, apreensiva.

– É que você não faça mais investigações particulares – acrescentou o duque. – Por falar nisso, não é um pedido, é uma ordem!

– Eu sabia que ia tentar me impedir.

– Pela melhor das razões. Em primeiro lugar, vão abusar de você: em segundo, isso não é assunto para ser tratado por uma dama.

– Então, deveria ser – protestou Annette, zangada. – Todas as mulheres deveriam saber o que as outras estão sofrendo, principalmente quando são muito jovens e inexperientes para tomar conta de si mesmas.

– Isso pode se aplicar a você – observou o duque. Ela deu um sorrisinho triste.

– Eu devia ter adivinhado que ia tocar nesse ponto, mas, afinal de contas, tenho o senhor para tomar conta de mim.

– Quando você o permite.

– Lamento, agora, não ter lhe contado antes. Mas tinha sido tão positivo, dizendo que eu não devia nem mesmo tocar no assunto!...

– Eu devia ter sabido, Annette, que ia encontrar uma desculpa para seu comportamento.

– Quero que me ajude. Quero, mesmo! Seria maravilhoso, mais maravilhoso do que eu possa dizer, se fizéssemos isso... juntos.

Estendeu a mão e segurou a dele. Continuou, em voz baixa:

– Nunca pensei que pudesse compreender, mas compreende. E isso faz com que eu sinta que tudo vai dar certo. – Sentiu os dedos fortes do duque apertarem os seus. – Não vai contar à sua avó que a enganei... andando por Piccadilly com Jim? Ela pensou que eu estava em casa de Lisa.

– Prometo que tudo o que me disse será considerado confidencial. Annette sorriu, mas seus olhos ficaram de novo úmidos.

– O senhor é maravilhoso! Realmente maravilhoso! Prometo que serei muito comportada, daqui por diante. Duvido muito – respondeu o duque. Mas estava sorrindo. Annette olhou ao redor, excitada.

Os famosos jardins de Vauxhall eram exatamente como esperava que fossem, mas as luzes pareciam mais fortes, e os arranjos para a ceia, mais interessantes do que tinha imaginado.

Enquanto se vestia para o jantar, teve uma dor de consciência, porque estava enganando a duquesa e, por conseguinte, o duque. Mas disse a si mesma que não podia decepcionar Lisa, depois que esta se dera a tanto trabalho para programar aquela noite.

Lisa ficou tão agradecida por Annette ter conseguido reaver as cartas, que quis mostrar essa gratidão fazendo uma coisa que agradaria à amiga.

Quando Annette lhe entregou as cartas, a outra rompeu em lágrimas.

– Annette, minhas cartas! Não sei como lhe agradecer! – Depois, através das lágrimas, disse: – Eu lhe pagarei tudo. Você sabe que pagarei, nem que leve muito tempo.

– Você não me deve um níquel.

Lisa ficou tão atônita, que parou de chorar.

– É verdade – falou Annette.

– Mas... não... compreendo. Não é possível que ele... lhe tenha dado as cartas...

– Roubei-as! Mas você não deve contar nada a ninguém. Tem que me jurar,

Lisa, que nunca, nunca mesmo, falará a quem quer que seja sobre as cartas e como as obtive de volta.

– Juro! É claro! Juro! Mas conte o que aconteceu. – Depois que ouviu a história toda, ficou estarrecida. – Como é que você pôde ser tão corajosa? Como pode fazer uma coisa tão perigosa, só para me ajudar?

– Porque você é minha amiga, Lisa, e porque acho sir Guedston totalmente desprezível. Não suportava a ideia de vê-lo ganhar tanto dinheiro de um modo tão vergonhoso.

A outra encarou-a, com espanto e admiração. A seguir, as duas queimaram as cartas na lareira, com todo o cuidado, até que só restassem cinzas.

Enquanto as chamas subiam, Lisa suspirou de alívio.

– Agora, Charles jamais saberá.

– Nunca, a não ser que você lhe conte, e é uma coisa que nunca deve fazer.

– Eu lhe fiz uma promessa, Annette, e jamais a quebrarei – disse Lisa, com ar solene.

Beijou Annette, agradecendo-lhe novamente. Mas, dali por diante, ficou procurando um jeito de retribuir-lhe o favor.

Quando Lisa contou à amiga que tinha arranjado para cearem eu Vauxhall

Gardens, Annette compreendeu que era uma celebração cujo significado só as duas compreendiam.

Jantaram primeiro em casa de Lisa, com a presença do marquês e da marquesa de Morecombe, o que tornou a conversa um tanto maçante.

Os pais de Lisa pensavam que eles iam a um baile, mas as duas moças, acompanhadas por Charles e pelo visconde Coombe, irmão de Lisa foram para Vauxhall Gardens.

Apesar de sua reputação duvidosa, Vauxhall tinha o selo da respeitabilidade, porque o príncipe regente ia lá muitas vezes, tendo seu próprio pavilhão, com uma entrada particular, diretamente da rua.

Mas, sendo um lugar público, estava à disposição de quem pudesse pagar a entrada.

Preveniram Annette de que havia batedores de carteira, homens bem vestidos e com ar de prosperidade, que caminhavam por entre as árvores.

Charles e Richard conduziram as duas moças por entre a multidão, levando-as para a Rotunda, onde a ceia estava sendo servida em pequenas alcovas em semicírculo, decoradas em estilo oriental.

Cada alcova usada para a ceia era decorada com quadros. Annette viu-se em uma que era chamada "O Dragão".

Havia ali a pintura de um monstro verde soltando fogo pela boca, com uma expressão que o visconde Coombe comparou com a do príncipe regente quando o Parlamento se recusava a votar mais dinheiro para ele.

Annette achou o irmão de Lisa um tanto decepcionante. Não havia dúvida de que era, como a amiga o descrevera, um "almofadinha" dos mais elegantes, mas assumia também uma atitude lânguida, com as pálpebras caídas e a voz entediada da "roda elegante", o que Annette considerava muito irritante.

Era diferente de Charles Anderston, que ela achava cada vez mais simpático.

Mas Charles só tinha olhos para Lisa. Annette compreendeu que esperavam que ela se mostrasse agradável com o visconde e procurasse manter conversa com ele.

Isso era difícil. Tinha a desagradável impressão de que Richard havia sido pressionado pela irmã para acompanhá-la naquela noite,

quando preferia estar em outro lugar.

Em todo o caso, respondeu a algumas das perguntas de Annette e encomendou algumas fatias do famoso presunto Vauxhall, que custava uma fortuna.

Pedi também champanhe, mas Annette percebeu que não era de tão boa qualidade como o que serviam em casa do duque.

Olhou para a Rotunda, com olhos arregalados, pois tinha ouvido dizer que ali havia os retratos de Henrique VIII e de Ana Bolena, feitos por

Hogarth.

De onde estavam via o lugar da orquestra, que parecia um pagode chinês, embora tivesse em cima o emblema do príncipe de Gales.

Algumas pessoas dançavam, mas a maioria passeava, em meio às cinco mil lâmpadas a óleo que faziam com que Vauxhall fosse um dos lugares mais bem iluminados de Londres.

– Quando é que o show vai começar? – perguntou ao visconde.

– Não deve demorar, mas vou procurar saber.

Levantou-se e saiu com uma pressa que fez com que Annette compreendesse que ele tinha razões para querer escapar. Mas a moça não sentiu sua falta, preferindo olhar para a multidão à sua frente.

Charles falava baixinho com Lisa, evidentemente murmurando palavras de amor, que deixavam a noiva corada e muito bonita.

Annette mudou a cadeira para o mais longe possível dos dois, para não ouvir, embora sem querer, o que diziam um ao outro.

Foi então que, no outro lado da divisão entre seu compartimento e o vizinho, ouviu uma voz conhecida dizer:

– Ela não apenas canta divinamente, mas é muito sedutora, o que o duque aprecia bastante.

– Eu o amaldiçoo todos os dias, por ter me suplantado! – respondeu uma voz de homem.

– Você está contando vantagem, Ranelagh – disse o primeiro homem, rindo.

Era lorde Lims.

Annette soube com quem ele estava falando, pois tinha sido apresentada ao duque de Ranelagh e dançado com ele num baile.

Achou-o um rapaz convencido, e ele tinha demonstrado claramente que não se interessava por ela.

– Ouvi dizer que Mallory comprou para Blanche uma casa em Paradise Row. em Chelsea, instalando-a lá com luxo e dando-lhe uma carruagem com cavalos que deixam para trás todos os outros da alta sociedade! observou lord Lims.

– Não ouvi falar da casa, apenas; estive lá!

– Deus dê piedade, Ranelagh! Entrou pelo buraco da fechadura? Não posso acreditar que o duque o tenha convidado.

– Tenho meus recursos – disse o duque, gabando-se. – Para ser franco,

Lims, nossa francesinha bonita não esconde que gosta de mim.

Lims não respondeu, e o duque continuou:

– Mas fui franco: disse a ela que não tenho o dinheiro de Mallory, chegamos a um acordo amigável.

– Que tipo de acordo?

Annette não podia ver o duque, mas tinha a impressão de que estava cheio de si e todo satisfeito. Achou mesmo que devia ter piscado para o amigo.

– Quando o gato está fora, os ratinhos brincam – respondeu ele, de um modo evasivo.

– Que quer dizer com isso?

– Você pode adivinhar, Lims. Mallory nem sempre está em Londres. E, quando está, muitas vezes se acha em companhia de lady Lucinda.

– Quer dizer que...

– Quero dizer que sou persona grata com a nossa borboleta francesa. Lorde

Lims soltou uma exclamação.

– Pelo amor de Deus, homem, tenha cuidado! Mallory é um ótimo atirador e tenho certeza de que não permitirá que ninguém, muito menos você, vá

"caçar em sua propriedade".

– Sou a discrição em pessoa – disse o duque, despreocupado. – posso garantir, depois que vi os brilhantes que Blanche arrancou dele, que ela não tem a mínima intenção de perdê-lo.

– Você é mais corajoso do que eu.

– Para obter o que deseja neste mundo, uma pessoa precisa de coragem e determinação.

– Acredita mesmo nisso? – perguntou Lims, em tom diferente.

Sempre consegui o que queria na vida. Não apenas fui determinado, como corri certos riscos para obter o que desejava. – Riu e continuou: – Quando faço amor com a amante de Mallory, na cama de

Mallory, tendo tomado o excelente champanhe de Mallory, congratulo-me por ser extremamente inteligente.

– Um brinde a isso. E faço um brinde a você, Ranelagh. Você me deu uma ideia. Se der certo, eu lhe ficarei grato, com toda a sinceridade,

– Fico encantado por poder ajudar.

Annette ouviu o tilintar de copos e achou que os brindes estavam sendo feitos por cima da mesa.

Ficou zangada por saber que o duque de Ranelagh e lorde Lims (que ela tinha recebido ordem de riscar da lista de seus conhecidos) estavam zombando do duque e achando que tinham lavrado um tento contra ele.

Mas Annette teve pouco tempo para refletir sobre isso, pois o visconde voltou, dizendo que Blanche Moureau logo iria cantar.

Ele mal se sentara, quando um mestre- de- cerimônias anunciou a entrada da prima- dona.

– Milordess, senhoras e senhores, esta noite temos a grande honra e o privilégio de ouvir uma das mais famosas prima- donas de toda a Europa.

Cidadã da França, onde cantou na famosa Ópera de Paris, assim como no

Scala de Milão, é conhecida como "O Rouxinol"! Milordess, senhoras e senhores, tenho a suprema honra de lhes apresentar a maravilhosa mademoiselle Blanche Moureau!

Houve uma salva de palmas. O mestre- de- cerimônias fez com que a famosa soprano se adiantasse.

Mesmo da distância a que se achava, Annette percebeu como a cantora era atraente. Tinha cabelos escuros, mais ainda do que os de lady Lucinda; os olhos eram enormes, com pestanas muito longas; os lábios, vermelhos.

Estava com um vestido muito bonito, cheio de pedrarias que Brilhavam no ambiente profundamente iluminado.

Começou a cantar e logo ficou claro que merecia todos os elogios que os críticos lhe faziam.

Todos ouviam em absoluto silêncio.

Sua voz tinha o timbre raro, límpido de um rapazinho, mas Blanche era muito feminina e extremamente sedutora.

Tinha um corpo voluptuoso, mas o pescoço comprido e os ombros arredondados eram os de uma jovem deusa.

Annette achou a voz da artista irresistível. Olhando para Blanche, sentiu uma pontada de dor no coração.

"Ela é linda, atraente, e não é de admirar que ele... "

Procurou não pensar nisso, porque doía saber que essa criatura maravilhosa, essa mulher que tinha uma voz que fazia com que chamassem de

"Rouxinol", pertencia ao duque.

Por um momento, ficou sem saber por que tal fato a feria tanto, por que a dor no coração parecia aumentar a cada nota cantada por Blanche.

Então, de repente, Annette soube a verdade. O horror da descoberta fez com que desejasse gritar que não era verdade.

Mas não podia negar que estava com ciúme, ciúme da amante do duque; um ciúme que lhe causava uma dor lancinante, como se uma espada a transpassasse.

Estava com ciúme do duque, porque o amava!

CAPÍTULO V

– Hoje vamos jantar em Devonshire House – disse a duquesa-mãe.

– Nossa presença aqui não é necessária, porque meu neto vai dar um jantar.

– Um jantar? – perguntou Annette, achando que seria só para homens.

A duquesa sorriu.

– O príncipe regente se convidou a si próprio. E, embora venham muitas mulheres bonitas, o assunto principal se centralizará em outra fêmea.

Annette pareceu perplexa, e a duquesa continuou:

– Belfort está decidido a ganhar a Taça de Ouro em Ascot, com sua égua

Bella, ao passo que o príncipe está convencido de que o animal que ele inscreveu é o que vai ganhar.

Annette compreendia que a conversa seria muito animada, entre dois

Proprietários rivais, tendo certeza de que outros sócios do jóquei- clube estariam presentes, mas ficou um tanto despeitada por não ter sido convidada.

Como se adivinhasse esses pensamentos, a duquesa explicou:

– O príncipe regente gosta de mulheres mais velhas e mais sofisticadas. Claro que vai trazer lady Hertford. E aposto que lady Lucinda deu um jeito para ser convidada, seja lá como for!

Havia uma nota gélida na voz da duquesa, que, como Annette sabia não gostava de lady Lucinda, tanto quanto Annette não gostava.

Desde que descobrira que estava apaixonada pelo duque e com ciúmes das mulheres a quem ele dava atenção, a moça achava

cada dia mais doloroso do que o outro. Torturava-se com a lembrança do poder de atração de Blanche e da beleza de Lucinda.

Ignorava, naturalmente, que o duque estava achando as exigências de Lucinda cada vez mais irritantes e que, numa gaveta da escrivaninha dele, havia numerosas cartas perfumadas daquela senhora, ainda por abrir.

Só o que Annette sabia era que, em todos os bailes, em todas as recepções, Lucinda gravitava em torno do duque, como se ele fosse um imã e que diariamente, lacaios com a libré da família Ponds vinham entregar cartas e bilhetes em Mallory House.

"Estou contente por não comparecer hoje ao jantar.

Seria difícil dar atenção aos homens sentados a seu lado, porque estaria observando o duque, sabendo que lady Lucinda, provavelmente sentada ao lado dele, obteria todas as suas atenções.

Era impossível supor que ele não estivesse encantado com a beleza daquela mulher. Annette pensou, desesperada, que seria apenas uma questão de tempo, talvez de dias, para que o noivado fosse anunciado.

Durante todo o dia percebeu que esperava vê-lo aparecer, com seus ombros largos, seu rosto bonito e um tanto cínico, seus cabelos escuros.

O duque foi muito bondoso, levando-a para conversar com o vigário de St.

James, em Piccadilly.

Lá, Annette ouviu o padre contar o que estava fazendo pelas crianças carentes de sua paróquia e de outras, que muitas vezes eram abandonadas dentro da própria igreja. Contou também que lutavam com a falta de fundos, embora estivessem caminhando na direção certa.

Mas Annette achou que não estavam lutando o suficiente em favor das pobres moças que vinham do campo, eram seduzidas e levadas a uma vida de pecado, antes que compreendessem o que lhes acontecia. Perguntou ao vigário:

– Não seria possível uma pessoa como o senhor, ou talvez uma mulher, ficar de plantão nas estalagens onde as diligências deixam os passageiros? Assim, se surgisse uma jovem parecendo perplexa

e desamparada, poderia ser levada para um lugar seguro, ou para uma casa de família, para trabalhar como criada.

É certamente uma ideia, srta. Lyndon – respondeu o vigário – , mas, para ser franco, não disponho de um número suficiente de auxiliares.

E duvido que as moças que vêm para Londres queiram ouvir esse tipo de conselho.

Annette achou tal atitude derrotista. Quando se viu a sós com o duque, insistiu em sua ideia, dizendo que tinha certeza de que alguma coisa podia ser feita.

– Vou discutir o caso com a polícia – prometeu ele.

– Uma jovem do campo pode ficar com medo, se um policial lhe dirigir a palavra – comentou Annette. – Precisamos, isso sim, de uma senhora de idade, bondosa e maternal, que ganhe a confiança das moças e faça com que compreendam que precisam ter cuidado.

O duque nada disse, sabendo que havia muitas mulheres, do tipo descrito por Annette, que ficavam à espera dessas moças, quando elas desciam das diligências. Eram agenciadoras que, com promessas de empregos e salários altos, atraíam as vítimas para casas de tolerância, de onde jamais conseguiam escapar.

– Prometo estudar o problema a fundo, Annette. Já o discuti com lorde

Ashley, que é um de nossos reformadores mais brilhantes, mas você não deve ficar impaciente, se não obtivermos resultados rápidos.

– Estou impaciente! A cada dia, a cada hora, mais moças se perdem, se tornam infelizes, pondo no mundo filhos indesejados.

Havia em sua voz uma intensidade que o duque achou comovente. Entre as mulheres que conhecia nunca tinha encontrado uma só que se importasse com o que acontecia com as menos afortunadas.

Percebeu que, agora, olhava de um modo diferente para as prostitutas que via nas ruas, quando passava de carruagem. E também lia com mais atenção as notícias dos jornais sobre os crimes que eram cometidos.

Muitos de seus amigos ficaram surpresos, quando ele lhes falou seriamente sobre o assunto.

– Pensei que você já tivesse mulheres demais com as quais se Preocupar,

Mallory, sem incluir na lista as infelizes prostitutas disse-lhe um membro do Parlamento.

Mas outros lhe deram mais atenção, sabendo que ele era um membro influente da Câmara dos Lordes.

Não havia dúvida de que o duque tinha sido bondoso, pensou Annette Mas isso não queria dizer que se interessava por ela, pessoalmente Afinal, por que se interessaria, quando já tinha duas mulheres tão bonitas?

Amando-o e não podendo pensar em mais nada, ela agora dormia mal e emagreceu. A duquesa notou isso.

– Ainda bem que a estação está no fim – disse a velha senhora. Essas noitadas e esses bailes vão acabar fazendo com que você perca a beleza, se não tiver cuidado.

Annette ficou imaginando o que lhe aconteceria, então, e se o duque tinha algum plano para ela. Temendo que o tutor pudesse mandá-la para o campo, ou para Harrogate, não se atrevia a fazer perguntas.

Mas sabia que, quando Ascot terminasse, o príncipe regente iria para

Brighton. Depois, pouco a pouco, as casas grandes iriam se fechando e os donos seguiriam o regente, ou viajariam para suas casas de campo, onde ficariam até o outono.

Annette perguntou ao sr. Hendrick quem vinha jantar em Mallory House e o secretário lhe mostrou a lista de convidados. Eram apenas vinte, sendo a lista encabeçada, naturalmente, pelos nomes do regente e de lady

Hertford. O nome de lady Lucinda pareceu pular do papel e dançar diante de seus olhos.

Annette foi jantar com a duquesa, sentindo-se como Cinderela, que não havia sido convidada para o baile.

Como o jantar em Devonshire era apenas de família, as duas voltaram cedo para casa. Quando chegaram, o mordomo disse à duquesa:

– As senhoras acabam de ir para o salão, Vossa Graça, e os cavaleiros ainda estão na sala de jantar.

– Então, vamos subir sem que nos vejam – respondeu a duquesa, sorrindo.

Beijou Annette no rosto e acrescentou: – Boa noite, querida. Pode ir na frente. Sabe que tenho que subir a escada devagar.

– Boa noite, senhora – respondeu Annette, com uma reverência. Quando a duquesa começou a subir, a moça acrescentou:

– Há no salão azul um livro que desejo ler. Vou buscá-lo.

Sabia que não encontraria ninguém lá, pois o salão azul nunca era usado à noite. Encontrou o livro que queria e também uma revista que tinha começado a ler, à tarde.

Apanhou-os e já se dirigia para a porta, quando teve vontade de tomar um pouco de ar. Sabia que teria dificuldade em conciliar o sono.

Os dois últimos dias tinham sido muito quentes, e Annette queria sentir agora o ar fresco da noite.

Puxou as pesadas cortinas de cetim e abriu a porta– janela que dava para o terraço.

Ao sair, ouviu vozes que vinham do salão, assim como risos masculinos na sala de jantar, que dava para o jardim.

Annette desceu os degraus silenciosamente e foi para o gramado em sombras.

Ali estava fresco e agradável. Quando se viu longe das luzes da casa, percebeu que a Lua e as estrelas davam claridade suficiente para caminhar, sem cair nos canteiros nem esbarrar nas moitas.

Lembrou-se de que havia um banco na extremidade do jardim, não muito longe do portão por onde ela e o duque tinham entrado, na noite em que roubara a casa de sir Guedston.

Teve vontade de sentar-se lá e não pensar na beleza de Lucinda, nem nos encantos de Blanche. Havia muitas outras coisas para ela pensar.

Pelo fato de estar apaixonada, queria, assim como todas as mulheres desde o princípio dos séculos, ser melhor, mais inteligente e mais bonita, para o homem amado.

O duque era tão inteligente, pensou, que certamente achava maçante sua ignorância sobre vários assuntos.

Sendo modesta a respeito de suas qualidades, Annette tinha certeza de que lady Lucinda sabia discutir política, corridas de

cavalos e vários outros assuntos do interesse do duque, com um conhecimento que ela, Annette, por ser muito mais moça, não podia ter.

"Mas vou tentar. vou tentar! "

O livro que estava lendo e que tinha ido buscar para levar para o quarto era sobre cavalos de raça e seu tratamento.

Annette já tinha quase chegado ao lugar onde pretendia sentar-se, quando, atônita, viu alguém se levantar do banco e se dirigir rapidamente para as sombras das árvores.

A moça ficou imóvel.

– Quem está aí? – perguntou. Não houve resposta.

– Eu o vi! – disse ela, em tom acusador. – Então, não adianta se esconder.

Pensou que fosse um dos criados, e eles não tinham licença de andar pelos jardins.

Aproximou-se do banco. Como as moitas atrás não eram muito cerradas, julgou ver ali um vulto.

– Saia daí! – ordenou, com firmeza. – A não ser que queira que eu chame um dos lacaios!

As moitas se abriram e um homem apareceu.

Ao luar, ela conseguiu ver-lhe o rosto, mas não o conhecia. Era um estranho, e não, como esperava, um dos empregados da casa.

– Quem é você e o que está fazendo aqui?

– Peço desculpas – respondeu o homem.

– Sabe que é um intruso?

– Sei e vou partir imediatamente. Annette fitou-o, indecisa.

– Se é um ladrão, não posso permitir que vá embora.

– Garanto-lhe, srta. Lyndon. que não tenho intenção de roubar coisa alguma.

– Sabe quem sou?

– Sei.

– Mas como? E por que está aqui?

– Prefiro não responder, mas prometo que não causarei nenhum dano material e que irei embora imediatamente, se assim o desejar.

– Que quer dizer com "dano material"?

O estranho sorriu e ela percebeu que era moço, com menos de vinte e cinco anos. Embora não o distinguisse bem, notou que

estava vestido com asseio, mas não com a elegância de um cavalheiro.

– Quem é você? – perguntou ela, novamente.

– Meu nome é John Fornasen, que nada significa para você.

– E o que você faz?

– Sou repórter.

– Repórter? Quer dizer que está aqui para dar notícia sobre o que está acontecendo? Sei que o duque não vai gostar disso. Trata-se de uma festa particular.

Sabia que, quando o príncipe jantava em particular com um de seus amigos tudo era feito para que a notícia não saísse nos jornais.

O rapaz sorriu.

– Garanto-lhe, srta. Lyndon, que a presença de Sua Alteza Real nada tem a ver com o fato de eu estar aqui.

– Então, de que se trata?

– É uma coisa que não posso contar, mas lhe agradeceria se me deixasse ficar.

– Por mera curiosidade: como entrou?

– Pulei o muro.

– Então, sem a menor dúvida, é um invasor. Se eu fizesse o que devia, estaria gritando por socorro e você seria expulso daqui.

– Sei disso, mas, como sei também que é- boa com as pessoas menos afortunadas, suplico-lhe que me deixe, ficar.

– Como é que sabe que sou boa? – perguntou Annette, desconfiada.

– Ouvi falar do dinheiro que andou dando às mulheres da vida.

– Se ouviu, por favor não publique nada sobre isso em seu Jornal. Meu tutor ficaria muito aborrecido, eu também não gostaria que isso se tornasse público.

John Fornasen não respondeu e Annette insistiu:

– Por favor... Estou pedindo como um favor.

– Posso pedir um, em troca?

– Qual?

– Que me deixe ficar.

– Creio que é razoável – respondeu, hesitante. – Mas gostaria que me dissesse qual o motivo.

- Eu lhe conto, se jurar que não vai mudar de ideia e mandar que me expulsem daqui.

- Só posso prometer depois de ouvir o que tem a dizer. Estava sendo cautelosa, mas ao mesmo tempo sabia que o duque detestaria qualquer tipo de publicidade sobre a generosidade de sua pupila com as mulheres de

Piccadilly. E a duquesa ficaria escandalizada, se soubesse que Annette tinha conversado com aquelas mulheres.

Sentou-se no banco, sentindo-se desamparada.

- Conte-me o que deseja e procurarei compreender.

- É muita bondade sua. srta. Lyndon - respondeu o rapa sentando-se ao lado dela. - Embora não signifique nada para a senhorita é muito importante para mim, pessoalmente.

- Porquê?

- Porque, se eu conseguir uma reportagem hoje à noite, talvez isso ajude muito minha carreira.

- Como é possível?

- Já ouviu falar de William Hone?

- Não creio.

- Ele é conhecido como o "herói da imprensa" - explicou John Fornasen. - É um reformador desde 1796, quando, aos dezesseis anos se uniu à Associação dos Correspondentes de Londres.

- O que ele faz?

- É dono do Weekly Reformists Register.

- Já ouvi falar. Para dizer a verdade, li alguns números.

- Escrevo para esse jornal. Mas William Hone esteve preso no ano passado e, com isso, o jornal decaiu muito.

- O que ele faz agora?

- Está livre e pretende fundar um jornal chamado John Bull. Prometeu me dar um bom emprego, se tudo correr bem, e acho que vai correr.

- Mas ainda não foi publicado.

- Organizar um jornal leva tempo - disse John. - Nesse meu tempo, estou tentando mostrar a William Hone que reportagens sou capa de apresentar. Ele arranjou com um amigo seu, dono de The Courier, para que sejam publicadas nesse jornal.

– Compreendo. Mas que reportagem é essa que você considera tão importante?

– Serei absolutamente franco, srta. Lyndon, porque, sem a sua boa vontade, serei expulso daqui. E, se isso acontecer, me verei obrigado a escrever sobre sua experiência com as mulheres de Piccadilly, em vez de fazer a reportagem que vim procurar aqui.

Falou de maneira calma e agradável, mas Annette percebeu a ameaça por trás daquelas palavras.

– Conte-me o que é.

– Conhece lady Lucinda Ponds?

– Naturalmente.

– E sabe que todo mundo espera que seu noivado com o duque de Mallory seja anunciado a qualquer momento?

– Sei – respondeu Annette, em voz baixa.

– Pois bem, parece que o duque está fazendo corpo mole e lady Lucinda está achando difícil convencê-lo a pronunciar as palavras que a tornarão duquesa de Mallory. Por isso, lady Lucinda engendrou um plano acrescentou o repórter.

Annette ficou atenta.

– Um plano? Que plano?

– Pediu para que eu ficasse aqui e anotasse exatamente a hora em que ela saísse da festa, que, segundo me disse, será muito depois da partida do príncipe regente.

– Que quer dizer? Que significa isso?

Ao fazer a pergunta, soube o que lady Lucinda pretendia. Seria muito interessante, para os fofoqueiros do beau monde, saber que ela ficara até muito mais tarde na mansão, só voltando para casa de madrugada. Não havia dúvida quanto à interpretação que dariam ao prolongamento da visita, e o duque seria obrigado a reparar o mal feito à reputação de Lucinda, pedindo-a em casamento.

Annette tinha uma suspeita do lugar onde o duque havia estado, na noite em que a surpreendera descendo pelo cano da casa de Guedston, com as cartas roubadas. Sabia que a casa de Lucinda ficava perto. O duque podia voltar a pé, mas Lucinda sairia de Mallory House em sua carruagem, com toda a pompa. Seus criados, assim como os do duque, saberiam que a notícia dos jornais era verdadeira.

O quarto do duque, na ala leste, dava para o jardim. Annette achou que talvez John Fornasen ficasse observando a luz daquela janela, enquanto as outras estivessem às escuras. Era justamente o tipo de ideia que uma pessoa como lady Lucinda teria, sabendo que assim obrigaria o amante a pedi-la em casamento, por uma questão de honra.

Desde sua chegada a Londres, Annette ficara sabendo que havia algumas regras não escritas, mas muito severas, que regiam a sociedade. Um cavalheiro podia embriagar-se até cair, podia ficar devendo uma quantia considerável e ter inúmeros casos de amor, mas não desrespeitar o código social.

Isso protegia a reputação de uma senhora. Annette sabia que, se o ele infringisse uma dessas regras, seria obrigado pela opinião pública a fazer uma reparação.

Era um jogo inteligente, mas abominável.

Mallory havia dito a Annette que não desejava casar com Lucinda, nem com nenhuma outra mulher, e ela acreditava nele. Agora, ao descobrir que estava sendo forçado a fazer o que não queria, achou que precisava salvá-lo.

O repórter disse, ansioso:

– Espero que me ajude.

Essas palavras pareceram sair de um nevoeiro, e Annette pensou, desesperada, que precisava ajudar o rapaz, mas, ao mesmo tempo, – impedir que ele fizesse qualquer coisa que prejudicasse o duque.

– Quanto foi que lady Lucinda lhe pagou?

– Dez soberanos.

– Eu lhe darei vinte.

– É muita bondade sua, sita. Lyndon, e aceito, naturalmente. Mesmo assim, preciso de uma reportagem, de uma história. Meu futuro está em jogo.

Uma história! Uma história!, pensou a moça.

De repente, uma ideia começou a surgir, as peças se ajustando como num quebra-cabeça.

– Se eu lhe der vinte soberanos e uma história realmente boa, promete não citar o nome do duque?

– Uma boa história?

– Uma história muito boa. – A respeito de quem?
– Do duque de Ranelagh.
– Ele é notícia! Qualquer artigo sobre o duque seria aceito.
– Então, ouça... – disse Annette, abaixando a voz.
– Vamos a Ascot? – perguntou Annette à duquesa-mãe. A velha sacudiu a cabeça.

– Não para ficar. Espero que não fique decepcionada, minha querida menina, mas eu não poderia ir às corridas e ficar durante três dias, sem ficar exausta.

– Tem razão.

– Estou pensando em irmos para a Taça de Ouro, para apostar em Bella. como Belfort espera que façamos.

– Seria ótimo, senhora. – Mas não pôde deixar de perguntar: – Ele irá conosco?

A duquesa sacudiu a cabeça.

– Não. Vai ficar no Castelo de Windsor. O príncipe regente gosta que ele se hospede lá, e não fomos incluídas no convite. – A duquesa acrescentou, com ligeiro despeito: – Na realidade, eu não gostaria que lady Hertford se mostrasse condescendente, exibindo-se como anfitriã. Não tolero aquela mulher!

– Então, é bom ficarmos em Londres – observou Annette, sorrindo.

– Fomos convidadas a almoçar no camarote real, no dia da Taça de Ouro.

Você vai achar divertido e poderá usar aquele vestido bonito que comprou na semana passada.

– Será ótimo!

Mas, assim que se viu sozinha, Annette escreveu um bilhete e disse a um dos lacaios que o levasse a um endereço que o deixou obviamente espantado.

Dois dias mais tarde, depois que o duque partiu para o Castelo de

Windsor, muito bonito e elegante, guiando seu faetonte novo, Annette recebeu a resposta do bilhete.

Leu-a, guardou-a na bolsa e foi procurar a duquesa em sua saleta.

– A senhora tem alguma coisa planejada para hoje à noite?

– Não tivemos nenhum convite. Como sabe, todo mundo foi para Ascot, ou finge que foi – respondeu a duquesa. – Nosso próximo baile é na sexta-feira, depois que as corridas tiverem terminado.

– Então, se a senhora não se importar, eu gostaria de jantar com Lisa.

– É claro. Assim, poderei jantar no quarto. Minha perna tem me incomodado, ultimamente, e o médico disse que preciso repousar.

– Então, a senhora deve fazer isso nos próximos dois dias. Se não quiser ir a Ascot na quinta-feira, acharei muito natural.

– E deixar de ver o cavalo de Belfort ganhar a Taça de Ouro? Vou com ou sem reumatismo, preciso estar lá para ver Bella chegar em primeiro lugar.

– É lógico! Nesse meio tempo, descanse o máximo possível. A senhora tem sido muito boa, levando-me a toda parte. Sei que às vezes fica muito cansada.

– Não há nada mais triste do que a velhice. Mas garanto-lhe que eu não teria perdido sua estação, Annette, por nada deste mundo!

Annette beijou-a e depois foi para o quarto, fazer seus planos para aquela noite.

Tinha, naturalmente, que sair de casa numa das carruagens do duque, que a levaria até a casa de Lisa.

Sabia que a amiga estava em Ascot, hospedada com o futuro sogro. Quando o mordomo do marquês de Morecombe a fitou, surpreso, ela disse:

– Sei que lady Lisa está fora, mas tenho um recado muito importante para quando ela voltar. Dá licença que eu o escreva?

– Sim, é claro, senhorita – respondeu o homem, levando-a para a saleta.

Ela escreveu qualquer coisa sem a menor importância, fechou o envelope e entregou-o ao mordomo.

– Ficaria agradecida se entregasse este bilhete a lady Lisa, assim que ela voltar.

– Pode deixar por minha conta, senhorita.

Ele abriu a porta e olhou para o largo, ficando admirado por ver que a carruagem de Annette tinha desaparecido.

– Oh, meu Deus! – exclamou a moça. – O cocheiro não entendeu que era para me esperar. com certeza julgou que eu ia

jantar aqui, como aconteceu várias vezes.

– Sim, deve ter havido um mal-entendido.

– Quer fazer o favor de mandar chamar uma carruagem de aluguel?

O mordomo não podia fazer outra coisa. Annette partiu, dizendo ao cocheiro que a levasse a Mallory House.

Assim que saíram do largo, ela lhe deu outro endereço. Quando chegaram a

Paradise Row, em Chelsea, viu que John Fornasen a esperava.

Desceu, deu-lhe o dinheiro para pagar o cocheiro e perguntou:

– Tem tudo?

– Está aqui – respondeu John, mostrando-lhe um pacote.

– Ótimo. E aqui está o dinheiro que lhe prometi. – Entregou-lhe um envelope, que o repórter enfiou no bolso. – Está tudo arranjado?

– Tudo conforme planejamos, senhorita. A casa é aquela.

Apontou para a casa da esquina, que Annette achou muito bonita, tinha uma porta elegante, colunas entalhadas no pórtico, cornijas e janelas com bandas decorativas.

Tinha ouvido dizer que as casas de Paradise Row foram construídas na época dos Stuart e que um dos primeiros moradores dali fora a duquesa de

Mazarin, bonita, bondosa e fútil, que havia conquistado o coração de

Carlos II. O rei lhe dava uma pensão de quatro mil libras por ano.

Annette leu que a obsessão da mulher era o jogo e que, após a morte do rei, quando suas dívidas se tornaram embaraçosas, ela se retirou permanentemente para a casa de Paradise Row.

"A amante do rei e a amante do duque!", pensou Annette.

– Se descermos um pouco a rua, há uma casa vazia e poderemos nos sentar na soleira da porta, enquanto esperamos – sugeriu o repórter.

– Será, sem dúvida, mais confortável.

Foram para a casa vazia, de onde podiam observar a porta de entrada da casa de Blanche Moureau sem serem vistos.

John limpou o degrau de pedra com o lenço e Annette sentou-se.

Tinha a sensação de estar fazendo uma coisa extremamente censurável. Por outro lado, achava que era a única maneira de livrar

o duque das garras de lady Lucinda e precisava cumprir seu trato com o repórter.

– Espere um pouco – disse ele. – É melhor ficarmos mais bem acomodados.

Eu trouxe feno para cá, mais cedo.

Annette viu então um monte de feno amassado, nas sombras da soleira, onde não havia perigo de ser notado.

John colocou um pouco no degrau, para o assento ficar mais macio para

Annette.

Ela riu.

– É macio como uma almofada!

Tornou a sentar e o rapaz tirou um embrulho do bolso.

– O que é isso? – perguntou a moça.

– Alguma coisa para comer. Eu sabia que a senhorita ia ficar sem jantar e achei que teria fome.

– Você pensa em tudo.

– Numa campanha, os detalhes são sempre importantes – comentou John, e ambos riram.

Annette abriu o embrulho e tirou fatias de pão fresco e de presunto, que eles repartiram.

– Quanto tempo acha que vamos ter que esperar? – perguntou a moça, depois de comerem um pouco, em silêncio.

– Não tanto quanto pensávamos.

– Por que não?

– Porque ouvi dizer que mademoiselle Blanche não vai cantar hoje à noite em Vauxhall.

– Não vai cantar?

– Não. Está em casa, descansando. Foi o que me disseram em Vauxhall.

– Mas por quê?

– Pelo movimento dos fornecedores que vi hoje na casa, creio que ela vai receber alguma pessoa importante para jantar.

– Acha, mesmo? Não é perigoso?

– Quem pode saber? O duque está em Ascot, e, se ela tirar uma noite de folga por estar indisposta, lá em Vauxhall Gardens

arranjarão uma substituta e ninguém se importará com o que ela estiver fazendo.

– Não. claro que não – concordou Annette. – Que horas são?

– Meu relógio está no prego. Mas creio que são mais de oito horas.

– Garanto que sim. Saí de Mallory House pouco antes das sete e meia, porque os pais de Lisa geralmente jantam cedo.

– Vejo que também cuida dos detalhes – comentou John, sorrindo.

– Você se lembrou dos meninos? – perguntou ela, apressadamente, como se só agora se lembrasse disso.

– Claro. Não se preocupe, tudo está correndo bem, até agora. Annette respirou fundo.

– Não conte prosa.

– Não estou contando prosa. Para dizer a verdade, estou muito mais aflito do que a senhorita.

– A diferença é que você não o demonstra.

Ele não respondeu. Ficou sentado, as mãos cruzadas nos joelhos, observando a casa da esquina.

Tinha um rosto fino, sensível. Havia nele qualquer coisa que inspirava confiança a Annette.

Ela achava que John era inteligente e que devia escrever bem. Pena que tivesse que recorrer a mexericos vulgares, que faziam com que os jornais que atacavam o regente e o governo vendessem muito.

Tinha a impressão de que John poderia escrever artigos muito mais importantes e estava resolvida a falar com ele sobre as reformas a respeito das quais jornais como The Courier e John Bull seriam a favor.

Mas o momento não era oportuno. Não conseguia pensar em outra coisa, a não ser no plano que tinham engendrado juntos.

Então, como que em resposta aos desejos deles, uma carruagem veio pela rua e parou à porta da casa da esquina.

– O duque! – murmurou Annette, pois reconheceu o brasão.

Ambos viram o lacaio descer da boleia e ir bater à porta com a aldrava, antes de abrir a porta da carruagem para o patrão.

O duque desceu, e Annette achou que ele entrava na casa com muita pressa.

Depois, a porta se fechou e a carruagem partiu.

Annette sentiu uma onda de cólera; não contra o duque, e sim, contra a mulher a quem o duque tinha dado tanta coisa e que o traía tão acintosamente com outro homem.

"Como é que ela pode fazer isso?", perguntou a si mesma. Ainda mais com o duque, que não tinha nem metade do charme de seu tutor!

Depois lembrou-se de ter ouvido seu pai dizer:

– Os ingleses são esnobes, todos eles, desde o príncipe até o mais humilde dos súditos. Só são superados pelos franceses, os maiores de toda a Europa.

Chegou à conclusão de que a cantora agia assim porque um duque era mais importante do que um duque.

Mas, para ela, o tutor podia ser um plebeu, quê sempre o acharia um rei e nunca deixaria de amá-lo.

– Agora temos que esperar até que escureça – disse John.

Isso ainda levaria algumas horas, e Annette preparou-se para uma longa e tediosa espera.

No entanto, o tempo não pareceu passar muito devagar, porque, apesar de sua resolução em contrário, ela não pôde deixar de falar com John sobre a situação do país.

O assunto levou inevitavelmente ao que acontecia em Londres e às mulheres a quem ela tentava ajudar.

Annette ficou sabendo pelo repórter que nas casas chamadas de flash houses não havia apenas meninos, como também meninas.

– Só em St. Giles há quase quatrocentas crianças – disse ele. – Já fui lá, e é a coisa mais parecida com o inferno que jamais vi.

Contou também como tinha ficado chocado e consternado quando viera para

Londres pela primeira vez.

Filho de um advogado de uma cidade pequena, sempre tinha querido escrever e, para grande aborrecimento de seu pai, recusara-se a fazer parte da firma da família.

Veio para Londres decidido a ganhar a vida e andou de um jornal a outro, até conhecer William Hone e compreender que, com ele, –

teria oportunidade de escrever do jeito que desejava.

Contou a Annette que o príncipe regente e várias outras pessoas pagavam para que os jornais não publicassem coisas desagradáveis sobre eles.

O regente, em particular, pagava para que não publicassem sátiras e caricaturas a seu respeito.

Annette ficou sabendo que George Cruikshank, um dos mais famosos caricaturistas, recebera cem libras para se comprometer a não fazer caricaturas do príncipe em situações imorais. E os editores achavam que sempre valia a pena tentar obter, ardilosamente, dinheiro para suprimir certas notícias.

– Parece errado que as coisas que deviam ser ditas sejam suprimidas

– observou Annette.

– Concordo com você. E um dia terei meu próprio jornal. Juro que, então, publicarei a verdade, doa a quem doer!

Ela riu.

– Eu o ajudarei. E isto é uma promessa.

Sorriram um para o outro e começaram a falar da corrupção, assunto que os ocupou durante as próximas duas horas.

Finalmente, começou a escurecer. Agora, a luz pela qual estavam esperando apareceu numa janela do primeiro andar da casa de Blanche.

John tinha uma planta geral da casa e mostrou a Annette qual era o quarto ocupado por Blanche.

Quase uma hora se passou. Agora havia apenas dois lampiões a gás ao longe, do lado de fora do Royal Hospital.

Ouviu-se o som de passos e apareceram dois meninos maltrapilhos mais ou menos dez anos de idade.

John chamou-os pelos nomes.

– Agora você sabe o que fazer, Bill – disse ao mais alto dos dois. Corra até o Corpo de Bombeiros e avise que precisam vir imediatamente para

Paradise Row. Diga que se apressem, porque a casa pertence ao duque de

Mallory, que pagou sua taxa.

– Compreendo, senhor.

– Dou-lhe dez minutos para chegar lá. Depois volte, para receber seu dinheiro.

– Volto logo, senhor. – E Bill saiu correndo. John entregou ao outro menino o resto do fardo de feno.

– Atire isso no porão, por cima da grade, Sam, mas não espere demais.

Sam atravessou a rua. Annette e John viram que fazia o que ordenaram, voltando depois para pegar o resto do feno, onde Annette estivera sentada, indo atirá-lo na casa.

John abriu o pacote que tinha trazido e onde havia diversos tipos de fogos de artifício, daqueles que levam mais tempo para queimar do que os foguetes que explodem no céu.

Os fogos eram muito apreciados nos parques de diversões, em Vauxhall. Em

Vauxhall havia espetáculos quase todas as semanas.

Quando estava na escola, Annette leu que houve um grande espetáculo quando a paz foi anunciada, quatro anos antes, e sabia que o aniversário da batalha do Nilo era celebrado com fogos, todos os anos.

Os fogos sempre a entusiasmaram, desde criança, e achou que agora pelo menos, iam servir para alguma coisa mais importante. Com a coleção trazida por John, era difícil que o plano deles não desse certo.

Ficaram esperando. Pela primeira vez, John deu demonstrou nervosismo.

Bateu com os dedos nos joelhos e depois no degrau onde estava sentado. Finalmente, juntou os fogos.

– Bill já deve ter avisado os bombeiros – disse.

Atravessou a rua, levando os fogos. De onde estava, Annette tinha dificuldade em ver o que ele fazia.

Então, viu o primeiro brilho de um dos fogos que ele segurava antes de atirá-lo no fosso, no porão.

Imediatamente, Annette notou um brilho vermelho contra as paredes da casa. Depois, quando John atirou os outros, houve uma súbita explosão.

O feno pegou fogo; as chamas, juntamente com as dezenas dos fogos, começaram a subir pelo lado da casa.

John voltou correndo para perto de Annette.

Ela nada disse; ficou apenas observando. Sam apareceu correndo e seguindo as instruções recebidas, postou-se diante da casa e gritou a plenos pulmões:

– Fogo! Fogo!

Dali a um momento, a janela do quarto se abriu e Annette viu, à luz das chamas, a cabeça do duque aparecer.

Nesse momento, o carro de bombeiros, puxado por dois cavalos, com seis homens sentados nos bancos laterais, virou a esquina, tocando a sineta.

O carro tinha o esguicho de couro que recentemente havia sido inventado, assim como a mais moderna escada de aço. Estava equipado com o extintor portátil do capitão Manby, que era usado desde 1816.

Os bombeiros, muitas vezes chamados "polícia de incêndio", usavam o uniforme que Annette já tinha visto e achava impressionante. As calças eram de pelúcia vermelha, as meias, brancas, e os sapatos tinham fivelas prateadas. Os paletós eram de tecido azul, com botões prateados, grandes.

Usavam chapéus pretos, de copa alta.

Começaram a agir imediatamente, batendo com força na porta e ordenando aos ocupantes da casa que saíssem logo.

Foram obedecidos tão depressa, que Annette teve certeza de que o duque e

Blanche já deviam estar no hall, prontos para fugir.

Passaram para a calçada, o duque nu da cintura para cima, exceto por uma colcha de seda verde que usava sobre os ombros.

Blanche estava de negligé cor-de-rosa, muito bonito, enfeitado de rendas e de fitas. Os cabelos negros caíam-lhe sobre os ombros. Embora parecesse agitada e amedrontada, Annette teve que reconhecer que estava muito bonita.

Ela e o duque foram para a calçada oposta, fora do caminho dos bombeiros.

O fogo cedia rapidamente, pois a casa não tinha sido atingida. com um bloco na mão, John se aproximou de Blanche e do duque.

– Vossa Graça tem alguma declaração a fazer?

– Nenhuma! – respondeu o duque, asperamente. – E não tenho a mínima ideia da razão por que você se dirige a mim como "Vossa Graça".

– Creio que estou falando com o duque de Ranelagh.

– Não "é exato. e proíbo-o de publicar isso, sob pena de ser processado.

– O público vai ficar muito interessado com tudo o que se relacionar com a famosa mademoiselle Blanche Moureau.

– Não quero que cette histoire seja publicada – interveio Blanche. Vá embora! Allez! Deixe-me em paz! Não queremos saber de repórteres!

– Compreendo perfeitamente – disse John. Inclinou-se e ia se afastar, mas o duque o deteve.

– Escute aqui, meu rapaz.

Falou em voz baixa, mas Annette sabia o que ele pretendia. Estava tentando subornar John, ignorando, naturalmente, que ele já havia sido subornado, pois Annette tivera a perspicácia de prever que talvez isso acontecesse.

Quando faziam seus planos, dissera a John:

– Seja o que for que o duque lhe oferecer para você guardar silêncio, eu lhe darei mais. Não quero que perca dinheiro por minha causa porque está me ajudando.

– Também ajudando a mim mesmo – respondera ele.

– Mas você está sem dinheiro e foi muito camarada.

Ao dizer isso Annette tinha considerado que daria de boa vontade toda a sua fortuna para salvar o duque de casar com lady Lucinda.

Quando viu que John voltava para perto dela, achou que tinha matado dois coelhos com uma só cajadada! Na realidade, salvara o duque de duas mulheres. E ela detestava as duas!

CAPÍTULO VI

– Eu trouxe o broche e a pulseira que usei ontem à noite, sr. Hendrick

– disse Annette. – Será que posso escolher algumas joias para hoje?

– É claro, srta. Lyndon. Está pensando num colar ou num broche?

– Creio que um colar. Tenho um vestido de seda azul-turquesa e acho que um colar de turquesas iria bem.

– Garanto que sim.

O secretário abriu o cofre e tirou vários estojos de couro, que continham uma dúzia de colares.

As joias da família Mallory eram tantas, que havia vários conjuntos de quase todos os tipos de pedras preciosas: brilhantes, rubis, esmeraldas, safiras, turquesas e topázios. Annette achava cada um mais bonito do que o outro.

Havia três colares de turquesas, um com as pedras cercadas por brilhantes, outro, por pérolas, e um, muito original, com uma combinação de rubis e safiras.

Tentava resolver qual iria melhor com seu vestido, quando a porta do escritório se abriu e um criado apareceu, dizendo:

– Trouxe as chaves de Paradise Row, senhor.

– Obrigado, Clements – disse Hendrick. – Coloque-as no quadro. Havia na parede um quadro onde estavam todas as chaves da casa e, na opinião de Annette, também as chaves de todas as outras propriedades do duque.

Não pôde evitar um sorriso de satisfação, ao calcular que Blanche Moureau tinha desocupado a casa de Paradise Row e que o duque estava livre dela.

A história do incêndio recebera publicidade exclusiva em The Courier e depois foi reproduzida em vários outros jornais.

Annette soube que já havia uma caricatura à venda, mostrando o duque e

Blanche do lado de fora da casa, com os bombeiros tentando apagar o fogo.

A história ficou ainda mais colorida, quando se soube que o suposto incêndio não passou de uma explosão de fogos de artifício.

O incidente foi então atribuído a um piadista ou à travessura de alguns garotos.

Fosse qual fosse a explicação, o caso despertou o interesse público.

Embora Annette não soubesse o que o duque pensava de tudo aquilo, tinha certeza de que sua reação fora deixar de ser o protetor de Blanche.

Seu plano surtira efeito e ela estava satisfeita.

Quando subiu para vestir o traje de montaria, ficou imaginando se teria sido assim tão fácil dispor de lady Lucinda.

A duquesa-mãe estava indisposta e Annette foi até seu quarto para lhe dizer que ia passear a cavalo no parque, acompanhada por um dos cavaleiros.

– Você parece satisfeita, minha menina.

– Está um dia bonito, e eu só desejava que a senhora estivesse passando bem.

– Vou tentar me levantar para o almoço, mas, se for um esforço muito grande, peço-lhe que me desculpe.

– Nesse caso, virei almoçar aqui com a senhora.

– Você precisa ver o que Belfort está fazendo. – Depois acrescentou, com uma exclamação: – Mas, é claro! Tinha-me esquecido! Ele disse que ia a

Chiswick ver uma luta de boxe que se realiza hoje à tarde, em Osterley Park.

– Então, nós duas vamos almoçar sozinhas. Annette saiu do quarto e desceu a escada correndo.

Seu cavalo, um baio feroso, esperava-a na porta da frente.

Annette viu lá fora a carruagem preta e amarela do duque. Era puxada pelos animais negros que ela admirava cada vez mais. Foi acariciar-lhes o focinho. Atrás dela, o duque disse:

– Esqueci de perguntar. Como vai indo com as lições sobre como dirigir carruagens?

Ela não tinha percebido que ele se aproximara e virou a cabeça. Como sempre, estava com uma aparência magnífica, de modo que o coração de

Annette começou a bater mais depressa.

– Abby está muito satisfeito comigo – respondeu a moça. – E o senhor mesmo me disse que poucas pessoas dirigem tão bem como ele.

Abby era o cocheiro– chefe. O duque comentou:

– Se Abby está satisfeito, então você deve estar indo muito bem. Creio que, um dia destes, vai querer dirigir estes cavalos.

Os olhos de Annette se iluminaram.

– Posso, mesmo? Seria o melhor presente que o senhor poderia me dar.

– Então, temos que marcar um dia – respondeu o duque, sorrindo.

Os olhos dela brilhavam como estrelas. Annette achou que o duque a fitava de uma maneira mais bondosa do que em qualquer outra ocasião. Nesse momento, foram interrompidos.

– com licença, mas estou falando com a srta. Lyndon? – disse alguém.

Ambos se viraram e viram um senhor de idade. Parecia um comerciante respeitável.

Annette respondeu:

– Sim, sou a srta. Lyndon.

– Perdoe-me por aborrecê-la, senhorita, mas o cavalheiro me deu seu nome como garantia para essas compras. Sendo um pequeno comerciante, não posso vender a prazo muito longo.

– De que se trata? – perguntou a moça sem ter ideia do que ele queria dizer.

– Dos fogos de artifício, senhorita. Annette ficou de respiração suspensa.

– Fogos de artifício? – perguntou o duque. – Quem foi que os comprou?

– Foi no princípio da semana passada – respondeu o comerciante. Os fogos foram comprados por um certo sr. Fornasen, mas, como ele não tinha dinheiro, me deu o nome da srta. Lyndon como garantia. Como disse que ela estava hospedada em Mallory House, achei que não havia perigo em deixar que ele levasse os fogos.

– Em que dia foi isso? – perguntou o duque.

Havia em sua voz um tom ameaçador que fez com que Annette se sentisse como se estivesse caindo num abismo, sem nada poder fazer para se salvar.

– No dia 6 de junho, senhor.

O duque pegou a conta e tirou dois soberanos do bolso do colete.

Entregou-os ao comerciante, que agradeceu profusamente. Mallory entrou em casa, lançando a Annette um olhar de relance.

Embora ele nada tivesse dito, a moça sabia que esperava que ela o seguisse. Atravessou o hall atrás do tutor, como se caminhasse para o cadafalso.

Um laçao abriu a porta da biblioteca. Annette entrou e ouviu a porta fechar-se.

O duque colocou a conta sobre a escrivaninha e ficou por um momento olhando para a pupila.

O coração de Annette batia com tal violência que achou que o duque podia ouvi-lo. Dali a momentos, ele disse, asperamente:

– Exijo uma explicação.

– Fiz isso para salvar o senhor – respondeu, em voz quase inaudível.

– Para me salvar? Que quer dizer com isso?

– Lady Lucinda tinha pagado um repórter para escrever umas coisas desagradáveis a seu respeito.

O duque encarou-a com sincero espanto.

– O que está dizendo? Não entendo nada.

– É verdade – respondeu Annette, infeliz. – Encontrei o sr. John Fornasen no jardim, na noite em que o príncipe regente jantou aqui.

- John Fornasen? Quem é esse sujeito?
- Um repórter de The Courier.
- Você disse que ele estava no jardim? Por que não chamou os criados para expulsá-lo?

- Porque ele me contou que lady Lucinda lhe pagara dez guinéus para ele publicar a hora em que ela ia sair de Mallory House... que ela pretendia que fosse muito depois de os outros convidados terem partido.

- Você está dizendo a verdade?
- Por que, há veria de mentir?
- Por que estava interessada no que aquele homem recebeu para publicar tal notícia?

Houve uma pequena pausa. Depois, Annette respondeu:

- Lady Lucinda achava que isso forçaria o senhor a pedi-la em casamento. E ele achava a mesma coisa.

O duque soltou uma exclamação que mais parecia uma blasfêmia. Em voz encolerizada, perguntou:

- E por que você e aquele homem precisavam de fogos para serem usados num lugar longe daqui?

- Dei a ele o dobro do que lady Lucinda lhe prometeu. Ele queria uma boa história para publicar. Para dizer a verdade, estava decidido a obter uma.

O duque olhou para a conta dos fogos, como se mal pudesse acreditar no que via.

- Então, você sabia que o duque de Ranelagh estaria com mademoiselle

Moureau. Como pôde ficar sabendo de uma coisa dessas?

Houve um silêncio constrangido. Finalmente, Annette respondeu, em voz baixa:

- Ouvi, por acaso, o que o duque disse em... Vauxhall Gardens.

- Vauxhall Gardens? - O duque quase gritou estas palavras. Quando esteve em Vauxhall Gardens?

- Lisa me levou lá, uma noite.

- Porquê?

A pergunta soou como um tiro de pistola. Annette nada podia fazer a não ser contar a verdade.

- Lisa sabia que eu queria ouvir mademoiselle Moureau.

- Então você sabia que havia qualquer coisa entre nós dois?
- Sabia...

O duque apertou os lábios e Annette percebeu que ele estava compreendendo o que havia acontecido. Sabendo onde o duque iria estar na noite em que o duque se achava em Windsor Castle, Annette e John Fornasen tinham engendrado todo o plano, que daria, conforme Annette prometera, uma "boa história".

Houve um longo silêncio, e de novo a moça sentiu o coração acelerar.

De repente, tão de repente que Annette deu um pulo, o duque bateu o punho, com toda a força, na mesa.

- Diabo! É inconcebível que eu fique sujeito à sua curiosidade e à sua intromissão em minha vida particular! - Fitou Annette com olhos negros de cólera. - Como se atreveu a agir dessa maneira? Como se atreveu a me comprometer com um repórter vulgar?

- Fiz isso para salvá-lo.

- Quando eu precisar que me salve, quando precisar de sua ajuda, seja para o que for, pedirei! Nesse meio tempo, fique fora de minha vida e de meus negócios particulares. É intolerável, completamente intolerável, que eu tenha que me submeter a esse tipo de comportamento de uma moça que vive sob meu teto e que deveria ter a decência e o pudor de nem mesmo pensar num mundo do qual ela não pode sequer ter conhecimento. - Ergueu a voz, e via-se que estava descontrolado. Desde que a conheci, você demonstra uma preocupação doentia e desagradável por assuntos que não são da sua conta e que seriam repulsivos para qualquer pessoa que tivesse a mínima sensibilidade. Fez uma pausa e continuou, com firmeza: - Só o que posso dizer é que estou estarecido com seu comportamento e que vou tomar sérias providências para não ficar de novo exposto à sua impertinência.

Annette disse, num murmúrio:

- Sinto muito se... fiz com que ficasse... zangado.

- Zangado? Não estou apenas zangado; estou enojado! Saia da minha frente!

Falou com tal violência, que Annette soltou um gritinho e saiu correndo.

Abriu a porta, atravessou o hall e saiu para onde o cavalo e o cavaleiro a esperavam.

O rapaz ajudou-a a montar. Ela desceu a alameda e atravessou Park Lane, indo para Hyde Park.

Não sabia para onde ia. Queria apenas escapar da cólera do duque, da fúria de suas palavras, que causaram o mesmo efeito de tapas.

Dirigiu o cavalo para a parte pouco elegante do parque, olhando sempre para a frente, sem nem mesmo saber se o empregado do duque a seguia.

Tinha a impressão de que o mundo inteiro havia ruído à sua volta.

Enquanto cavalgava, dizia a si mesma que o duque tinha sido injusto com ela, não levando em consideração que tudo o que fizera fora para o bem dele, para salvá-lo do casamento com lady Lucinda e livrá-lo da traição da amante.

"Ele devia me agradecer! "

Agora seu temperamento rebelde se reafirmava e ela não se sentia mais humilhada e arrasada, e sim, desafiadora.

Compreendia que o duque ficasse aborrecido por achar que ela havia conspirado com John. Mas ele devia saber quais seriam as consequências, se Annette não agisse como agira.

O modo como a tratara fez com que ficasse muito sentida com ele. Quando atravessou a ponte, em direção a Rotten Row, disse a si mesma que, além de injusto, ele tinha sido ingrato.

Estava imersa em seus pensamentos e levou um susto quando ouviu uma voz atrás dela:

– Está muito séria, minha linda srta. Lyndon. Ainda de mal comigo? Lorde

Lims estava a seu lado, a cavalo. Tinha uma aparência tão elegante, que Annette julgou que era a oportunidade de mostrar o que achava do comportamento do duque.

– bom dia, lorde Lims!

– Você foi muito cruel comigo, mas espero que, seja qual for o crime que cometi, eu tenha sido perdoado.

– Não foi exatamente um crime – respondeu, um tanto constrangida.

– Mas é que... meu tutor...

– Compreendo. Claro que compreendo. Sei que o duque lhe disse que sou um caça-dotes, mas o que sinto por você, Annette, é uma coisa muito diferente.

Ela sabia que devia se afastar dele e não permitir que lhe falasse com tanta intimidade. Mas, achando que tinha sido vítima de uma injustiça, não pôde deixar de lhe dar ouvidos.

– Sei de tudo o que dizem de mim – continuou lorde Lims, em voz baixa.

– Mas eu me apaixonaria por você, Annette, mesmo que não tivesse um níquel. Céus, não sabe como é bonita?

Havia na voz dele uma nota de sinceridade que ela não pôde deixar de achar muito comovente.

– Sinto muito o que aconteceu.

– Você me tornou muito infeliz.

– Não há nada que eu possa fazer.

– Há, sim, uma coisa que pode fazer por mim.

– O que é? – perguntou, nervosa.

– Sabe que tenho muito pouco dinheiro. Nunca fiz segredo disso. Mas, uma noite dessas, aceitei uma aposta, creio que muito tola, de que encontraria uma mulher capaz de dirigir um coche de dois cavalos, numa corrida com lady Lusilton, e ganhar!

– Correr com lady Lusilton?

Sabia que a tal senhora era considerada uma das pessoas que dirigiam uma carruagem com maior habilidade, na alta sociedade.

Era moda os beaux mais ricos darem às suas amantes coches e até faetontes, para elas mesmas os dirigirem.

Em geral, eram acompanhadas por seus protetores, ou por um criado, e a maioria dessas mulheres só dirigia de um lado ao outro, no Row, para exibir suas roupas e suas joias diante das amigas menos afortunadas.

Assim sendo, poucas senhoras dirigiam em público, mas lady Lusilton era famosa por isso.

Annette encarou lorde Lims, com ar surpreso.

– Está sugerindo que eu entre numa competição com lady Lusilton? perguntou, dali a minutos.

– Por que não? Já a vi dirigindo no parque, Annette, e sei que dirige muito bem. Muitos de meus amigos disseram a mesma coisa.

Era um elogio que ela nunca tinha pensado que iria receber.

Como havia dito ao duque naquela manhã, Abby estava satisfeito com ela, fazendo-a sentir-se como se tivesse ganhado a Taça de Ouro em Ascot. Mas o fato de lorde Lims achar que tinha uma chance contra lady Lusilton era mais lisonjeiro do que se a comparasse a Afrodite ou à Vénus de Milo.

– Eu poderia... decepcioná-lo.

– Acho que você poderia vencê-la – insistiu Lims. – Lady Lusilton andou se gabando de que não há nenhuma mulher em todo o beau monde que saiba lidar com cavalos tão bem quanto ela.

– Parece muita pretensão.

– Quero que você prove que ela se engana.

A tentação era muito grande para Annette recusar.

– Quando é a corrida?

– Quando você quiser. Hoje, se assim o decidir.

Annette de repente se lembrou de que o duque ia chegar tarde em casa.

"Ele não ficará sabendo de nada", pensou.

Se conseguisse ganhar a corrida com lady Lusilton, não se sentiria mais tão humilhada e arrasada.

– A que hora começamos e de onde saímos?

– Sabia que não me decepcionaria – disse lorde Lims. Nenhuma mulher poderia ser mais esportiva e mais corajosa.

– Só espero não decepcioná-lo.

– Você nunca poderia fazer isso.

Annette percebeu que ele não se referia apenas à corrida.

Lims combinou que a iria buscar em Mallory House, à uma hora da tarde.

Annette voltou para casa, desejando que a duquesa não se levantasse para o almoço.

Ao chegar, viu que seu desejo se realizara, porque a duquesa tinha deixado um recado, dizendo que esperava que Annette a desculpasse, mas que estava com tanta dor, que tomara um comprimido para dormir e não queria ser incomodada.

Nada poderia ter sido mais conveniente, pensou a moça, subindo para ir trocar de roupa.

Pôs um vestido muito bonito, achando que não apenas desafiava o duque, saindo com lorde Lims, como se mostrava bonita e elegante.

O chapéu, que combinava com o vestido, não era tão grande que pudesse voar com o vento; as fitas amarradas sob o queixo faziam com que ele prendesse bem os cabelos.

Annette fez uma refeição leve. Quando foi para o saguão, para esperar a chegada de lorde Lims, sabia que estava muito bonita.

Ele chegou num coche puxado por dois belos cavalos castanhos, Embora não fossem tão bons como os do duque, eram animais de raça e suficientemente fogosos.

Os olhos de Annette brilhavam, quando lorde Lims a ajudou a subir. Ela pegou as rédeas. Sabia que poderia controlar os cavalos e não estava com o menor medo.

Saíram de Mallory House e dirigiram-se para o parque.

– Onde vamos encontrar lady Lusilton?

Tirando o relógio do bolso do colete, lorde Lims respondeu:

– Ela vai sair exatamente ao mesmo tempo que nós, isto é, à uma e cinco.

– De onde?

– De Portman Square, ao passo que nós vamos sair de Tyburn. É uma questão de honra nenhuma das duas sair nem mesmo um minuto antes da outra!

– Por que partir de lugares diferentes?

– Porque a corrida não é apenas uma prova de habilidade equestre, como também um teste de engenhosidade – explicou o lorde. – O primeiro coche a chegar a The Plume of Feathers, uma estalagem que fica perto da estrada do Norte, será o vencedor, mas não há restrições quanto ao itinerário a ser seguido.

Sorriu para Annette e acrescentou:

– Planejei um caminho muito engenhoso e sei que vamos derrotar lady

Lusilton.

Annette suspirou. Era um alívio saber que a corrida não dependia exclusivamente dela.

Enquanto se vestia, pensava na fama de lady Lusilton como condutora de carros e tivera receio de não poder competir com uma mulher pelo menos quinze anos mais velha do que ela e que tinha grande experiência no esporte.

Tinha certeza de que, se as apostas eram mesmo altas, lorde Lims ia fazer todos os esforços para ganhar. Dali a pouco, ele disse:

– Podemos começar.

E Annette sentiu uma grande excitação, ao pensar na competição.

Partiram, Lims indicando o caminho de um modo que fez com que Annette percebesse que ele conhecia as várias saídas de Londres. Achou que tivera a inteligência de escolher ruas de pouco trânsito, e logo saíram da cidade e se viram no campo.

Era um dia quente, mas havia uma brisa para aliviar o calor. Annette deu liberdade aos cavalos e sentiu que o vento fazia com que alguns fios de seus cabelos caíssem à volta do rosto corado.

– Isso é excitante! Será que lady Lusilton está muito à nossa frente?

– Espero que ela não conheça a parte norte de Londres tão bem quanto eu respondeu lorde Lims. – Para dizer a verdade, como os Lusilton têm uma casa em Sussex, acho que foi sorte eu ter ganhado o lançamento dos dados.

– Foi assim que tiraram a sorte, para resolver qual o caminho a tomar? perguntou Annette.

Ele inclinou a cabeça.

– Foi tudo muito correto. Como escolhi à saída pelo norte, concordei em ter a pequena desvantagem de partirmos do parque, ao passo que lady

Lusilton está algumas ruas mais perto de nosso ponto final.

Annette ficou séria.

– Isso significa que ela pode estar na nossa frente.

– É uma possibilidade, mas acho que você não precisa ficar preocupada.

– Não ficarei. E gosto de seus cavalos.

– Gostaria que fossem meus – observou o lorde, com certa mágoa.

– Na realidade, pertencem a um amigo, que os emprestou.

Annette desconfiou de que o amigo era o duque de Ranelagh, mas não tinha a intenção de fazer muitas perguntas. Não queria que Lims soubesse que ela estava em Vauxhall Gardens na noite em que ele e o duque tinham conversado.

Continuaram seu caminho, e dali a uma hora Annette olhou ansiosamente para a frente, para ver se descobria o coche de lady Lusilton.

Embora passassem por um grande número de veículos, estes eram dirigidos por homens e não havia sinal de sua competidora.

Quando se aproximavam do ponto final, Annette perguntou:

– Suponhamos que, ao chegarmos à estalagem, encontremos lady Lusilton lá.

Você perderá muito dinheiro?

– Mais do que tenho para perder.

– Isso é bem aborrecido.

– Ninguém poderia dirigir melhor do que você está dirigindo, e não é preciso eu dizer como estou grato por sua ajuda e sua compreensão.

– Pode dizer isso depois que tivermos ganhado. Mas tenho a impressão de que lady Lusilton está à nossa frente.

– É muito possível que esteja atrás – disse Lims, sorrindo. Desejando que ele ganhasse, a moça chicoteou os cavalos e, na última meia hora, guiou mais depressa do que jamais havia feito.

"Não creio que nem mesmo o duque pudesse ir mais depressa com uma parelha", pensou ela.

A lembrança do duque fez com que sentisse uma pontada no coração.

Procurou não pensar nas palavras encolerizadas que o tutor lhe havia dito, nem no seu olhar sombrio.

Achou que, a princípio, tinha ficado quase imobilizada pela violência com que ele a atacara.

Depois, teve vontade de desafiá-lo. Mas, agora, desejou ter podido explicar-lhe que tinha feito tudo com a intenção de salvá-lo das garras de lady Lucinda.

Mas tinha a impressão de que, dissesse o que dissesse, o duque não a teria ouvido.

– Você parece preocupada – comentou lorde Lims. – Deixe-me dizer-lhe,

Annette, que, mesmo que eu perca, esta oportunidade de estar a seu lado e de conversar com você valerá todos os sacrifícios, cada níquel que eu possuo!

– O duque ficaria muito aborrecido, se soubesse onde estou.

– Ele nunca saberá, de modo que não se preocupe com isso.

Annette lembrou-se de que ainda teria que voltar para Londres, e já viajavam a duas horas e meia.

– Estamos chegando? – perguntou, ansiosa.

– Faltam mais ou menos três quilômetros

Finalmente ela parou diante de The Plume of Feathers, uma estalagem antiga e encantadora, a mais ou menos uns oitocentos metros da estrada principal.

Quando fez o coche parar, Annette viu, satisfeita, que o pátio estava vazio.

Puxou as rédeas e virou-se para seu companheiro, com olhos brilhantes.

– Chegamos primeiro!

– Creio que sim.

Ele apeou e, quando os cavaleiros apareceram correndo, perguntou:

– Chegou aqui um coche dirigido por uma senhora?

– Não, senhor.

– Conseguimos! – exclamou Annette. – Conseguimos! Oh, estou tão contente, tão feliz por sua causa!

– Não tenho palavras para dizer o quanto lhe sou grato.

Lorde Lims pegou a mão da moça e beijou-a. Depois, ajudou-a a descer do coche, deu ordem aos cavaleiros para cuidarem dos cavalos e entrou com Annette na estalagem.

A casa era de teto baixo, com vigas aparentes, feitas com madeira de navios. Impressionado com a aparência deles, o proprietário veio recebê-los com grandes mesuras.

Uma criada levou Annette para cima, para um quarto confortável onde havia uma cama de quatro colunas e uma janela com sacada dando para o jardim.

A moça tirou o chapéu, lavou as mãos, arrumou os cabelos e desceu.

Encontrou lorde Lims à sua espera numa saleta particular, com uma garrafa de champanhe aberta.

– Para celebrar – disse ele. – Mas não vamos esperar por lady Lusilton.

Deu uma taça a Annette, ergueu a sua e brindou:

– À mais sensacional das condutoras de coches e à mais maravilhosa das mulheres, tão bela e tão boa que não tenho palavras para lhe dizer o quanto a amo!

Annette corou e virou o rosto.

– Não deve falar assim comigo. Sabe como o duque ficaria zangado.

– O duque não está aqui, e, neste momento, me considero o homem mais feliz e de mais sorte do mundo.

– Estou contente de ter ganhado, por sua causa, mas receio que lady

Lusilton fique muito aborrecida.

– Vai ficar furiosa! – disse Lims. Ambos riram.

Ele encomendou uma refeição. Embora Annette achasse que deviam esperar por sua competidora, ela comera muito pouco, antes de sair de Londres, e provou umas fatias de peru e de um bolo que tinha acabado de sair do forno.

– Você precisa descansar – disse Lims, depois que terminaram.

– com certeza, vai querer dirigir na volta, e isso é muito cansativo, principalmente depois de termos vindo depressa como viemos.

Era verdade. Annette deixou que ele a instalasse confortavelmente numa poltrona e colocasse um tamborete sob seus pés.

Reclinou-se sobre as almofadas e percebeu que estava sonolenta.

Talvez fosse o champanhe, ou devido à tensão de ter guiado. E também, naturalmente, por saber que o duque estava tão zangado com ela.

Fosse pelo que fosse, acordou com um sobressalto e compreendeu que tinha pegado no sono.

A saleta estava muito silenciosa. Por um momento, Annette não soube onde se encontrava.

Depois, percebeu lorde Lims sentado perto da janela, olhando para o jardim.

– Peguei no sono...

– Tinha toda a razão para estar cansada – observou ele, em tom carinhoso.

Annette endireitou-se na poltrona e ajeitou os cabelos.

– Devia ter me acordado. Que horas são?

– Quase cinco.

– Cinco horas? Então, precisamos voltar para Londres imediatamente!

la chegar muito depois do duque e, sem dúvida, teria que lhe dar explicações. Ele ficaria muito zangado por ela ter desobedecido às suas ordens, encontrando-se com lorde Lims.

– Precisamos ir. Mas que aconteceu com lady Lusilton? Lims encolheu os ombros.

– Talvez tenha tido um acidente. Ou não consegui encontrar esta estalagem.

– É estranho ainda não ter aparecido.

– Concordo, mas é possível que tenha ficado despeitada por ter perdido a corrida e não quis nos ver.

– Preciso voltar imediatamente – repetiu Annette, levantando-se.

– Vou mandar vir o coche.

Lorde Lims saiu e Annette correu para o quarto que tinha usado ao chegar.

O duque já estava muito zangado, e ela não tinha vontade de contrariá-lo mais ainda.

Achou que tinha sido tolice, talvez uma infantilidade, ter vindo com lorde Lims.

Desceu a escada de carvalho e encontrou-o à sua espera.

Olhou para ele e percebeu, por sua expressão preocupada, que alguma coisa séria tinha acontecido.

– O que houve?

– Um dos cavalos perdeu a ferradura.

– Oh, não!

– Não se preocupe – disse o lorde, animando-a. – O ferreiro fica a apenas uns quatrocentos metros daqui e mandei um cavalição dizer-lhe que venha imediatamente.

– Isso significa nova demora.

– Não há nada que possamos fazer.

– Não, claro que não, mas vou ficar ainda mais atrasada. Por que, oh, por que não me acordou?

– Não fique zangada comigo. Eu sabia que estava cansada e, francamente, esperava que lady Lusilton aparecesse a qualquer momento.

Annette achou que era uma desculpa esfarrapada, mas a principal culpada era ela, de modo que nada disse.

– Vou ver se o ferreiro chegou – avisou o lorde, deixando-a sozinha.

Annette andou pela saleta, desesperada, achando que devia fazer alguma coisa, mas não sabendo o quê.

Dali a algum tempo, Lims voltou.

– O ferreiro chegou? – perguntou a moça, antes que ele dissesse qualquer coisa.

Lims sacudiu a cabeça.

– Os cavalições disseram que ele não vai demorar.

– Podemos alugar outro cavalo – sugeriu a moça.

– Acho que seria difícil. E, mesmo que conseguíssemos um, ele não viajaria mais depressa do que a nossa parelha.

– Não, claro que não. Por outro lado...

– Vou ver se posso fazer alguma coisa – disse Lims, antes que ela terminasse a frase.

Demorou tanto, que Annette achou que ele estava fiscalizando o trabalho do ferreiro. Quando voltou, ela percebeu que trazia más notícias.

– O ferreiro não veio?

– O cavalição que foi chamá-lo voltou e disse que ele não estava em casa. Mas é esperado a qualquer momento e virá para cá, assim que chegar lá.

– O que vamos fazer? – perguntou Annette, desesperada.

– Você precisa ser sensata. É um azar, mas nada podemos fazer a respeito.

Minha sugestão é tomarmos um refrigerante e comermos alguma coisa.

Depois, assim que o cavalo estiver em ordem, iremos para Londres, o mais depressa possível.

Isso era tão sensato, que ela se viu obrigada a concordar.

Relutante, tirou de novo o chapéu. Embora não estivesse com fome, seria tolice não comer. Escolheu vários pratos entre os que o estalajadeiro sugeriu, embora em muito menor número do que os que Lims encomendou para si próprio.

Achando que isso a acalmaria, aceitou um cálice de madeira. Lorde

Lims encomendou mais uma garrafa de champanhe, antes de sair para ir ver o que estava acontecendo lá fora.

Annette pensou, desesperada, que estava ficando cada vez mais tarde e que, ao chegarem a Londres, o duque estaria tão furioso que provavelmente a mandaria para Harrogate como castigo.

Quando a comida chegou, Lims fez todo o possível para distraí-la e diverti-la.

A moça achou que não adiantava mostrar-se desagradável, por uma coisa da qual ele não era culpado.

Tinha concordado voluntariamente em tomar parte naquela louca aventura e não devia culpá-lo por sua própria estupidez.

Lims insistiu para que ela tomasse champanhe, mas Annette tomou muito pouco, lembrando-se de que essa bebida a tinha feito pegar no sono, quando deveria ter permanecido acordada.

Durante o jantar, o lorde a elogiou, cortejando-a de um modo que Annette achou que o duque teria considerado muito censurável.

Várias vezes, tentou fazer com que Lims mudasse de assunto, mas ele sempre voltava à carga, dizendo o quanto a amava e como ficara infeliz quando ela não quisera mais se encontrar com ele.

– Amei-a desde o primeiro momento em que a vi, Annette. E é uma ironia que a única pessoa com quem desejei casar por ela mesma tivesse uma grande fortuna, como barreira entre ela e mim.

– Não é possível que o ferreiro ainda não tenha chegado!

Achava difícil prestar atenção ao que o lorde dizia, porque seus pensamentos estavam voltados para o duque e para a raiva que ele ia sentir.

– Garanto que sim – respondeu Lims, em tom conciliador.

Saiu para verificar. As criadas vieram tirar a mesa, deixando apenas uma garrafa de vinho do Porto.

– Creio que não queremos beber mais nada – disse Annette.

– O cavalheiro encomendou o vinho, senhorita.

Annette nada tinha a dizer a isso, mas achou que lorde Lims não parecia estar com grande pressa de partir.

Tudo tinha sido um azar. Primeiro, por ela ter sido idiota a ponto de vir para tão longe de Londres; depois, pelo cavalo ter perdido a ferradura e o ferreiro não estar em casa.

– Ele já deve ter chegado! – murmurou.

Lims voltou.

– O homem chegou? – perguntou Annette. Lims sacudiu a cabeça.

– Mas é impossível! Insisto que alugue uma carruagem ou qualquer outro veículo, e que voltemos para Londres, mesmo que seja com um cavalo só.

– Receio que seja impossível.

– Mas por quê? Deve haver uma carruagem, ou qualquer veículo, aqui.

– Mesmo que haja, não tenho intenção de alugar. Annette encarou-o, atônita

– O que está dizendo?

– Estou dizendo, Annette, que a amo e que não vamos voltar para Londres hoje à noite. Vamos ficar aqui!

Ela arregalou os olhos, horrorizada. Lims aproximou-se, sorrindo.

– Sempre a desejei e a amei, desde que nos conhecemos. Seu tutor me expulsou de sua casa, mas depois vi que fui muito fraco, aceitando a decisão dele; isto é, que você e eu não devíamos mais nos ver.

– O que está tentando dizer? – murmurou Annette.

– Que vamos passar a noite aqui. Quando voltarmos para Londres, amanhã, seu tutor ficará muito satisfeito por consentir em nosso casamento. Não há mais nada que ele possa fazer.

– Está louco?

– Sim, estou. Louco por você, como sempre estive. Eu a amo, Annette!

– Não vou ficar aqui! Vou voltar para Londres, nem que seja a pé! Correu para a porta, mas lorde Lims agarrou-a, abraçando-a.

– Vai ficar aqui, porque a quero, e não há fuga possível, minha querida.

Então, trate de se conformar!

– Como se atreve? Como se atreve a tocar em mim?

Agora, lutava com todas as forças. Mas ele era muito forte e ela nada podia fazer.

O lorde apertou-a contra o peito. Embora se contorcesse, Annette não conseguia se libertar. Lims riu de seus esforços.

– Vamos ser muito felizes, juntos. Você é tudo o que desejo na vida e vou ensiná-la a me amar como eu a amo.

– Nunca! Nunca! Eu não o amo, eu o odeio!

– Então, serei obrigado a fazer com que mude de ideia. Annette continuou lutando, mas estava perdendo as forças.

O fato de Lims a manter prisioneira fez com que compreendesse como seus esforços eram inúteis. Seria apenas uma questão de tempo, até não poder mais com um adversário tão forte.

Procurou refletir com clareza e mudar de tática.

Parou de lutar e, olhando para ele, disse:

– Largue-me. Sabe que não poderia haver felicidade para nós, se eu fosse obrigada a casar com você.

– Haverá toda a felicidade para mim – respondeu o lorde, sorrindo.

Annette compreendeu que ele estava pensando na fortuna dela. Tarde demais, percebeu que tudo havia sido um plano, uma armadilha, desde o princípio. Lims só tinha posto seu plano em andamento depois que o duque de Ranelagh lhe dissera, em Vauxhall, que ele não era bastante determinado.

Provavelmente, esperara por uma oportunidade de se encontrar com Annette, e ela caíra na armadilha de um modo tão tolo, tão infantil, que não havia desculpa possível.

– Ouça-me, por favor – pediu, desesperada. – Se me levar para Londres, prometo que lhe darei ajuda financeira e não permitirei que o duque o prejudique, de jeito nenhum.

– Ele não fará isso, quando você for minha esposa.

– Não casarei com você. Não quero casar com você.

– Vai, sim. E achará a vida muito divertida, quando pudermos fazer todas as coisas que desejo fazer.

Annette sabia que ele achava que a fortuna dela já estava em suas mãos. E o lorde tinha razão, ao dizer que, se passassem a noite juntos numa estalagem, ela nada poderia fazer, a não ser casar com ele.

Horrorizada com as intenções daquele canalha, soube nesse momento que amava o duque com tamanha paixão, que só o fato de ser tocada por outro homem lhe parecia uma degradação.

– Por favor, por favor, ouça-me! – pediu, desesperada.

– É tarde demais para palavras. Acho-a muito desejável e estou ansioso por nossa noite de amor.

Ao dizer isso, baixou a cabeça, procurando os lábios de Annette. Ela se debateu, sabendo que era apenas uma questão de minutos, para ele conseguir seu intento.

Então, enquanto pensava, desesperada, que não havia fuga possível, que tinha perdido toda esperança de felicidade, percebeu que na luta, ele a empurrara contra a mesinha onde havia sido colocado o jantar.

Apoiou-se para se equilibrar, e então seus dedos tocaram em alguma coisa...

CAPÍTULO VII

Depois de ir a Osterley Park e almoçar com o duque de Jersey, o duque de

Mallory voltou para Londres com uma sensação de urgência.

Tinha achado difícil prestar atenção à luta de boxe, que foi boa, ou admirar os tesouros que Jersey lhe mostrou em sua casa magnífica, decorada por Adam.

Em vez disso, via o rosto infeliz de Annette e ouvia sua voz angustiada pedindo-lhe que compreendesse a razão de seu procedimento.

Depois que se acalmou, o duque compreendeu claramente o motivo de

Annette tentar arranjar uma história para o repórter, a fim de impedi-lo de publicar o que estaria acontecendo entre ele e Lucinda.

Percebia agora por que lady Lucinda insistira tanto em ficar com ele, depois que o príncipe regente e os outros convidados partiram. Disse a

Belfort que tinha um fato importante a comunicar-lhe, mas duque percebeu, quando ficaram a sós, que a única coisa importante no que dizia respeito a Lucinda, era induzi-lo a fazer amor com ela.

Era uma coisa que não tinha a menor intenção de fazer em sua própria casa, com a avó dormindo lá em cima.

Discutiram, e somente quando o duque se mostrou rude foi que Lucinda finalmente percebeu que precisava partir.

Belfort tornou claro então que a ligação deles estava terminada, e agora compreendia por que Lucinda não fizera uma cena. Na realidade, mostrou-se muito controlada, e ele agora sabia que estava certa de que, dissesse o que dissesse, ia ser obrigado a casar com ela.

Quando voltava para Londres, o duque refletiu que o verdadeiro motivo de ter perdido a calma com Annette era não gostar que ela soubesse das maquinações de suas amantes. Sempre detestara ver a pupila entrar em contato com o lado feio da vida.

Ficou horrorizado por ela se interessar pelas pobres prostitutas, embora soubesse que eram vítimas de injustiça e criaturas sofredoras.

Annette era excepcional, não apenas por sua sensibilidade, como pela piedade que tinha pelas pessoas menos afortunadas.

Embora a admirasse por desejar ajudar os outros, considerava de seu dever, como tutor, não lhe falar dessa admiração.

Era bem de Annette ter descoberto, embora sem querer, a embrulhada entre ele, Blanche e o duque.

Quando saiu o número de *The Courier*, com a história do incêndio em

Paradise Row, o duque teve que aturar muitas brincadeiras bem-humoradas dos amigos e as ironias dos inimigos.

Era bem-sucedido demais como esportista e sua figura social muito importante, para que as pessoas não deixassem de comentar o fato de ter sido traído pela amante. Achavam que, com isso, ele descera um ou dois degraus, na escala social.

O duque aceitava tudo o que diziam, com um sorriso cínico nos lábios, além de um imperturbável bom humor que tirou grande parte da satisfação daqueles que o ironizavam.

Mas, no íntimo, estava furioso por ter sido humilhado, e o que mais o aborrecia era o fato de Annette estar a par disso.

Pela primeira vez na vida, duvidou de seu procedimento e sentiu alguma coisa parecida com vergonha.

Brutalmente, tinha mandado um recado para Blanche, dizendo-lhe que desocupasse a casa de Paradise Row.

Mas, como ele devia ter previsto, ela já esperava por isso e aceitara a proteção de um par do reino, um homem idoso e muito rico que já a perseguia há algum tempo.

Naturalmente, Blanche não devolveu as joias caras que o duque lhe dera, nem, tampouco, a carruagem e os cavalos.

O duque não deu nenhum passo para censurar o duque de Ranelagh nem mudou sua atitude habitual para com ele. Sabia que

o jovem duque estava nervoso, sabia que nos clubes se cogitava se iria desafiar o traidor para um duelo, mas uma das características do duque, quando fazia um mau negócio, era esquecê-lo.

Mas a parte que Annette tinha tomado no episódio tornava impossível o esquecimento. O duque estava zangado, não apenas pela maneira como tinha sido tratado, como por ver envolvida no caso uma pessoa tão jovem e tão bonita como sua pupila.

Quando chegou a Londres, estava arrependido das coisas duras que havia dito a Annette e disposto a se retratar.

Agora compreendia que ela tinha feito o que achava que era para o bem dele.

Naturalmente, estava errado uma debutante se envolver em tais assuntos, mas Annette não era o tipo de moça que teria ficado chocada, ou que risse do caso, com as amigas.

"Ela tem coragem", disse o duque a si mesmo. "E é a criatura mais imaginosa que conheço. " com um sorriso tristonho, pensou que só Annette poderia ter engendrado um plano tão fantástico para atrair Blanche e o duque para a rua, vestidos de maneira tão imprópria, por causa de uns fogos de artifício que tinham explodido no porão da casa.

Quanto mais pensava nisso, mais divertido achava. Ao atravessar as ruas de Londres, chegou a rir do episódio.

Quase desejou ter podido ver o duque usando apenas calça e uma colcha sobre o dorso nu; assim como ver Blanche com um negligé diáfano, no meio dos bombeiros.

Tinham-lhe mostrado uma caricatura da cena, e ele achou que iria guardar uma cópia, para, no futuro, não confiar nas "mundanas", como Annette as chamava.

Ainda sorria, quando seguiu por Park Lane e entrou na alameda de

Mallory House.

Eram seis e meia da tarde e ele resolveu não ir jantar no White's, conforme tinha prometido aos amigos; ficaria em casa para se desculpar com Annette.

Mas o mordomo lhe informou que a moça ainda não tinha chegado.

– Saiu guiando um coche, milorde, mais ou menos à uma hora.

– com quem?

– Sinto muito, milorde, mas eu estava nos fundos da casa e um dos lacaios que a viu partir não soube dizer o nome do cavalheiro que veio buscá-la, embora tenha dito que já o viu aqui, há tempos.

O duque ficou imaginando quem poderia ser e subiu para o quarto da avó.

Ela ficou encantada com a visita.

– Divertiu-se em Osterley Park, querido?

– É uma casa magnífica, não há dúvida. com quem Annette saiu?

– Annette? – perguntou a avó, surpresa com a brusca mudança de assunto. –

Não a vejo desde esta manhã. Para dizer a verdade, dormi a tarde toda.

– Provavelmente, vai chegar logo – disse o duque, não querendo que a avó ficasse assustada.

Sabia que, como a maioria das pessoas idosas, ela se preocupava com qualquer coisa.

Foi para o quarto, trocar de roupa, mas quando desceu para o jantar, soube que Annette ainda não havia voltado.

Esperou quase uma hora. Depois, mal-humorado sentou-se para jantar sozinho.

Achou que era indelicado, da parte de Annette, caso tivesse ido jantar com alguma amiga, não ter mandado um recado para a duquesa. Tinha a desagradável sensação de que a moça, perturbada com o que ele lhe tinha dito, estava adiando a volta, com medo de novas censuras.

Lembrou-se de ter dito a ela que saísse de sua frente e desejou ter escolhido as palavras com mais cuidado. Ou, melhor ainda, ter tentado compreender o motivo do comportamento dela.

Terminado o jantar, o duque foi para a biblioteca, dando ordem para que o avisassem assim que Annette chegasse.

Leu os jornais do dia, depois pegou um livro que tinha achado absorvente, mas não conseguiu se concentrar.

Olhava para o relógio continuamente; apesar de sua resolução em contrário, viu que estava de novo ficando com raiva.

– É ridículo Annette desaparecer desse jeito – murmurou.

No momento em que ia tocar a campainha para perguntar se ela havia chegado, a porta se abriu e a moça apareceu.

O duque ia repreendê-la por lhe causar tanta preocupação, mas, ao ver o estado em que ela se achava, as palavras morreram em seus lábios.

Bastou olhar para o rosto pálido da moça, a expressão assustada dos olhos, os cabelos em desalinho, para saber que algo de anormal tinha acontecido.

– Que houve?

Por um momento, pareceu que ela não podia responder. Depois, com voz rouca, falando tão baixo que ele mal a entendeu, disse:

– Eu... matei um homem... e roubei um coche! Cambaleou, e o duque se adiantou para ampará-la. Levou-a para o sofá e esperou que ela falasse.

– Perdoe-me... perdoe-me... – era só o que a moça repetia, com tom infeliz.

O duque fez com que se recostasse nas almofadas e foi até uma mesinha pegar um pouco de conhaque.

Depois, sentou-se ao lado de sua pupila, pôs os braços à volta dela e levou o copo aos lábios trémulos.

– Beba Annette! Depois, pode me contar o que aconteceu.

Ela tomou um golinho. Sacudiu a cabeça, detestando o gosto da bebida.

– Beba mais! – disse ele, com firmeza. Ela obedeceu, fraca demais para discutir.

Sentiu que a bebida a reanimava um pouco. Quando ergueu a mão para afastar o copo, agora pela metade, o duque colocou-o numa mesinha ao lado do sofá. com voz grave e serena, disse:

– Agora, conte o que aconteceu.

Annette ergueu para ele os olhos sombrios e amedrontados.

– Eu o matei... Eu o matei...

– Matou quem?

– Lorde Lims.

O duque apertou os lábios; mas foi ainda com voz calma, inexpressiva, que falou:

– É melhor me contar exatamente o que aconteceu.

Hesitante, gaguejando, mas conseguindo falar porque segurava com força a mão dele, Annette contou seu encontro com lorde Lims, acrescentando que, por estar ferida e infeliz por causa do que o duque lhe havia dito, aceitara o convite de Lims para competir com lady Lusilton numa corrida de coches.

– Agora acho que não houve corrida nenhuma – continuou a moça, com expressão infeliz. – Foi apenas... uma desculpa que usou para me fazer... ir com ele.

O duque encorajou-a a prosseguir e ela contou que tinha pegado no sono, na estalagem, e que depois lorde Lims descobriu que um dos cavalos tinha perdido a ferradura.

Olhou para seu tutor e viu nos lábios dele um trejeito irônico

– É um truque muito velho, mas você não podia saber disso observou o duque.

Annette contou que jantaram, enquanto supostamente esperavam pelo ferreiro. Terminada a refeição, lorde Lims confessou que tinha planejado tudo para eles passarem a noite ali, a fim de obrigá-la a casar com ele.

– Compreendi, então, como tinha sido tola – disse, quase soluçando.

– Tentei fugir, mas ele era muito mais forte. Quando me abraçou, percebi que eu... não podia fazer nada.

– E depois?

– Enquanto lutávamos, fiquei de costas para uma mesinha. Tinham sido servidos uns pratos frios ao jantar... Coloquei minha mão na mesa, para me apoiar, e... senti o cabo de uma faca.

Seus dedos seguraram com força a mão do duque.

– Soube que era a única coisa que... me salvaria – murmurou ela. Os braços dele prendiam os meus, e pude apenas mover a mão.

– O que foi que você fez?

Annette soltou um gritinho.

– Foi horrível! A faca entrou com tanta facilidade... até o cabo...

Depois, ele gritou, caiu e não se moveu mais. Ficou caído, e o sangue começou a jorrar.

– Que aconteceu, então?

– Eu não podia olhar. Não podia ficar ali. Tinha certeza de que ele estava morto! Saí da saleta correndo, segui pelo corredor e fui até a porta de entrada. Vi uma carruagem. Não era elegante como as suas, mas era puxada por dois cavalos, e um cavaliariço segurava as rédeas.

Houve uma pausa. Ela continuou, com esforço:

– Corri para o lado da carruagem e disse ao rapaz que tinha havido um acidente e o patrão precisava dele imediatamente. Falei que eu ficava tomando conta das rédeas. – E ele acreditou?

– Entregou-me as rédeas e entrou na estalagem. Subi no coche, no lugar do cocheiro, e parti a toda velocidade.

O duque não pôde deixar de pensar que ela tinha sido muito engenhosa.

– Julguei ouvir alguém gritar, mas não olhei para trás – continuou Annette. – Chicoteei os cavalos, entrei na estrada principal e vim para

Londres.

Contou que descobrira que não estava muito longe da cidade e que lorde

Lims, provavelmente, havia tomado um caminho muito mais longo, na ida, para prolongar a viagem.

Terminada a narrativa, Annette abaixou a cabeça e disse, com uma vozinha amedrontada:

– Ele está morto, tenho certeza.

– É o que vou averiguar.

A moça encarou-o com ar indagador, e ele continuou:

– Não vou apenas saber se lorde Lims morreu. Vou devolver o coche que você... pegou emprestado. Não quero que seja acusada de roubo.

Sorriu, ao dizer isso. A moça agarrou-lhe a mão.

– Não me deixe! – suplicou.

– Tenho que fazer isso, por algum tempo, mas não vou demorar mais do que o necessário. Fique aqui, ou vá para a cama, Annette. Assim que eu voltar, irei contar-lhe exatamente o que aconteceu.

Levantou-se, mas a moça continuou agarrando-lhe a mão.

– Sinto muito. Sinto muito, mesmo, por ter causado um escândalo.

– Não haverá escândalo, se eu puder evitar. Não se desespere, Annette. As coisas talvez não sejam tão más como pensa. – Fez com que ela se deitasse no sofá. – Procure dormir. Está exausta, e isso não é de admirar. Nada é mais cansativo do que o medo. – Voltarei o mais depressa possível acrescentou, inclinando-se e beijando-lhe os lábios.

Foi um beijo leve, como o que se dá numa criança. Mas, ao sair, o duque compreendeu que não tinha beijado uma criança e que nada havia de infantil na resposta.

Annette ficou deitada no sofá e disse a si mesma que a sensação dos lábios do duque sobre os seus era a coisa mais maravilhosa que jamais tinha experimentado.

Sabia que ele a beijara apenas para confortá-la. Mas, como o amava, o medo que sentia foi substituído pelo êxtase.

Aquele beijo era uma coisa da qual se lembraria para o resto da vida.

Depois, refletiu que talvez não fosse viver muito tempo. Havia matado um homem, e a pena para esse crime era a morte.

Annette tinha lido sobre os horrores que os condenados sofriam na prisão

Newgate, antes de serem enforcados, ou (o que era considerado uma sentença misericordiosa) deportados.

Tudo o que lera sobre esses condenados à morte, ou acerca dos que eram mandados para a Austrália, lhe veio à memória. com um gritinho, escondeu o rosto nas mãos.

Depois, ficou pensando se o duque realmente chegaria à estalagem antes da polícia, voltando a seguir para Mallory House.

E se o estalajadeiro descobrisse logo o morto e avisasse a polícia, antes que o duque voltasse para protegê-la?

Ignorava se o dono da estalagem sabia ou não quem era ela.

Amedrontada com tais pensamentos, Annette levantou-se e subiu para seu quarto.

Não chamou a empregada. Ao olhar-se no espelho, ficou consternada com o que viu.

Quando saíra da estalagem, estava sem chapéu, e seus cabelos, em total desalinho. Devido à luta com Lims o vestido estava amarrotado. E também sujo de poeira, por causa da viagem.

Tirou-o e jogou-o no chão. Depois de se lavar, abriu o armário.

Imaginou qual seria o melhor vestido para usar na cadeia, e de novo estremeceu de horror.

Ficou à escuta, para ver se distinguia vozes na escada; esperou que algum criado batesse à porta, para dizer que a polícia a procurava.

– Preciso me esconder – murmurou. – Preciso ir para um lugar onde fique em segurança, até o duque voltar.

Apressadamente, vestiu-se e colocou nos ombros uma capa de veludo escuro.

A bolsa que continha dinheiro estava numa gaveta da penteadeira.

Dali a minutos, abriu a porta do quarto. Para não ser vista pelos lacaios de serviço no hall, desceu por outra escada, que dava num corredor que levava ao escritório do sr. Hendrick.

Annette foi até a porta. Não se ouvia som algum, e ela achou que o secretário já tinha ido para seus aposentos, em outra parte da casa.

Abriu a porta com cuidado.

Havia apenas uma lamparina acesa, mas fornecia luz suficiente para ela ver o que queria.

Caminhando de mansinho, foi até o quadro onde estavam penduradas as chaves.

Não teve dificuldade de encontrar a que procurava, pois todas tinham etiqueta. Pegou a da casa de Paradise Row.

Ainda pelo terraço, atravessou o jardim, correndo, até o portãozinho que havia no muro.

Annette abriu a porta da frente da casa que tinha sido de Blanche.

Estava escura, mas, como se lembrava da planta que John lhe havia mostrado, conseguiu andar com cuidado no hall, tateando com as mãos à frente, e entrando numa sala à direita.

Era um salão grande, correndo ao longo da casa, com janelas dando tanto para a rua quanto para o jardim dos fundos.

Ela esperava que a sala estivesse vazia, mas tropeçou numa cadeira.

Devagar, receando cair, encontrou um sofá e sentou.

Antes de sair de Mallory House, escrevera um bilhete para o duque, contando para onde ia e deixando-o sobre o travesseiro.

Sabia que, se ele não a encontrasse na biblioteca, iria procurá-la no quarto.

Agora era só esperar. Considerou que, se o duque achasse que ela corria perigo de ser presa, lhe daria dinheiro para ir para o estrangeiro ou para a Escócia, onde ninguém a encontraria.

Era assustador pensar que talvez tivesse que viver sozinha e disfarçada, para o resto da vida. Tão assustador, que Annette ficou pensando se não seria melhor morrer e acabar logo com tudo.

Tinha certeza de que, devido a seu comportamento, não haveria felicidade para ela, no futuro, e que o duque nunca a perdoaria pelo escândalo causado.

Embora ele se mostrasse bondoso, ao ouvir o incidente com Lims isso não queria dizer que não estivesse zangado com ela, como quando ouvira falar dos fogos de artifício.

– Eu o amo! Eu o amo! – murmurou Annette, sentindo de novo o gosto dos lábios dele e uma sensação de alegria no coração. – Ele é maravilhoso, magnífico! Como eu poderia esperar que me considerasse outra coisa, além de uma criança?

Certamente, o duque não tinha vontade de ser seu tutor, e ela se lembrou de como relutara em aceitar semelhante responsabilidade.

Como jamais imaginaria que ia se apaixonar por ele e que, só o fato de viverem sob o mesmo teto era uma alegria sem limites?

– Pelo menos, ele me beijou – murmurou Annette, pensando com tristeza no que o futuro lhe reservava.

Desejava sentir os braços do duque à sua volta; queria que ele a beijasse, como lorde Lims tentara fazer.

Depois, achou que estava sendo presunçosa ou, conforme diria o duque, impressionante, ao imaginar semelhante coisa.

O tempo pareceu passar muito lentamente, tão lentamente que Annette ficou tensa, no escuro, chegando a pensar que, ao descobrir que ela tinha saído de casa, Mallory também decidira abandoná-la à própria sorte. Que não se importava que estivesse sozinha numa casa vazia. Talvez achasse que era a melhor maneira de se livrar dela e de se esquecer de sua existência.

De repente, pensou que talvez o duque ficasse ainda mais enojado com ela, por ter vindo para a casa onde mantivera sua amante.

Pela primeira vez, Annette duvidou do acerto de sua decisão de fugir de Mallory House.

Teve a impressão de sentir no ar o perfume usado por Blanche Moureau e de ouvir a voz do duque falando à amante de seu amor e Blanche respondendo com seu sotaque encantador.

Annette soltou um gritinho e pôs as mãos nos ouvidos, para não perceber esses murmúrios imaginários.

Depois, descobriu que não estava sozinha.

Alguém tinha entrado na casa, sem que ela percebesse... ou talvez tivesse estado ali o tempo todo.

Prendeu a respiração ao ouvir seu nome:

– Annette!

Não havia dúvida quanto ao timbre grave. com um grito que pareceu ecoar na sala, Annette levantou-se e correu para ele. O duque abraçou-a e sentiu o corpo macio, quente, contra o seu. Apertou-a mais ainda e disse, em tom reconfortante:

– Está tudo certo. Ele não morreu. Annette ergueu o rosto.

– Não... morreu?

– Está vivo, embora você tenha sido muito dura com ele. Mas Lims mereceu o que recebeu!

– Tem certeza?

– Absoluta! – com uma nota divertida na voz, acrescentou: – Não precisa se esconder da polícia e pode voltar para casa, minha querida!

Annette ficou imóvel.

Quando levantou a cabeça, julgando não ter ouvido direito, o duque beijou-a nos lábios.

Por um momento, ela pensou que estivesse sonhando. Depois, a emoção que tinha sentido com o primeiro beijo tornou-se mais intensa, até que achou que, ali, no escuro, ela não mais existia, porque fazia parte dele.

Foi como se o duque tomasse sob sua proteção a alma e o coração de

Annette, e ela lhe entregasse não apenas seu amor como todo o seu ser, tornando-se completamente dele, como era seu desejo.

Os lábios do duque se tornaram mais exigentes, mais possessivos, e

Annette sentiu-se envolvida por uma luz divina.

Eu o amo!, queria dizer. Mas não tinha palavras.

O duque levou-a até o céu, e ela fazia parte da Lua e das estrelas, parecendo ao mesmo tempo que a luz do Sol os envolvia.

Finalmente, o duque disse, com voz ligeiramente trémula:

– Minha bem-amada! Não existe ninguém tão imprevisível nem tão incorrigível como você, mas eu não gostaria que fosse diferente.

– Eu o amo – murmurou Annette, mal sabendo o que dizia. Fascinada, perplexa, estava presa pela lembrança dos beijos dele.

– Eu também a amo.

Embora não pudesse vê-lo no escuro, Annette ergueu os olhos para o duque.

– Você... me ama? É verdade?

– Mais do que verdade. Mas aqui não é lugar para eu lhe dizer isso.

– Será que o lugar importa? Rezei para que tivesse um pouco de afeição por mim, mas nunca pensei que... me amasse.

– Lutei contra isso. Lutei contra o amor, – mas não posso impedir meus sentimentos por você. Quando percebi que estava pronto para salvá-la das consequências de qualquer crime que tivesse cometido, fiquei sabendo que não poderia viver sem você.

Annette soltou uma exclamação de felicidade. O duque apertou-a contra o peito.

– Se você tivesse matado Lims, iríamos para o exterior, juntos.

– Quer mesmo dizer que... iria comigo?

– Acha que eu deixaria que fosse sozinha? – Depois, riu. – Só Deus sabe como você se mete em encrencas, mesmo quando estou perto, de modo que não posso imaginar o que aconteceria se eu não estivesse.

– Só o que desejo é ficar com você – disse Annette. – Para sempre!

– E é exatamente o que vai acontecer, embora eu estremeça ao pensar no tipo de vida que você me fará levar.

– Serei boa. Farei tudo o que você quiser – respondeu Annette, apaixonada. Fez uma pausa e perguntou, receosa: – Está dizendo a verdade?

Realmente me ama?

– Claro que sim! E farei com que acredite, doçura, por mais tempo que eu leve para convencê-la disso!

– Por favor, beije-me... – murmurou.

Os lábios do duque buscaram os dela, e de novo Annette sentiu-se no céu.

Os beijos dele tornaram-se mais apaixonados, mais exigentes, provocando uma chama que a consumiu toda.

– Eu o amo! – disse, depois que ele a soltou.

– E eu a amo, minha adorada, minha imprevisível adorada! Venha comigo para casa.

Abraçou-a e levou-a para a porta, onde a carruagem fechada os esperava.

Depois que entraram e que o laçao fechou a porta, o duque tomou-a de novo nos braços.

Annette encostou a cabeça no ombro dele e suspirou de felicidade.

Pediu:

– Conte-me o que aconteceu.

– Fui até a estalagem. Um de meus cavaleiros me acompanhou, levando um cavalo extra; um outro dirigiu o coche do qual você se apossou de um modo tão arbitrário!

– O dono ficou muito zangado?

– Quando cheguei à estalagem... e, por falar nisso, levei apenas três quartos de hora... vi meia dúzia de homens conversando no bar, falando alto. Olharam para mim, quando entrei, e perguntei se alguém ali tinha perdido um coche com dois cavalos. Todos ficaram estupefatos. Depois, um cavalheiro idoso, um típico senhor rural, disse que seu coche havia sido roubado. "Então, tenho o prazer de devolvê-lo", eu lhe disse. "Encontrei-o na estrada, abandonado, os cavalos comendo capim, ao lado." – O duque sorriu e acrescentou: – Todos ficaram excitados, e eu perguntei o que acontecera e por que o haviam roubado. O estalajadeiro explicou que tinha sido levado por uma "mulherzinha" de Londres, que acompanhava um

nobre chamado lorde Lims. Segundo ele, a tal mulherzinha foi muito malvada, porque brigou com o cavaleiro e enfiou-lhe a faca na barriga!

– E aí? – perguntou Annette. ansiosa.

– Fingi preocupação e quis saber se o cavaleiro estava muito ferido. O estalajadeiro me informou de que o cirurgião tinha dito que Lims precisava ficar de cama durante vários dias.

Annette suspirou.

– Pensei que estivesse morto, porque sangrava muito.

– Esqueça, querida. Não deve mais pensar em Lims.

– Você me perdoa por eu... ter aceitado o convite dele?

– Perdoarei se me prometer nunca mais dirigir os cavalos de ninguém, exceto os meus.

Ela deu uma risadinha.

– Como se eu fosse fazer isso! Ninguém tem cavalos tão soberbos como os seus.

– Vou ficar com inveja de meus cavalos se eles impedirem, que você pense em mim.

– Sabe que não desejo pensar em nada e em ninguém, a não ser em você. Ainda não posso acreditar que me ame realmente, depois de eu ter me comportado tão mal. À luz das lâmpadas de gás, na rua, ela percebeu que o duque sorria.

– Vejo que está precisando urgentemente de alguém para mantê-la na linha.

Como seu marido, estarei mais habilitado para fazer isso do que qualquer outra pessoa.

– Quer mesmo casar comigo?

– Não está sugerindo ocupar qualquer outra posição em minha vida. está?

Ela corou, sabendo o quanto ele desaprovava seu interesse pelas

"mundanas" e pelas "damas-da-noite".

– Suponhamos que eu... o decepcione... Ou que me meta em alguma encrenca, e você... venha a me odiar...

– Não me decepcionará, querida. Talvez me deixe apreensivo de vez em quando, ou ansioso e até zangado, mas ainda assim a

amarei, pois jamais conheci uma pessoa como você e nunca me senti tão encantado.

– Você me diz coisas tão maravilhosas! Como posso demonstrar o quanto o amo?

– Basta você me dar seu amor. É uma coisa que desejo e da qual preciso, minha pupila querida, levadinha da breca!

Annette agarrou-se ainda mais a ele.

– Nunca pensei que eu pudesse ser tão feliz.

– Nem eu.

Gostaria de beijá-la, mas nesse momento a carruagem entrou na alameda de

Mallory House.

Quando entrou no hall, Annette teve a impressão de que as luzes a ofuscavam. Soube que não era apenas porque ela saíra das trevas que a tinham envolvido durante tanto tempo, como também porque se sentia tão feliz que tudo à sua volta parecia ter uma luz divina.

Foram para a biblioteca. Depois que a porta se fechou, a moça virou-se para o duque.

Achou impossível um homem ser tão magnífico, tão belo e, ao mesmo tempo, tão autoritário.

– Em que está pensando? – perguntou o duque.

– Acho que estou sonhando – respondeu Annette, com voz entrecortada. – Que não é possível que você me ame.

O duque abriu os braços.

– Venha cá e lhe direi o quanto!

Annette correu para ele e o duque a apertou contra o peito. Ela ergueu a cabeça e viu que a olhava ternamente, ao dizer:

– Nunca pensei que uma mulher pudesse ser tão bonita e também tão imprevisível e tão original. Há em você, minha querida, qualquer coisa de irresistível! Jamais imaginei sentir por uma mulher o que sinto por você.

– Talvez, quando me conhecer melhor, fique entediado.

– Acho pouco provável, porque sua mente é tão cativante como seu rosto, meu amor. Não conheço outra que pense como você pensa e, para dizer a verdade, que sinta como você sente.

– O que fiz, muitas vezes, o deixou muito zangado.

– E tenho certeza de que o mesmo acontecerá no futuro. Mas garanto-lhe que é impossível ficar entediado e zangado ao mesmo tempo.

Annette riu.

– É tão excitante, tão maravilhoso, saber que posso ficar a seu lado, conversar com você e aprender com você!

Teve a impressão de que ele a olhava com surpresa e acrescentou:

– Há tantas coisas que eu desejava que você me ensinasse, desde que vim para cá, mas não queria fazer muitas perguntas. Você é tão inteligente, sabe tanta coisa! Vai me ensinar o que quero saber?

– Não faço promessas – respondeu o duque, com cautela. – Mas há uma coisa que vou lhe ensinar, minha adorada, e que para mim é a mais importante da vida.

– O quê?

– O amor. E, mesmo que você seja uma ótima aluna, garanto que as lições levarão muito tempo!

– É o que desejo aprender – murmurou Annette.

– Também eu tenho muito que aprender. Agora sei que nunca amei, até conhecer você.

– Sou diferente?

Annette não pôde deixar de pensar na beleza de lady Lucinda e no encanto e na atração de Blanche Moureau.

– Muito diferente. E é verdade, minha querida, que nunca pedi outra mulher em casamento.

– Fico satisfeita com isso. Muito satisfeita.

Como se não pudesse esperar que a iniciativa partisse dele, Annette pôs os braços à volta do pescoço do duque e puxou sua cabeça para baixo.

– Eu o amo com todas as fibras de meu ser. Meu coração, minha alma, meu espírito... são seus!

O duque apertou-a com tanta força que ela mal podia respirar.

Beijou-a com paixão, tornando-a sua prisioneira e despertando nela um fogo que a consumia.

"Até parecem os fogos de Paradise Row", pensou Annette, irreverente.

Só existiam as estrelas, a Lua, o Sol, tudo o que havia de belo no mundo, quando ele a transportou para um céu onde havia uma felicidade sem limites.

FIM